
The Fall
of
Cinderella
Fairy tales live in the hearts of fools.
K. STREET



Dolls Books
Wings Traduções

Tradução Mecânica: Kah Wings
Revisão Inicial: Renata
Revisão Final: Amanda Foster
Leitura Final: Seraph Wings
Formatação: Aurora Wings

02-2020

Sinopse

Uma vida perfeita.

Dois oficiais uniformizados.

Três atos de traição.

Quatro batidas de coração.

Cinco palavras que irão destruí-la.

Era uma vez, Tessa Salinger, ela tinha tudo.

Até que...

Ela descobriu que os contos de fadas eram nada mais do que mentiras extravagantes vestidas com roupas luxuosas.

Na realidade... A Cinderela cai.

Prólogo

Tessa

Meus saltos batem contra os ladrilhos enquanto atravesso o saguão para encontrar meu próximo cliente. Ele é alto, com cabelos loiros que caem sobre o olho direito. Mesmo usando terno e gravata, ele parece pertencer a uma prancha de surfe em SoCal[1], em vez de estar dentro do Instituto de Arte de Chicago.

Eu sorrio calorosamente e estendo minha mão.

— Bom dia, Sr. Salinger. Sou Tessa Carmichael, a coordenadora assistente do evento. — Meu pulso dispara quando a palma da mão dele desliza na minha.

— Bom dia, Tessa. Por favor, me chame de Trevor. — Sua voz é suave e rouca.

— Se você se juntar a mim no meu escritório, vou te mostrar o que tenho em mente para a festa. — Eu gesticulo através do saguão.

Enquanto andamos, ele pergunta:

— Então, há quanto tempo você é a coordenadora assistente do evento?

---

[1] O sul da Califórnia, nos Estados Unidos, é famoso pelo clima ensolarado e pelo belo litoral no Oceano Pacífico.

— Quase um ano, — eu respondo e abro a porta do escritório. — Você pode se sentar, se quiser. — Eu gesticulo para o sofá de couro escuro em frente à mesa onde o meu laptop está aberto. — Posso pegar uma garrafa de água para você? Ou uma xícara de café?

Ele se senta e seus olhos lentamente examinam meu corpo antes de voltar para o meu rosto.

— Água seria ótimo.

Abro a geladeira, retiro duas garrafas de água e dou uma a ele. Eu o vejo abrir a tampa e levar a garrafa até a boca. Sua língua sai para pegar uma gota de água, e um suspiro audível me escapa.

— Tessa? Tudo bem?

— Hum, sim. Sinto muito. — Eu preciso desesperadamente controlar minha libido. Eu me certifico de deixar espaço entre nós quando me sento no sofá e pergunto: — Você tem uma lista de convidados atualizada? — Eu clico para abrir a planilha do Excel e espero que ele responda. Quando não o faz, eu olho para cima para ver seus olhos fixos nos meus lábios.

— Setecentos, — ele responde sem problemas.

Eu digito o número e retorno minha atenção para ele.

— Você trouxe um cheque para o depósito?

Ele coloca a mão no paletó cinza e retira um envelope branco. Quando estende para mim, nossos dedos se tocam. Minha respiração para, e sinto seu toque todo o caminho até os dedos dos pés. Nossos olhares travam e a eletricidade

crepita no ar. Eu tento tirar o envelope da mão dele, mas ele segura firmemente.

— Tessa, jante comigo. — Ele não diz isso como uma pergunta, e tenho certeza de que não é um pedido.

— Sr. Salinger, — eu digo. Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Trevor, me desculpe. Eu não posso.

— Você não pode? Tipo não é capaz? Ou você não quer?

— Não posso. É inapropriado. Uma espécie de conflito de interesses.

— Encontre-me para uma bebida então.

— Eu...

— Uma bebida, Tessa. Isso é tudo, — diz ele, me cortando.

E droga se eu não amo o jeito que ele diz meu nome.

— Tudo bem, — eu cedo.

Uma bebida leva a duas. Um jantar leva a outro, e no momento em que a festa de caridade vem e vai, estou me apaixonando por Trevor Salinger. O homem é cheio de charme e amá-lo é tão fácil quanto respirar. Assim como um conto de fadas...

1

Jessa

Quatro anos e meio depois

Bam!Bam!Bam!

As batidas na porta me tiram do sono e levo um minuto para me orientar. Eu devo ter cochilado no sofá, esperando Trevor chegar em casa. Esfregando o sono dos meus olhos, tropeço até a porta enquanto a batida soa novamente.

— Sra. Salinger? — Um barítono profundo chama do outro lado da porta.

— Só um minuto. Estou indo, — eu respondo, me esforçando para esconder o pânico na minha voz.

Com os dedos instáveis, penteio o cabelo e passo minhas mãos sobre o pijama, alisando-o. Na ponta dos pés, espio pelo olho mágico e vejo Theo, nosso porteiro, parado no corredor. Ele está ladeado por dois policiais do Departamento de Polícia de Chicago. Um sentimento de naufrágio se instala na boca do meu estômago quando giro a maçaneta e abro a porta.

— Theo. — Minha voz treme quando digo seu nome.

— Está tudo bem, senhora. Esses oficiais precisam de um momento do seu tempo. — Ele força um sorriso, um que

tenho certeza é para me tranquilizar, mas não ajuda. Theo se vira e caminha até o elevador sem olhar para trás.

— Sra. Salinger, podemos entrar? — Pergunta um dos policiais.

— Eu sinto muito. Sim, claro, por favor, entrem. — Gesticulo para a sala de estar e espero que eles entrem antes de fechar a porta. Meus pés estão pesados enquanto sigo atrás deles.

O cobertor amassado permanece espalhado sobre o sofá onde o deixei momentos atrás. Com os dedos trêmulos, eu o dobro antes de colocá-lo sobre o encosto do sofá.

Em uma voz tão baixa, que mal reconheço como a minha, faço a pergunta para qual não quero a resposta:

— É Trevor, não é?

— Eu sou o policial Wade e esta é minha parceira, a policial Finch. — Ele aponta para a pequena loira ao lado dele. — Por favor, vamos sentar. — Seu tom não se altera mesmo quando ele me convida para sentar em minha própria casa.

Seu rosto é uma máscara de profissionalismo, mas por uma fração de segundo não esconde nada, e pavor penetra nos meus poros.

— Não. Por favor, prefiro ficar de pé. — Um milhão de cenários horríveis passam pela minha cabeça, cada um pior que o anterior. Este momento ficará marcado em meu cérebro por muitos anos a partir de agora. Eu vou lembrar onde

estava e exatamente o que vestia. Nos próximos segundos, meu coração se despedaçará.

— Sra. Salinger, realmente seria melhor você se sentar, — insiste o policial Wade.

Seus olhos piedosos parecem avaliar cada pequeno passo que dou em direção à cadeira. Eles se acomodam no sofá, rostos sombrios substituindo as amabilidades.

— Sra. Salinger, lamento informar que seu marido, Trevor, se envolveu em um acidente, — disse o policial Wade.

Meu coração aperta em meu peito e as palavras passam pelos meus lábios.

— O que você quer dizer, ele se envolveu em um acidente? — Meus olhos voam para o relógio na parede. Já passa das duas da manhã, e Trevor deveria estar em casa há algumas horas.

Oh Deus. Por favor. Por favor.

— Um suspeito fugindo de um crime atingiu o veículo do Sr. Salinger, — explica o policial Wade. — Eu sinto muito, Sra. Salinger. Seu marido morreu no impacto.

Eu balancei minha cabeça em negação.

— Não! Não. — *Ele estava a caminho de casa para mim.* — Não é ele, — eu digo desafiadoramente. — Houve algum tipo de erro. — Meus braços envolvem firmemente ao redor da minha cintura, e as lágrimas ardem nos meus olhos. *Por favor, deixe que seja um erro. Isso não pode estar acontecendo.*

Eles olham para mim com simpatia em seus olhos.

— Existe alguém que podemos chamar para você? — A policial Finch pergunta.

Suas palavras se misturam na minha cabeça quando a sala começa a girar.

— Não. Não. Por favor, vá embora. — Quando eles não fazem uma tentativa de sair, eu repito: — Por favor.

— Mais uma vez, sentimos muito por sua perda, Sra. Salinger. Nós entraremos em contato, — disse a policial Finch.

Eu não percebo quando eles saem pela porta. Ou viro a cabeça quando o clique da maçaneta ecoa pelo nosso apartamento.

— *Seu marido morreu no impacto.*

Essas cinco palavras cantarolam e soam como o vinil arranhado em um toca-discos. Eu afundo no chão, minhas mãos cobrindo meus ouvidos para bloquear o som.

— *Seu marido morreu no impacto.*

Elas atacam com a força de um tornado F5, esmagando ossos e quebrando meu coração.

O vômito queima na base do meu esôfago. Eu me esforço para levantar e apertar a mão sobre a minha boca. Então, corro para a cozinha e jogo o conteúdo do meu estômago na lata de lixo. Cambaleio até o armário pegar um copo e encho debaixo do dispensador de água na porta da geladeira. Minha mão treme tanto que a água escorre de um lado e do outro, e tenho que usar as duas mãos para firmar enquanto me movo para a pia. Eu levanto o copo para os

meus lábios e anseio o líquido frio na minha boca. Então me inclino e cuspo pelo ralo. Com o copo ainda na mão, caio de joelhos no chão de madeira.

— Trevor! — Eu grito no vazio.

Eu atiro o copo na parede. Ele se fragmenta em mil pequenos pedaços, muito parecidos com a minha alma. Eu coloco meu corpo em posição fetal, e todo o meu ser estremece com a força dos meus soluços. O fluxo interminável de lágrimas distorce minha visão. Eu rolo de lado e pressiono minha bochecha contra o chão.

— Por favor, Deus. Não Trevor, — eu imploro.

Dói muito. Eu não consigo respirar.

Eu choro até tudo ao meu redor desaparecer no escuro.



Horas depois, acordo na cama sem lembrar como cheguei nela. Eu rolo e passo a mão pela fronha de Trevor, o tecido está frio contra a palma quente da minha mão. Por uma fração de segundo, me pergunto se ele está na cozinha, fazendo café. Então, a lembrança da noite passada desaba sobre mim como um tsunami. Minha mão encontra o caminho para a minha boca, reprimindo o soluço.

Trevor. Oh Deus. Trevor.

Eu coloco meus joelhos no meu peito e as lágrimas começam de novo.

Uma batida suave soa do outro lado da porta do quarto.

— Tessa? É o Dante. Estou entrando. — É o único aviso que recebo antes que o meio irmão de Trevor entre no quarto.

Pressionando minha mão com mais força contra os meus lábios, eu balanço minha cabeça. Estou me esforçando muito para manter os soluços. A perda esmagadora, irregular e dolorosa, me ultrapassa. A força dos gritos silenciosos invade meu corpo. Minha mão escorrega e o silêncio não existe mais. Os sons que perfuram o ar são de outro mundo. Isso dói. Dói para caralho.

— Tessa?

A cama mergulha.

— Tessa! Vamos, Tessa. — Os olhos de Dante estão selvagens, em pânico.

Parece que ele está tentando dizer algo, mas o choro é tão alto que não consigo ouvi-lo. Suas mãos fortes seguram meus braços e me levantam do colchão. Ele me envolve em um abraço apertado e me embala nele, enterrando meu rosto contra a curva de seu pescoço. E eu choro com um quebrantamento tão gutural, a força disso sacode nossos corpos, assim como a cama. Quanto mais choro, mais apertado Dante me segura.

Minutos, talvez horas, passam quando eu finalmente levanto a cabeça.

— Ei, — diz ele, encontrando meus olhos inchados. Seu cabelo escuro está desgrenhado. A pele abaixo de seus olhos está escurecida pelas sombras. Íris de chocolate revelam tristeza e choque. — Tessa... eu sinto muito.

Minha cabeça dói de tanto chorar.

— Eu quero a-acordar. — Minha respiração está irregular e espessa. — Eu quero que isso não seja real.

Os olhos de Dante estão cheios de dor quando meu olhar se fecha no dele.

— Eu sei, Tess. Eu também. — Ele me estuda por um minuto, e sei que tem algo mais a dizer. — Eu vim ontem à noite assim que soube... — Sua voz desaparece, e percebo como cheguei na cama.

De repente, sentar em seu colo é estranho. Deslizo e me sento ao lado dele, deixando cair minha cabeça em minhas mãos.

— Eu saí mais cedo para pegar café da manhã. Vou te dar alguns minutos. — Dante se levanta e caminha em direção à porta.

Eu solto um suspiro e enxugo os olhos.

— Eu-eu vou descer em alguns minutos, — eu digo, levantando.

Ele se vira e atravessa o pequeno espaço entre nós. Quando estamos a centímetros de distância, ele abre os braços e me puxa contra o seu peito. Eu tento engolir o nó na garganta enquanto meus braços envolvem sua cintura. Ele me segura firme contra ele, sem palavras acariciando meu cabelo, e eu não consigo parar as lágrimas.

Quando finalmente fala, ele diz:

— Nós vamos passar por isso, Tessa, eu prometo. — Eu fungo, e ele me segura mais perto e sussurra: — Eu estou com você. Você não precisa passar por isso sozinha.

Eu não vejo como devo *passar por isso*. Continuar respirando quando a base do meu mundo inteiro caiu debaixo de mim.

Sem responder, deixo suas palavras pairarem no ar e saio de seu abraço. Há uma suavidade no olhar normalmente intenso de Dante. Ele se afasta e eu pego minhas roupas antes de ir para o banheiro da suíte. Depois que ligo o chuveiro, tiro meu pijama.

O espelho do banheiro embaça do calor crescente, e meu reflexo no vidro desaparece. Está lá um minuto e depois... se *foi.*

Assim como Trevor.

Eu entro de baixo da água. O jato muito quente pica, mas não ajusto a temperatura. Sou movida pela necessidade de sentir algo além do sofrimento esmagador. A torrente camufla as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Eu atravesso os movimentos no piloto automático, meu cabelo primeiro e depois meu corpo. O frasco do gel de banho de Trevor chama minha atenção. Eu o pego, abro a tampa e aperto-o na mão, inalando seu perfume picante de sândalo.

E isso me atinge. Ele nunca me segurará em seus braços novamente. Não vamos passear pelas ruas da cidade, de mãos dadas, ou dançar no Grant Park durante o Lollapalooza. Não haverá mais aniversários, feriados ou dias

comuns. O peso da tristeza assume uma presença própria. Soluços altos saem da minha garganta e cubro minha boca para reprimir o som. Incapaz de suportar o peso do meu desespero, caio de joelhos e choro até a água gelar.

Em um piscar de olhos, meu mundo inteiro mudou. E, pela minha vida, não consigo lembrar como puxar o ar para os meus pulmões.

2

Dante

Os gritos de Tessa ecoam através das paredes sobre o som de água corrente. É preciso todo o meu controle para não arrombar a porta para chegar até ela. Eu quero puxá-la em meus braços e fundir sua alma novamente.

Eu passei anos tentando tirar Tessa dos meus pensamentos, usando uma mulher atrás da outra. Cada boceta quente e molhada desaparecendo na seguinte, absorvendo em um mar sem rosto de sexo sem amarras. Estou sempre esperando que o próximo par de pernas onde eu pouse quebrará o feitiço. Ela não é minha para amar; ela pertence ao meu irmão. Vida ou morte. Sua esposa ou sua viúva. É tudo semântica. No entanto, ainda anseio pelo que não é meu, e isso me faz o maior filho da puta que existe.

3
Jessa

Eu sento aqui, na minha sala de estar, a quietude se fechando sobre mim. Os sons da cidade filtram através do concreto e do aço, tornando evidente que, fora dessas paredes, a vida segue em frente. Mas, dentro delas, só há existência.

Eu pego meu celular da mesa de café e passo o dedo sobre a tela. Meu coração se agita ao ver os brilhantes olhos azuis de Trevor e o sorriso com covinhas. Nós tiramos uma selfie boba juntos, sentados em um carrinho no topo da roda-gigante no Navy Pier. Nós parecemos ridiculamente apaixonados, como se nada mais importasse. Eu odeio as malditas lágrimas que picam meus olhos. Tudo o que fiz durante nas últimas trinta e seis horas é chorar. Minhas pálpebras estão em um estado permanente de inchaço e tão vermelhas que estão quase roxas.

Uma batida soa na porta e tenho que me forçar a levantar do sofá. Faço um esforço imenso para colocar um pé na frente do outro. Não me incomodo em olhar pelo olho mágico; Eu já sei quem vou encontrar. Não apenas porque Dante mal saiu do meu lado, mas também há coisas que precisam ser resolvidas. Coisas que não tenho forças para fazer sozinha.

Eu abro a porta e fico sem palavras, observando-o mover os olhos sobre o meu corpo. Quando suas íris escuras encontram as minhas, elas estão cheias de preocupação. Ele parece tão cansado, como se não tivesse dormido nada.

— Você está com fome? Podemos parar e comer algo.

— Não. — Eu não sinto fome há dias.

Nenhum de nós diz uma palavra quando pego minha bolsa na mesa ao lado da parede no hall, e saio pela porta. O clique da fechadura ricocheteia pelo corredor. Ficamos mudos enquanto entramos no elevador, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Quando as portas se abrem para o saguão, Dante e eu atravessamos o andar em direção ao estacionamento.

— Sra. Salinger… — A voz de Theo me impede.

Viro-me para o nosso porteiro, e posso dizer pelo olhar em seu rosto que ele não sabe o que dizer. Tento um sorriso triste para o senhor mais velho que eu adoro.

— Theo, — eu digo em resposta.

O homem mais velho oferece um sorriso triste, mas está sem palavras.

— Nós devemos ir, — diz Dante, apontando na direção do estacionamento.

Uma vez que chegamos ao carro, Dante abre a porta do passageiro do seu Audi e eu me acomodo no assento de couro. Quando não faço nenhum movimento para colocar o cinto de segurança, ele puxa a correia de tecido cinza e clica no lugar antes de se acomodar atrás do volante. Nós

dirigimos pelas movimentadas ruas de Chicago, deixando o silêncio preencher o espaço entre nós. Eu me inclino contra o encosto de cabeça, sem me preocupar em lutar contra as lágrimas silenciosas que rolam pelo meu rosto e escorre pelo meu queixo.

Não tenho certeza de quanto tempo estamos dirigindo quando Dante para em um estacionamento e desliga o motor. Eu mantenho meus olhos fixos no para-brisa e olho para a distância. Há um pequeno vislumbre de esperança que, se eu não reconhecer *isso*... se não sair deste carro, então não terei que encarar isso.

Eu não quero estar aqui e não quero fazer isso.

Por um segundo, estamos em casa em nossa cama, onde o coração de Trevor ainda bate no seu peito. Fecho meus olhos para a verdade e, por um momento, deixo-me fingir que estou enfiada no calor do corpo de Trevor. Imagino a ponta de seu dedo deslizando sobre a minha clavícula e depois no meu peito antes dele achatar a palma da mão contra o meu estômago. Eu imagino seus lábios, quentes e cheios contra os meus. Eu fantasio sobre a sensação de seu longo cabelo de surfista fazendo cócegas em minhas bochechas. Toda minha energia é derramada em conjurar a imagem dele, até a covinha em sua bochecha.

Quando abro os olhos, a realidade desce, arrastando-me para a realidade. Eu sinto o peso do olhar de Dante em mim. Ele sai do carro e caminha até o lado do passageiro, abrindo a porta. Ele estende a mão e espera pacientemente que eu

aceite. No minuto em que meus pés deixam os limites do carro de Dante, quando meus sapatos rangem no cascalho... não poderei mais fingir. Mas ficar sentada aqui não trará Trevor de volta; isso não fará menos real. Com uma inspiração profunda, coloco minha mão na de Dante.

O prédio surge como um portal para o meu próprio inferno pessoal. Minha cabeça gira e meu corpo oscila. Angústia agarra-me por dentro, ameaçando me deixar de joelhos.

— Tessa. — Dante me solta e coloca uma mão em cada um dos meus braços.

Eu balanço a cabeça.

— Eu preciso de um minuto.

Ele gentilmente me puxa contra ele, e eu o deixo me abraçar. Não só porque preciso do seu conforto, mas também porque ele é a única barreira entre mim e o chão. Eu sugo sua força porque não tenho a minha.

Depois de longos minutos, aceno com a cabeça contra a parede dura do seu peito. Juntos, caminhamos em direção à entrada, e eu tento muito me fortalecer contra o abismo da perda.

Dante abre a porta, coloca a mão nas minhas costas e me leva para dentro. O inferno cheira a ar reciclado, ligeiramente floral.

Eu não quero estar aqui.

Um senhor mais velho se posiciona ao lado enquanto avançamos para o espaço.

— Boa tarde, Sra. Salinger, — ele nos cumprimenta. — Sinto muito pela sua perda.

Não tanto quanto eu.

Sorrindo fraco e com olhos cheios de piedade, ele se apresenta:

— Eu sou Henry, um dos agentes funerários.

Eu não respondo às palavras de Henry. Em vez disso, fico em silêncio ao lado de Dante.

— Olá, Henry. Eu sou Dante Salinger. Trevor é... era meu irmão.

Era.

Trevor se foi...

Eu fecho meus olhos enquanto forço minha respiração a permanecer firme. Quando os abro novamente, Dante está apertando a mão de Henry. Nenhum dos dois parece ter notado meu lapso.

— Sinto muito pela sua perda, — diz Henry. — Se vocês puderem me seguir.

Ocorre-me que eu poderia permanecer fixa neste ponto. Cavar meus pés e recusar a me mexer. Meu corpo e alma anseiam desafiar o que meu cérebro já sabe. Ficar enraizada não vai mudar nada porque não há como adiar o inevitável.

Henry nos leva a uma pequena sala de conferências. Eu olho em volta do espaço e meus olhos vagam sobre as urnas. Algumas são esculpidas em mármore, outras em cobre ou vidro. Cruzes e pombas adornam as paredes, símbolos destinados a invocar uma sensação de serenidade.

Eles não fazem nada para me trazer paz.

Dante puxa uma cadeira e sinto o calor de sua mão enquanto ele me guia para o assento. Eu luto para respirar, e não posso dizer se o chiado audível é causado pelo ar que sai da cadeira ou meus pulmões grudados. Escondo minhas mãos no meu colo debaixo da mesa. Meus dedos se fecham por vontade própria, formando punhos. Unhas pintadas mordem a carne. Eu saboreio a picada irradiando pelas minhas palmas. Uma dor aguda para neutralizar a outra.

— Por favor, sirva-se de uma garrafa de água, — Henry oferece, apontando para a bandeja no centro da mesa.

Eu não olho para cima, mas vejo Dante pegando uma na minha periferia. Ele abre a tampa e coloca na minha frente. Minha língua está tão seca que está colada no céu da boca. Eu levanto a água aos meus lábios e engulo metade antes de colocá-la de volta na mesa.

— Sra. Salinger, — Henry começa quando pega uma pasta que está em cima de um livro grosso ao lado dele, — nós temos alguns documentos para revisar, e preciso que você assine alguns. — Quando eu não respondo, ele continua. — Você está interessada em serviços de enterro ou cremação?

Que tal nenhum dos dois? Não é uma opção? Porque eu não quero fazer isso. Não quero estar aqui. Eu quero meu marido.

— Enterro, — eu digo baixinho, meus olhos fixos na condensação se instalando nas ranhuras da garrafa de plástico.

— Claro. — Henry move a caneta sobre o papel. — Quantas cópias do atestado de óbito você gostaria?

Isso é algum tipo de piada? Quantas eu gostaria? Nenhuma. De quantas eu preciso?

— Eu não tenho certeza. O que é um bom número, Henry? — Não consigo esconder o tom de irritação na minha voz.

Eu não sei. Não consigo pensar direito. Henry deveria ter as respostas.

Sinto-me doente. Eu não quero estar aqui.

Dante alcança meu colo e gentilmente aperta minhas mãos em punhos. Não sei se ele está dando força ou se é uma advertência.

— Oito, — diz ele, soltando minha mão.

Henry anota antes de colocar a caneta e os papéis de lado e arrastar o livro grosso na frente dele, mas seus olhos estão em mim.

— Temos os preços organizados em níveis, mas se você tiver alguma dúvida, por favor, pergunte. — Ele abre o catálogo. — Você sabe que tipo de caixão gostaria para o Sr. Salinger?

É isso aí. Eu não posso fazer isso.

As lágrimas aparentemente implacáveis escorrem pelo meu rosto, queimando minha pele sensível com seu sal.

Eu balanço minha cabeça para frente e para trás.

— DD-Dante. — Eu digo seu nome como uma oração, um apelo para que ele faça algo.

— Henry, você poderia nos dar alguns minutos?

— Claro. Só atravesse essa porta quando estiver pronto. — Ele aponta para algum lugar, mas não presto atenção.

Quando ouço o clique da porta, levanto as mãos para o rosto e soluço em minhas palmas.

— Eu não posso. Eu não posso fazer isso. — Minha respiração rapidamente se torna errática, e eu luto para sugar o ar em meus pulmões.

Dante desliza sua cadeira para trás e vira a minha cadeira para enfrentá-lo. Ele cobre minhas bochechas, sem se importar que eu esteja uma bagunça de lágrimas e ranho. Ele aperta meu rosto.

— Respire, Tess. Vamos. Respire.

Olhos arregalados e mãos arranhando minha garganta, eu não consigo. Não posso respirar.

— Tessa. Olhe para mim. — Seu tom autoritário encaixa meus olhos nos dele. — Você está tendo um ataque de pânico. Você tem que controlar sua respiração. Respire comigo, Tessa.

Respiramos em sincronia pelo tempo que leva ao meu coração acelerado se acalmar. Aos poucos, o pânico diminui.

Dante tira as mãos do meu rosto. Ele pega alguns lenços da caixa na mesa e os entrega para mim.

— Melhor?

— Sim, — eu minto através de um soluço quebrado e ofegante.

Ele pega o catálogo de caixões, arrastando-o para nós, e eu cravo minhas unhas nas palmas das mãos novamente, usando força suficiente para deixar marcas por dias.

— Beba sua água, — ordena Dante, passando-me a garrafa.

Dedos trêmulos seguram a garrafa e a levam aos meus lábios. Tomo alguns pequenos goles e coloco de volta na mesa.

Dante, interrogativamente, olha para mim.

— Pronta?

Não.

Eu fecho meus olhos e me forço a passar por isso. Quando abro os olhos novamente, Dante está me observando atentamente.

Sei que ele vai me dar o tempo que eu precisar, e de alguma forma, convoco forças para lhe dizer o que ele está esperando para ouvir.

— Ok.

— Certeza? — Ele pergunta, precisando de confirmação.

— Sim.

Dante folheia algumas páginas quando vejo um caixão azul apenas um pouco mais escuro que os olhos de Trevor.

— Esse, — eu digo em uma respiração irregular.

— Este aqui? — Ele aponta para o da direita.

— Sim.

— OK. E as flores? — Ele pergunta.

Eu posso ouvir a dor em sua voz. Ele odeia fazer isso tanto quanto eu.

— Eu não me importo. Apenas e-escolha alguma coisa. — É a verdade; Eu não me importo. Todas as flores morrerão de qualquer maneira. Elas estarão mortas, assim como Trevor.

Dante pega a papelada. Eu não digo nada enquanto o vejo preencher as informações do obituário. Com cada golpe da caneta, ele resume a vida de Trevor em questão de alguns parágrafos. Milhares de pessoas lerão essas palavras em um jornal ou online. Para eles, meu marido é apenas um nome impresso em uma página. Eles podem observar como é incrivelmente trágico que ele morreu tão jovem. Mas eles não vão chorar por ele. Não do jeito que eu lamento por ele. Eles não vão sentir falta do sorriso dele ou do som da risada dele. Ninguém mais esperará por seu toque ou perderá a sensação de seu corpo pressionado por trás do deles. Essas pessoas não sentirão falta das piadas internas ou de todas as pequenas coisas que compõem uma vida. *Nossa vida.* Eles não vão sofrer pelas memórias que nunca teremos a chance de criar ou pelos bebês que deveríamos ter tido. Eu não tenho mais nada dele. Nenhuma razão para continuar.

— Tessa, — Dante chama.

O som da sua voz me puxa dos meus pensamentos sombrios. Ele desliza alguns papéis na minha frente e me entrega uma caneta, apontando para onde eu preciso assinar.

Eu rabisco minha assinatura no espaço.

Tessa Salinger

Eu peguei o nome de Trevor e usei-o como um distintivo de honra.

Quem sou eu... sem ele?

Este é o meu inferno pessoal.

Depois de mais algumas assinaturas, Dante retira a caneta da minha mão e diz:

— Vamos tirá-la daqui.

Encontramos Henry na recepção.

— Está tudo sobre a mesa. Se tiver alguma dúvida, me ligue. — Dante pega sua carteira e lhe entrega um cartão de visitas. — Eu trarei as roupas dele amanhã.

As roupas dele.

Dele.

Roupas.

Os rangidos de dentes afiados me rasgam. Uma agonia incapacitante toma cada célula e terminação nervosa do meu corpo. Eu caio de joelhos e o mundo fica negro.

4
Dante

A culpa queima dentro de mim como uma lâmina de aço forjada no fogo. Toda vez que olho para Tessa, vejo o coração partido em seus olhos âmbar, a lâmina torce.

A morte de Trevor foi minha culpa. Pedi a ele que me encontrasse no bar naquela noite para tomar uma bebida. Eu queria lhe dar o benefício da dúvida. Não só como meu irmão, mas também como meu parceiro de negócios. Tinha que haver uma explicação, alguma maneira de justificar isso. Quando ele confirmou o que eu já suspeitava, nós tivemos uma discussão. E ele nunca chegou em casa.

Trevor se foi, e fui eu quem ficou com o peso de seus segredos pendurados no meu pescoço como um laço. Segredos que pretendo manter, não por ele, mas por Tessa. Ela não é forte o suficiente para suportar esse tipo de golpe. Isso a destruiria. A corda em que ela está pendurada é fina, e eu me recuso a ser aquele que a faz se romper.

Depois que ela desmaiou na casa funerária, não havia como deixá-la sozinha.

Eu preciso de uma merda de distração antes de acabar sentado em seu quarto, vendo-a dormir como um maldito perseguidor. Pego meu telefone, deslizo o dedo pela tela e percorro vários e-mails, marcando os mais importantes.

Soluços altos quebram o silêncio, me assustando para caralho. Eu corro em direção ao quarto principal, meu telefone apertado com força na mão.

— Tess? — Eu chamo de fora de sua porta.

Quando ela não responde, giro a maçaneta e abro a porta. Ela está enrolada em uma bola no centro de sua cama king-size. Um pequeno amontoado trêmulo sob os cobertores, dor em sua forma mais pura. A visão dela arranca meu maldito coração.

Eu tenho que fazer alguma coisa, e só uma pessoa me vem à mente. Percorro meus contatos e paro quando encontro o nome que estava procurando.

Madison Parker, MD.

Ela atende no primeiro toque.

— Dante?

— Madison. Já faz muito tempo.

— A que devo o prazer? — Ela diz num tom de flerte.

— Eu preciso de um favor... — Eu entro no corredor e explico o motivo da minha ligação.

Depois que desligo, interfono ao porteiro de Tessa para avisá-lo que estou esperando uma entrega em cerca de trinta minutos e o autorizo a recebê-la quando chegar. Então, volto para o quarto, ando até Tessa e me sento na cama. Eu a pego, puxo-a em meus braços para embalá-la em meu peito e murmuro palavras de consolo contra seu cabelo.

Suas lágrimas penetram na minha camisa e a umidade se agarra à minha pele. Vê-la assim me mata. Querer

consertar isso, mas saber que não posso é uma tortura. Tenho que me conter para evitar beijá-la e tentar tirar sua dor.

Vários minutos se passam antes que ela fale, sua voz baixa e rouca.

— Eu gostaria que meus pais estivessem aqui.

— Eu vou ligar para a companhia de cruzeiros, Tessa. Fretar um avião. Se você os quiser aqui, farei acontecer. — E eu vou; tudo o que ela tem que fazer é pedir.

Ela balança a cabeça contra mim.

— Não. — Ela se inclina um pouco, limpando o rosto com as costas das mãos antes de respirar calmamente e se inclinar para mim novamente. — Dante, eles estão ansiosos por esta viagem há tanto tempo. É seu trigésimo aniversário. Não vou estragar tudo para eles.

— Você tem certeza? — Não seria fácil, mas não é impossível. — Talvez você devesse lhes mandar um e-mail pelo menos.

— Não, — diz ela com firmeza. — Além disso, meus pais não são exatamente experientes em tecnologia. Não há como eles comprarem um pacote Wi-Fi, e o sinal de celular deles é irregular na melhor das hipóteses na maior parte do tempo.

— Se você mudar de ideia, cuidarei disso. — Eu envolvo meus braços em volta dela e aperto.

Quando eu a solto, ela desliza do meu colo para se deitar. Uma olhada no meu relógio me diz que Theo deve estar aqui a qualquer momento com a entrega.

— Eu volto já.

— Tudo bem, — diz ela, descansando a cabeça no travesseiro.

Saio do quarto e vou em direção à cozinha, mas uma batida na porta me faz mudar de direção. Eu ando até a porta, agarro a maçaneta e abro.

Theo está de pé do outro lado com uma pequena bolsa nas mãos.

— Sua encomenda, senhor.

— Obrigado por trazer até aqui. — Eu nem sequer tenho que abrir para saber que é o sedativo que Madison enviou via correio. Eu tiro de sua mão estendida e, em seguida, enfio a mão no bolso antes de tirar uma nota de vinte.

— De nada. Deixe-me saber se há mais alguma coisa que eu possa fazer, — diz ele, saindo.

Quando falei com Madison antes, ela me disse para ter certeza de que Tessa tomasse as pílulas com comida, então vou para a cozinha e encho um prato de bolachas e manteiga de amendoim, e então sirvo um copo de leite para ela.

Ela ainda está na mesma posição que a deixei, olhando para o espaço.

— Tess. Você precisa comer.

Ela sacode a cabeça.

— Não estou com fome.

— Tente algumas mordidas, — eu encorajo. — Eu liguei para uma amiga, uma médica. Ela enviou algo para ajudá-la a dormir, mas você não pode tomar com o estômago vazio.

Ela se senta, se inclina contra a cabeceira da cama e pega o prato e o copo de minhas mãos estendidas. Ela come algumas bolachas e bebe um pouco de leite. Tirando o frasco da caixa, abro e lhe dou uma pequena pílula branca.

— Obrigada, — ela diz baixinho antes de engoli-la com o resto do leite. Então, ela coloca o prato de bolachas e o copo vazio na mesa de cabeceira.

Eu vejo quando ela se deita novamente, seu cabelo derramando sobre o travesseiro. Ela é a criatura quebrada mais bonita que eu já vi. Seus longos cílios roçam os círculos escuros sob os olhos. Uma lágrima silenciosa desliza pelo seu rosto, e eu não quero nada mais do que rastejar na cama com ela. Traçar a ponta da minha língua sobre suas bochechas e lamber o rastro salgado de sua pele. Eu quero abrir suas pernas, afundar até as bolas dentro dela e dominar sua dor por dentro. Levá-la para um lugar onde ela trocaria sua tristeza por doce tortura. O tipo que levaria a um êxtase onde nós dois poderíamos esquecer.

Esquecer a agonia.

Esquecer a raiva.

Em algum lugar onde os segredos são tão bem escondidos que nunca viriam à luz. Em algum lugar onde a culpa não existe.

Sabendo que não posso ficar neste quarto mais um minuto sem tocá-la, pego os pratos e me viro para ela.

— Durma um pouco. Estarei aqui quando você acordar.

— Dante... obrigada, — ela diz suavemente com um sorriso triste e aguado.

Eu me viro e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

5
Tessa

Frio, tão cortante que penetra nos meus poros, reivindica cada terminação nervosa quando se instala em meus ossos. Sou incapaz de sentir meus dedos, mas estou desesperada para a dormência ultrapassar minha pele. Anseio pelo ar gélido para anestesiar meu coração, tirar minha alma de sua miséria. Tudo machuca. Respirar é doloroso. Cada inspiração é um lembrete de que nunca vou respirar o mesmo ar que Trevor. Nunca mais. Novamente.

A tristeza se agarra ao gramado manchado de granito cinza. As pessoas se reúnem perto. Como eu, eles estão vestidos de preto. Ao contrário de mim, eles deixarão este lugar de morte perpétua e suas vidas continuarão. Eu estarei no limbo... irrevogavelmente quebrada. Porque meu coração não baterá mais no meu peito. Em vez disso, será enterrado sob a terra fria e escura.

As palavras do ministro são um zumbido incessante, como se mil abelhas estivessem na minha cabeça. Ele lê o vigésimo terceiro Salmo em voz alta, e é preciso todo o esforço que eu possa reunir para não pular desta cadeira de metal gelada e exigir que ele cale a boca.

— ...Porque tu estás comigo; Vosso suporte e vosso cajado me consolam.

Deus está comigo?

Talvez Deus devesse estar com Trevor. Porque, se Deus estivesse com Trevor, eu não estaria aqui. Não haveria um buraco cavernoso de quase dois metros de profundidade, preparado para engolfar meu marido. E conforto... a escritura não me conforta. As palavras são como ácido queimando minha carne. Ácido derramado em uma ferida aberta.

Aperto firmemente minhas mãos no meu colo, cravando minhas unhas em meus dedos com força suficiente para tirar sangue. Um ato que me impede de cobrir meus ouvidos para bloquear o som do oficiante.

Minutos depois, embora não tão breve, a voz do ministro é substituída pelo arrastar de pés. Eu não levanto a cabeça enquanto os enlutados passam por mim ou reconheço os apertos nos ombros ou as desculpas sussurradas pela minha perda. Em vez disso, eu me concentro no chão, meus olhos treinados no local onde as pessoas param para colocar flores sobre o caixão do meu marido.

Quando todos se foram e Dante é o único que sobrou, além de mim, me levanto e dou um passo à frente.

Inalar.

Expirar.

Inalar.

Uma única rosa vermelha treme em minhas mãos enquanto a coloco em cima das brancas deixadas pelos outros presentes. Com minhas mãos sobre o aço azul escuro e gelado, me inclino para frente, colocando minha bochecha no caixão até que minha carne esteja dormente. Eu viro

minha cabeça e minha boca encontra o metal congelante. Lábios rachados se demoram em um beijo final de adeus. Minha testa repousa contra a superfície e a magnitude da minha perda me consome. Um rio sem fim de lágrimas começa a fluir.

Eu não quero deixá-lo ir.

Eu preciso de você.

Eu te amo, Trevor.

Como devo partir e deixá-lo para trás?

Eu quero muito implorar a alguém para abrir o caixão, para que eu possa rastejar ao lado dele.

Minhas mãos ainda estão achatadas contra o caixão enquanto soluços rasgam a parte mais profunda de mim. Os lamentos despedaçados quebraram o silêncio sagrado.

Calor masculino cobre meu corpo e, por uma fração de segundo, posso senti-*lo*. Trevor. Sua presença palpável. Tenho medo de me mexer, medo de respirar.

Mas não são as mãos de Trevor que cobrem as minhas. Não é Trevor quem arrasta meu corpo para longe da caixa que contém o centro do meu mundo.

Os fortes braços de Dante envolvem-me de forma protetora. Ele me puxa para o peito e me agarra firmemente a ele. De alguma forma, ele sabe que eu não posso ficar sozinha.

— Shh... shh, — ele fala em meu cabelo.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, eu me agarrando a Dante, ele suportando o peso da minha fraqueza.

Eu me esforço para me controlar, e quando meu coração finalmente se acalma o suficiente para que eu não tenha que ser carregada, deixo Dante me levar embora.

Nós passamos lápide após lápide, andando em direção ao carro a nossa espera. Minha visão permanece fixa nos meus sapatos. Um pé e depois o outro. Eu não levanto a cabeça até que Dante quase erra um passo, a ação tirando meu foco do chão. Na minha periferia, noto uma mulher ao lado de uma árvore. Quando nos aproximamos, tento reconhecê-la, mas não consigo. Nada nela é familiar, mas há algo no jeito que ela olha para mim.

Eu olho para Dante. Ele tem uma expressão estranha, e sua mandíbula está cerrada.

— Você a conhece? — Eu gesticulo em direção à mulher.

— Não, — diz ele, rápido e desdenhoso. — As pessoas estarão nos esperando em casa. Devemos voltar.

Eu deixo que ele me leve embora, e a mulher já está esquecida quando sou mais uma vez arrebatada pela minha dor.



Pratos sem fim, cheios de comida, cobrem cada espaço disponível na cozinha, e fico enojada ao vê-los. Eu vou até a cadeira na sala de estar, a mesma em que me sentei quando os oficiais deram o golpe que tirou meu mundo do seu eixo.

Estou cercada por um mar de rostos e nunca me senti mais sozinha em minha vida. As pessoas olham na minha direção, todos os olhos tristes e vozes abafadas. Espalhando clichês sobre Deus e caminhos misteriosos. Eles oferecem suas condolências, e quando não conseguem encontrar suas palavras, acariciam minha mão ou dão um aperto suave. Eu quero que eles saiam.

Eu enterrei meu marido hoje.

Eu não dou a mínima para as regras sociais.

O cheiro de comida compete com o fedor do povo. Alho e especiarias se chocam com fragrâncias florais. Isso faz minha cabeça doer e meu estômago revirar.

Quando não aguento mais, eu escapo, sem ser detectada, me fechando no quarto. Ainda no vestido preto que usei para o funeral, tirei os sapatos, puxei as cobertas e deslizei na roupa de cama quente. Olhos pesados sucumbem à exaustão e caio em um sono sem sonhos.

Quando acordo, está quieto, muito silencioso para uma multidão de pessoas estarem aqui. Eu ouço a quietude, os ruídos que uma casa faz quando parece silenciosa, mas não é. O zumbido do ventilador de teto, o tique-taque de um relógio. Logo, estou pensando nos sons que nunca mais ouvirei. A risada sincera de Trevor, seu ronco, meu nome em seus lábios.

Uma lágrima solitária rola do meu olho. Eu deslizo e saio da cama. A vontade repentina de lavar o dia de hoje da minha pele me subjuga, e preciso usar o banheiro.

Eu lavo e seco minhas mãos e, em seguida, estudo meu reflexo. Depois de pegar o removedor de maquiagem, umedeço um pedaço de algodão com a solução e limpo a máscara. Com cada passada do algodão em minha pele, a dureza da minha nova realidade me encara de volta.

Tessa Salinger, vinte e sete anos de idade. Viúva.

Viúva.

A palavra ecoa através de mim como a porta de uma cela batendo. Eu viro as costas e tiro minhas roupas.

Depois do banho, me visto e vou para a cozinha. Os balcões estão limpos, todos os vestígios da recepção do funeral se foram. Eu ando até a geladeira e vejo uma nota que Dante deixou na porta.

TESSA,

COMA ALGUMA COISA. EU VOLTO LOGO.

DANTE

Ignorando completamente a ordem escrita de Dante, eu deixo a comida e pego uma garrafa de água, levando-a para a sala de estar. Eu me enrolo no canto do sofá, puxando o cobertor em cima de mim, e dou um suspiro pesado. Há uma nova dor permanente no meu peito. Eu achato minha palma, pressionando contra ela, como se eu pudesse fazê-la desaparecer.

Meus olhos se movem ao redor da sala, fixando-se no centro da estante, concentrando-se na foto emoldurada de Trevor e eu no dia do nosso casamento. Ao lado da foto está o nosso álbum de casamento. Não me lembro da última vez que folheei as páginas. Cheia de um desespero inato para estar perto de Trevor, eu saio do meu lugar e caminho até a estante para pegar o álbum.

Abraçando-o contra o meu corpo, levo-o de volta para o sofá e puxo as fitas do intrincado laço. O livro está aberto e plano no meu colo. As lembranças daquele dia me inundam. Uma pequena risada escapa quando me lembro; Para alguém que planeja eventos para viver, eu estava uma bagunça no dia do meu casamento.

Eu olho para a foto em close-up de Trevor e eu. Meu dedo indicador percorre seu rosto. Ele parece tão bonito em seu smoking, seus olhos brilhantes, cheios de amor e vida, enquanto exibe aquele sorriso de parar o coração para mim. De alguma forma, o fotógrafo capturou o amor que irradiava de nós dois.

Trevor foi a soma de todos os meus sonhos de infância. Ele era meu príncipe encantado. E ele me fez sentir como... Cinderela. Ele me deu tudo o que eu sempre quis. Nosso castelo era um apartamento em um arranha-céu. Eu tinha sapatos chiques e roupas bonitas. Mais importante, compartilhamos um amor profundo. A única coisa que faltava era um bebê e tínhamos tentado sem sorte.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e quando a dor é demais para suportar, eu fecho o álbum e coloco na mesa na minha frente. A tristeza densa como areia movediça me suga em seu poço sem fundo.

6
Dante

Tessa está sentada no sofá, inclinada para frente, o rosto em suas mãos e ombros tremendo com soluços silenciosos. O que resta da luz do dia passa através da grande janela panorâmica, destacando o desespero que brilha entre as aberturas de seus dedos. Eu fico do lado de dentro da porta da sala de estar, bebendo-a. Sua tristeza é palpável enquanto a vejo estremecer através dela, e não consigo me lembrar de uma vez em que me senti mais impotente.

Sem palavras, atravesso a sala até o bar, preparo dois copos e os encho de Bourbon. Pegando a garrafa em uma mão e carregando os copos na outra, vou até ela, colocando a garrafa de uísque na mesa de café.

— Aqui, — eu digo, estendendo o licor âmbar. — Beba isso.

Antes de pegar o copo, ela pega a caixa de lenços de papel e enxuga a umidade do rosto.

— Sinto muito. — Suas íris caramelo estão cheias de tristeza.

Olhos vermelhos inchados e bochechas manchadas de lágrimas me enfrentam. Ela nunca pareceu mais bonita.

Tessa aceita a minha oferta enquanto me sento ao lado dela.

— Pare de se desculpar. Você está autorizada a chorar, Tess. Você acabou de enterrar seu marido. — Eu bebo meu Bourbon e encho novamente.

Ela lentamente rola seu copo cheio em suas mãos, olhando para ele, como se de alguma forma tivesse as respostas.

— Eu não sei como devo viver sem ele.

Eu quero beijar suas lágrimas e lhe prometer que tudo vai ficar bem. Mas não posso fazer isso. Em vez disso, deslizo um braço ao redor dela e a puxo para perto. Ela deita a cabeça no meu ombro. Seu peito sobe enquanto ela solta respirações estremecidas.

— Um dia de cada vez, e se for demais, um minuto de cada vez.

Nós nos sentamos aqui por vários minutos antes que eu quebre o silêncio.

— Você comeu alguma coisa?

— Não, — ela observa antes de se inclinar e beber a dose.

Ela estende a mão para a garrafa e eu tiro meu braço do encosto do sofá. Seus olhos voam entre o copo e o Bourbon, como se ela estivesse tentando decidir. Seus dedos longos e finos envolvem o gargalo da garrafa, e ela se inclina para trás no sofá, levando a garrafa para os lábios.

Meu pau se contrai enquanto vejo sua boca se enrugar ao redor da borda. Eu a deixo tomar um gole antes de remover a garrafa de sua mão.

— O que você está fazendo?

Ela olha para mim como se fosse uma pergunta idiota.

— Que diabos parece que eu estou fazendo?

— Parece que você está tentando se embebedar.

— Sabe, sempre gostei disso em você, Dante; você é tão perceptivo.

— Tess...

— Não. Apenas não faça isso.

Suas palavras pairam no ar entre nós e, no silêncio, ouço tudo o que ela não diz. Eu levanto o álcool para a minha boca e tomo um gole antes de passá-lo para Tessa. Nós vamos e voltamos, e nenhum de nós fala uma palavra até termos drenado a última gota.

— Dante? — Meu nome é quase um insulto.

Eu sento com a cabeça encostada na almofada do sofá, os olhos fechados.

— Hmm?

— Como você está... com tudo?

Sinto que ela virou seu corpo na minha direção.

Essa é uma pergunta carregada.

Abro os olhos e viro a cabeça para olhar para ela.

— Eu não sei como responder isso, — digo a ela honestamente. Trevor tinha apenas trinta e três anos, apenas três anos mais novo que eu. Ele nem mesmo tinha realmente vivido.

— Como alguém tão cheio de vida pode ser apagado assim?

Sua pergunta parece retórica, então não a respondo. Em vez disso, eu digo:

— O cara... aquele que fugiu da cena — não consigo dizer que matou Trevor — ele está morto.

Ela fica quieta por alguns minutos, e não tenho certeza se vai dizer alguma coisa.

— Estou feliz. — Suas palavras não me surpreendem. — Estou feliz, e se isso me faz uma pessoa horrível, eu não dou à mínima. Trevor estaria aqui se não fosse por ele.

Trevor estaria aqui, mas seu mundo ainda desmoronaria ao seu redor.

Ela deveria ter sido minha, mas ela não sabe disso. Eu deveria encontrá-la naquele dia para a festa de caridade, não Trevor. Eu estava inundado no trabalho, e quando Trevor voltou para o escritório cedo, se ofereceu para ir no meu lugar. Não pensei duas vezes. Eu me arrependi disso cada dia do caralho desde então.

Um milhão de perguntas giram em minha cabeça como uma bola em uma roleta.

E se eu tivesse conhecido Tessa primeiro?

E se Trevor não tivesse sido um idiota?

E se eu nunca tivesse confrontado meu irmão no bar?

E se...

Eu me levanto para pegar outra garrafa no bar. Carregando-a de volta pela, retorno ao meu lugar ao lado de Tessa e tomo um grande gole de álcool.

— Um brinde a ficar bêbado, — eu digo, passando-lhe o uísque.

7
Dante

Um toque suave na porta do meu escritório tira minha atenção dos papéis que estive examinando, e olho para cima para vejo minha assistente, Katie, parada na porta.

— Você precisa de mais alguma coisa antes de eu sair? — Ela pergunta quando encontro seu olhar.

Já se passaram seis semanas desde o funeral. Eu tenho me enterrado no trabalho, e estou fazendo o possível para manter Tessa inteira.

— Eu estou bem. Tenha um ótimo final de semana, Katie.

Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que ela não foi enganada.

— Você também, Dante, — diz ela antes de se afastar.

Meus pensamentos se voltam para Tessa. Nós ficamos mais próximos desde a morte de Trevor. Tessa precisa de um amigo agora, e francamente, eu também.

Apesar de tudo, Trevor e eu éramos próximos, mesmo que não tivéssemos crescido juntos.

Nosso pai, Grant Salinger, e minha mãe tiveram um breve caso de amor antes de Grant seguir em frente. A primeira vez que encontrei meu pai, eu tinha dez anos e Trevor tinha sete anos. Grant o criou quando sua mãe morreu. Depois que Trevor se formou, ele se candidatou para

a mesma faculdade que frequentei. Nós tivemos a mesma graduação e usamos o dinheiro do nosso pai para fundar Salinger e Salinger Internet Securities. Foi a primeira e última vez que recebi a ajuda de Grant.

Meu celular toca de algum lugar sob a pilha de novos contratos de clientes. Vasculho os documentos até encontrá-lo. A tela se acende com um texto de Tessa.

Tessa: Eu vou pular hoje à noite. Fica para a próxima?

Eu sabia que ela tentaria escapar desta noite. Nós deveríamos ir a um bar para jantar. Além de ir trabalhar, ela não deixa os limites de suas quatro paredes e estou tentando mudar isso.

Eu: Que tal mudarmos em vez disso? Venha à minha casa. Vou pedir pizza.

Tessa: Eu acho que vou ficar em casa.

Eu: Tess, venha. Só por um tempinho.

Meus olhos percorrem a extensão do meu escritório. Está tranquilo, exceto pelo barulho das ruas de Chicago abaixo. Eu coloco o telefone de volta na minha mesa, me levanto e me movo para ficar na frente da parede de janelas para olhar a cidade. As pessoas se movem como pequenos soldados, completamente ignorantes de quão drasticamente suas vidas podem mudar em uma fração de segundo. Como uma decisão tem o poder de mudar tudo.

Meu celular vibra contra a madeira. Eu ando até a minha mesa, pego o telefone e toco na tela.

Tessa: Guarde as azeitonas pretas.



Eu atendo a porta para encontrar Tessa esperando do outro lado. Seu cabelo está em um coque bagunçado, e ela está vestindo o capuz de Chicago Blackhawks de Trevor e uma calça jeans. Os círculos escuros sob seus olhos estão em plena exibição. Seu rosto está livre da maquiagem que ela usa para escondê-los.

Uma linda bagunça.

— Ei, — eu a cumprimento e me afasto para permitir que ela entre antes de fechar a porta.

— Ei, — ela diz baixinho, inclinando-se para um abraço. Ela se afasta, com um sorriso triste no rosto.

— Venha para a cozinha.

Eu ouço os passos de Tessa enquanto ela segue atrás de mim. Pego um copo do armário, encho-o com vinho tinto e passo para ela.

— Obrigada. — Ela tira da minha mão e o leva aos lábios.

Eu me movo para a geladeira para pegar uma cerveja.

Tessa faz uma careta quando eu abro a garrafa e dou um longo gole.

— Eu não vejo como você pode beber essas coisas.

— O quê? Cerveja? — Eu levanto uma sobrancelha para ela.

— Sim. Eu não tenho certeza do gosto do mijo de cavalo, mas eu aposto que é muito parecido, — ela diz, indicando a garrafa.

— Isso da mulher que pode beber uísque como água, — eu provoco.

— Ciumento? — Ela sorri.

Há uma batida na porta.

— A pizza chegou. Quer pegar alguns pratos do armário e me encontrar na sala de estar?

— Certo.

Eu pago o entregador e entro na sala onde Tessa já está sentada. Nós nos ajeitamos no sofá com nosso jantar e comemos. Eu assisto Tessa pelo canto do olho enquanto ela come sua fatia de pizza. Ela mal terminou metade quando abandona seu prato. Ela quase não come o suficiente para se manter viva e eu me preocupo constantemente com ela.

Estamos na metade do filme quando ambos começamos a rir. Ela joga a cabeça para trás, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Sua reação me faz rir ainda mais. Ela está despreocupada, desinibida. É o primeiro vislumbre que tive da velha Tessa em muito tempo, e suprimo a vontade de beijá-la.

Amigos... apenas amigos, eu me lembro.

Sua risada para abruptamente e sua mão voa sobre sua boca. Ela olha para mim com uma expressão horrorizada no rosto e depois explode em lágrimas. Desta vez, elas não têm

nada a ver com diversão. Eu coloco meu prato de lado e me ajoelho na frente dela.

O que diabos aconteceu?

— Tess, fale comigo.

Ela deixa cair o rosto nas mãos, soluços balançando seu corpo. Eu me levanto e a puxo para os meus braços.

— Eu sinto falta dele. — Seu rosto está enterrado no meu peito, suas palavras abafadas.

— Shh. Respire, Tess. Apenas respire. — Meus braços a seguram mais apertado enquanto gentilmente balanço nossos corpos para frente e para trás. — Eu também sinto falta dele, — confesso. É a verdade, independentemente dos seus erros. Eu não perdi apenas meu irmão, meu parceiro de negócios; Eu também perdi um amigo. — Tudo bem rir, se permitir um alívio.

A culpa pesa sobre ela; Eu posso ver tudo sobre ela.

— Parece tão errado.

Eu recuo. Minhas mãos se movem para suas bochechas e eu seguro seu rosto nas palmas das minhas mãos.

— Olhe para mim. Você não fez nada para se sentir culpada.

Ela balança a cabeça e suas mãos viajam de seus lados para envolver minha cintura. Eu tiro minhas mãos do seu rosto dela e a seguro contra mim.

Eu sei, sem sombra de dúvida, não importa o quão zangado eu esteja com meu irmão, se tivesse o poder de mudar as circunstâncias, eu o faria. Se eu pudesse voltar, se

houvesse uma chance de alterar o resultado daquela noite, eu faria isso em um segundo. Mesmo que isso significasse amar Tessa por toda a minha vida de longe, fodendo mulheres aleatórias e vivendo no meu próprio inferno, eu faria isso por ela.

Ver Tessa tão quebrada é quase mais do que eu posso aguentar.

Acomodamos-nos novamente no sofá e eu pego o controle remoto e desligo a televisão. Ela se enrola no meu lado, descansando a cabeça no meu ombro, e compartilhamos memórias da vida *antes*. De jogos de hóquei e beisebol. E Trevor.

8

Jessa

Já se passaram três meses desde que Trevor morreu. Três meses passando pelos movimentos, tentando me habituar a uma vida que *ainda* não sei como viver.

Todas as noites, chego em uma casa vazia e, embora Trevor viajasse muito a trabalho, agora é um tipo diferente de vazio.

Oco. Estéril.

O silêncio nunca foi tão alto. Alguns dias, sinto tanta falta de Trevor, que ligo para o celular dele apenas para ouvir sua voz na mensagem gravada. Seu telefone estava no carro na noite em que ele morreu, e os policiais finalmente me liberaram. A bateria estava morta.

Morto. Eu odeio essa palavra.

Depois de pegá-lo, não consegui ligá-lo e enfiei-o na primeira gaveta da mesa de cabeceira de Trevor. Eu digo a mim mesma que amanhã serei mais forte. Eu me apego ao sentimento, plenamente consciente de que estou me segurando em uma mentira.

Meus pais ficaram arrasados quando lhes dei a notícia. Mamãe ligou assim que chegaram em casa do cruzeiro e meus pais estavam em um avião no dia seguinte. Eles passaram alguns dias comigo, mas fiquei aliviada quando

eles foram embora. Eu pude parar de fingir que estava bem, e eles puderam parar de fingir que acreditavam em mim.

Eu não sei como teria conseguido sem Dante. Eu chorei em seu ombro em mais ocasiões do que posso contar nos últimos meses. Há muitos dias em que a escuridão quase me afoga em suas profundezas ou acho a lâmina de uma faca muito sedutora. Dante está lá, um ventilador forçando o ar nos meus pulmões.

Hoje é um dos dias obscuros. O tipo em que os pensamentos de engolir comprimidos ou desaparecer no fundo de uma garrafa me chamam sedutoramente. Eu não vou em busca de álcool ou drogas; meu vício não é letal. Em vez disso, olho para cima do meu lugar no carpete macio dentro do nosso closet no quarto. Onde as roupas de Trevor permanecem, como se ele fosse chegar em casa a qualquer momento. Onde seu cheiro, ainda forte, me envolve. Este é o único lugar em que ainda posso senti-lo.

Incapaz de dormir na nossa cama king-size, tenho dormido no chão do closet. Trevor costumava brincar que, não importava quão grande fosse a cama que compramos, eu me aconchegava tão perto dele que ele ficava com apenas alguns centímetros e sua imaginação para dormir. Sem ele, não há ninguém para me aconchegar ou me impedir de cair. Seu cheiro desapareceu de nossos lençóis e, em vez do calor do meu marido, minha pele é recebida pelo frio ártico deixado pela sua ausência.

O luto se deita ao meu lado. Seus dedos tristes enrolam em volta do meu coração, apertando-o firmemente com uma dor tão intensa que quase choro. Eu coloco minha palma achatada no meu peito para esfregar a dor.

Desesperada para me sentir mais perto de Trevor, levanto-me da minha cama improvisada e pego o banquinho que mantenho escondido. Eu desdobro e subo no degrau superior. De pé ponta dos pés, me estico para pegar um dos moletons de Trevor. Eu quase perco o equilíbrio e a pilha inteira cai no chão. Quando me endireito, vejo uma caixa de sapatos vagamente familiar, escondida atrás de uma pilha de suéteres. Cuidadosamente, eu afasto a roupa para poder alcançar a caixa. Uma das mãos agarra com segurança a lembrança, e desço do banquinho para me acomodar em meio à pilha de casacos aleatórios.

Com uma inspiração profunda, abro a tampa e olho para dentro. Um som, meio risada, meio soluço, me escapa. Meus olhos pousam em um cartão de beisebol. O jogador é a versão infantil do meu marido com o riso em seus olhos azuis, cabelo loiro saindo do boné de beisebol em sua cabeça, e seu sorriso com covinhas mostrando seus dentes perdidos. Ele está empunhando um bastão quase tão alto quanto ele.

Minha respiração falha e minha mente vai para as crianças com as quais sonhamos, mas nunca tivemos. Lágrimas frescas enchem meus olhos e eu as enxugo com as costas da minha mão. Eu não estou apenas de luto por ele. Eu sofro pelas memórias que nunca faremos, todos aqueles

momentos que nunca terei a chance de guardar dentro do meu coração. Eu lamento a perda de um futuro em potencial que não tem chance de se concretizar.

Eu continuo revirando através do conteúdo da caixa, sorrindo, rindo e chorando com cada objeto dentro. Eu manuseio os restos da vida do meu marido que terminou cedo demais. Antes que eu perceba, apenas um envelope aberto permanece dentro da caixa de sapatos. Branco, virado para baixo, a borda enfiada no canto do papelão.

Levantando-o, puxo a aba e retiro o conteúdo. Enquanto eu aliso os vincos com a palma da mão, meus olhos escaneiam as páginas. Em questão de segundos, meu mundo inteiro cai aos meus pés... de novo. Eu achei que nada poderia ser pior do que viver sem ele, mas estava errada.

Eu estava muito errada.

9
Jessa

Memórias correm para mim, como balas de uma arma, mas sou capaz de me esquivar da maioria. Outras atingem seu alvo, tilintando na minha armadura, trazendo detalhes esquecidos para primeiro plano. Uma memória antiga.

Eu acordei com a sensação de Trevor arrastando beijos no meu pescoço, o peso do seu corpo me pressionando.

— Eu senti sua falta, T, — disse ele. — Eu senti tanto a sua falta. — Sua respiração quente flutuou sobre a minha pele.

— Eu também senti sua falta, — eu consegui dizer através da minha neblina sonolenta.

Ele escorregou para baixo, levantando minha camisa de dormir sobre meus seios e chupando um mamilo em sua boca. Seus dentes roçaram a carne tenra.

— Eu preciso estar dentro de você, — disse ele com urgência.

Ele foi para Atlanta por duas semanas e tivemos uma grande briga antes dele partir. Estou dividida. Nós precisávamos conversar, mas ele se sentia muito bem.

— Por favor, baby. Por favor, — ele disse, puxando minha calcinha. Seu dedo encontrando meu clitóris, esfregando lentamente, me deixando molhada.

Silenciosamente, eu abro minhas pernas, concedendo-lhe acesso.

Ele afundou dentro de mim, me enchendo. Balançando mais fundo, ele manteve o rosto enterrado, recusando-se a olhar para mim.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito, T. Eu te amo. Eu te amo mais que tudo no mundo. Desculpe-me. — Seu pedido de desculpas é desesperado e alucinante.

— Shh, Trevor. Tudo bem. — Eu apertei minhas pernas ao redor dele, empurrando-o ainda mais para dentro de mim. — Estou aqui. Está tudo bem.

Eu me levanto, mandando tudo no meu colo para o chão do closet. Lá fora, um estrondo de um trovão segue um relâmpago. A totalidade daquela noite chove sobre mim em uma torrente de verdade. Isso nunca me ocorreu até agora. Trevor sempre caía na cama depois de um voo noturno, mas naquela noite seu cabelo estava úmido e ele cheirava a sabão. Ele não estava se desculpando pela briga que tivemos antes de ele sair.

Ele estava me implorando para perdoá-lo por um pecado que nunca confessou.

A percepção é como a gasolina jogada em uma chama acesa. Raiva ofuscante me queima de dentro para fora. Todos os pensamentos racionais desaparecem em uma névoa esfumaçada antes de eu sair pela porta.

A chuva bate impiedosamente contra o para-brisa enquanto eu dirijo pela noite escura e ameaçadora. Cada volta da roda é proposital. Chegando ao meu destino, eu dirijo por baixo do arco de tijolos ao longo do caminho sinuoso e paro. A umidade corre pelo meu rosto antes mesmo de eu abrir a porta. Raiva, não tristeza, é a causa das lágrimas.

Eu aperto minhas chaves na minha mão, pego a pequena lanterna no porta-luvas e saio do carro. Eu não tenho ideia de quanto tempo leva para finalmente chegar ao estepe, mas quando meus dedos envolvem a chave de pneu, todo o resto desaparece no fundo... exceto a compulsão maníaca.

Eu localizo a árvore e subo a colina, meus pés escorregando na terra molhada. Logo, estou parada na frente dele, lendo a lápide sem ver as palavras. Largo a lanterna no chão, o brilho iluminando a pedra. Um grito selvagem sai da minha garganta. Tão alto que abafa o trovão. Eu envolvo as duas mãos ao redor da haste de metal e a levanto sobre a minha cabeça. Com um movimento descendente, o aço golpeia o granito. A dor percorre as palmas das minhas mãos. As vibrações pungentes passam pelos meus ossos como os dentes de um diapasão. Uma reação instintiva faz com que a chave de roda caia no chão.

Pânico motivado por propósito me coloca de joelhos em busca da arma. Meus dedos seguram a ferramenta e a

brandem como uma machadinha, balançando-a no solo sagrado.

— Seu fodido filho da puta!

Whack

— Nós fizemos votos, seu bastardo.

Whack

— Eu te odeio.

Whack.

Estou completamente perdida no abismo da minha alma despedaçada. Eu profano o túmulo de Trevor como uma mulher enlouquecida. Eu não registro os gritos à distância. Quando meus braços se cansam, solto minha arma de destruição e uso minhas mãos.

Meus dedos se curvam em garras, arrancando pedaços de grama de suas raízes. O solo molhado se aloja sob minhas unhas. Eu levanto meus braços para limpar meu rosto contra o material encharcado cobrindo meus ombros. Ranho, sujeira e lágrimas se misturam, cobrindo-me em uma máscara de lama e miséria.

Eu não paro. Eu não posso. Nem mesmo quando a escuridão é iluminada por luzes vermelhas e azuis.

— Seu desgraçado! Eu te odeio! — Eu grito, batendo meus punhos no chão encharcado.

Grandes mãos envolvem as minhas, forçando-me a ficar quieta. Para sentir a dor de frente. Isso dói. Isso machuca muito. Eu encaro olhos ligeiramente familiares. Ele diz

alguma coisa, mas não posso ouvi-lo por cima de meus próprios apelos.

— Por favor, — eu imploro. — Por favor, faça parar.

Fraca e encharcada até os ossos, sou suavemente colocada de pé. Meu olhar permanece focado na lápide de Trevor.

Quase tudo desaparece. O par de pequenas mãos me afagando. A chuva implacável. Eu mal registro o deslizamento do metal ou o clique das algemas se fechando.

10

Dante

É logo depois de uma da manhã quando acordo com o som do meu celular tocando.

— Olá? — Eu respondo, limpando o sono dos meus olhos.

— Dante? — Meu nome é quase um sussurro.

De repente, estou bem acordado.

— Tessa. — Pânico corre através de mim. — O que há de errado?

— Você pode vir me pegar?

Eu pulo da cama, procurando pelos meu jeans descartado.

— Onde você está? — Eu pergunto, pegando uma camiseta da gaveta e rapidamente puxando-a sobre a minha cabeça.

— Eu estou na delegacia de polícia.

Sua resposta interrompe meus passos no meio do caminho.

— O que você está... — Ela está segura, então a pergunta pode esperar. — Em que estação você está? — Eu pego meus sapatos e os coloco.

Tessa balbucia a informação e me pede para perguntar pelo policial Wade.

— Eu estarei aí, Tess. Eu vou cuidar de tudo.

Quando chego à estação, sou levado a uma cadeira. Alguns minutos depois, sou abordado por um oficial.

— Você é Dante Salinger?

— Sim. — Eu me levanto e estendo minha mão.

— Oficial Wade, — diz ele com um aperto firme. — Venha por aqui. — Ele me guia por um corredor, e nós paramos do lado de fora de uma sala envidraçada. — Como você conhece Tessa Salinger? — Ele faz a pergunta como se fosse algum tipo de teste.

— Ela é minha cunhada. — Eu limpei minha garganta. — Meu irmão morreu recentemente.

Pelo olhar em seu rosto, é óbvio que passei.

— Sinto muito pela sua perda. Nós pegamos a Sra. Salinger depois que recebemos uma ligação do zelador do cemitério. Chegamos para encontrá-la ativamente profanando o túmulo do falecido.

Por que ela faria isso?

Porra. Ela sabe?

— Ela está presa? — Eu olho para ela através do vidro.

Ela está envolta em um cobertor, olhos vazios de emoção. O cabelo molhado se agarra ao rosto sujo, deixando-a quase irreconhecível.

— Não. — Há simpatia em seus olhos. — Eu entendo que existem circunstâncias atenuantes. Você pode querer conseguir alguma ajuda para ela.

Tudo o que ela precisar, eu cuidarei disso.

— Ela está livre para ir?

— Sim, — diz ele, abrindo a porta para a sala. Ele me entrega alguns papéis, o telefone de Tessa e as chaves dela. Ele aponta para o papel. — O número do depósito de apreensão está no papel, e ela precisará pagar uma taxa para tirar o carro.

— Eu vou cuidar disso, — eu digo, estendendo minha mão mais uma vez. — Obrigado, policial Wade.

— Sra.Salinger, você está livre para ir.

Tessa se levanta e caminha em nossa direção, com um brilho vago nos olhos. Quando ela está ao meu lado, eu tento colocar meu braço em volta dela, mas ela me evita e se dirige para a saída. Eu sigo atrás dela, imaginando o que diabos aconteceu desde ontem.

O carro está silencioso e a chuva finalmente diminuiu.

Eu me volto para ela.

— Fale comigo, Tess. O que aconteceu?

Ela não responde, apenas olha pela janela sem dizer uma palavra. Suas roupas estão cheias de lama seca, e ela tem manchas de grama nas bochechas que não notei antes. Eu não sei o que a fez surtar, mas ela não está em posição de ficar sozinha hoje à noite.

Ela não reclama quando paramos na frente da minha casa ou quando a levo para dentro ou quando a levo ao banheiro e ligo o chuveiro.

— Eu vou pegar algo para você dormir.

Eu pego uma camiseta e uma cueca boxer para ela da minha cômoda. Quando volto, ela ainda está no mesmo lugar.

— Você precisa de ajuda?

— Estou bem, — diz ela roboticamente e sem contato visual.

— Quando você estiver pronta, o que você precisar... eu estarei aqui. — Eu saio do banheiro e fecho a porta.

Pouco depois, vou checá-la, só para encontrá-la na minha cama, dormindo. Ela parece tão pequena, deitada ali, e por alguns minutos, apenas a vejo respirar. Não há nada que eu queira mais do que subir na cama e segurá-la, mas ela não está pronta para isso.

Vou até a cômoda e pego um shorts de basquete, tiro um travesseiro da cama e vou dormir no sofá. No momento em que caio em um sono profundo, o sol está nascendo.

11

Dante

Eu me levanto, quase caindo do sofá. A noite passada volta para mim e eu olho para o relógio.

Puta merda

É meio da tarde. O sol está brilhante e está silencioso. Muito silencioso.

Eu vou até o meu quarto verificar Tessa, mas ela não está lá.

— Tess?

A porta do banheiro está aberta. Suas roupas sujas ainda estão no chão, mas não há sinal dela. Quando volto para o quarto, percebo que o telefone dela não está onde deixei ontem à noite.

— Tessa? — Eu chamo.

Eu recebo a resposta que esperava. Nada.

Onde diabos ela foi?

Ela não tem bolsa, nem carro, nem chaves.

No quarto, eu encontro meu telefone para ligar para ela. Eu ouço tocar quatro vezes antes de ir para o correio de voz. Eu ligo para ela novamente. Mesma coisa.

— Foda-se. — Estou chateado com ela por sair furtivamente e comigo mesmo por dormir tão profundamente.

Eu jogo o telefone na cama e me visto. Então, um pensamento me ocorre e, como ela não está atendendo ao telefone, não é como se eu tivesse outra opção.

Como compartilhamos um plano de telefone através da S & S, eu uso um aplicativo de localização para encontrar a Tessa. Quando vejo que ela está em casa, solto um suspiro aliviado. O carro dela ainda está no estacionamento, então vou cuidar disso primeiro e ir até ela mais tarde. Agora que eu sei que ela está segura, meu temperamento explode.



Eu ainda estou chateado quando chego à casa de Tessa horas depois. De alguma forma, consegui bater na porta em vez de rebentar a maldita coisa. Quando ela finalmente abre, eu entro e a prendo com um olhar.

— Que diabos, Tessa? O que aconteceu ontem à noite? Como você chegou em casa?

Ela cruza os braços sobre o peito, mas não diz nada.

— Droga, Tessa. Responda-me.

Ela recua e eu imediatamente me arrependo de levantar minha voz.

— Usei o aplicativo no meu telefone, — ela finalmente responde.

Eu cruzo os poucos metros entre nós e coloco as chaves na palma da sua mão.

— Seu carro está no estacionamento.

Ela fecha o punho e se afasta do meu toque.

— Obrigada, mas eu teria lidado com isso.

— Isso é verdade? Porque, do meu ponto de vista, parece que você não está lidando com nada.

— Dante, não.

— Não? — *Ela deve estar brincando.* — Você precisa de uma recapitulação, Tessa? Você me chamou para pegar você na cadeia depois de destruir *seu* túmulo. Você não disse uma palavra na noite passada, e então você escapou como uma maldita adolescente. — Minha mão vai para o meu cabelo, rasgando as raízes. — Não fique aí e me diga que *não*.

Tessa passa pelo corredor e eu a sigo.

Ela caminha até o closet e pega algo do chão. Seus olhos estão frios e duros quando ela se vira para mim.

— Você sabia? E não minta para mim, Dante. — Ela empurra os papéis para mim.

— Sabia sobre o quê? — Meu sangue corre frio, e sem sequer olhar, eu sei que ela sabe.

Depois de suavizar os vincos, escaneio os documentos de qualquer maneira.

Que porra é essa?

— Você sabia? — Ela fala furiosamente.

— Não. — Eu balancei minha cabeça, chocado com a informação em minhas mãos. — Eles tiveram um filho? — Eu murmuro sob minha respiração.

— O que você disse? — Ela pergunta baixinho, quase hesitante.

Porra. Eu deixo cair minhas mãos e olho para longe, não querendo encontrar seus olhos. Os papéis continuam na presos na minha mão.

— Responda-me, Dante.

— Eu não sabia sobre a criança. — *Criança.* Parece estranho na minha língua. *Não só ele traiu Tessa, mas também engravidou a prostituta.*

— Você sabia que ele tinha um caso. — Ela não parece precisar de confirmação. — Há quanto tempo você sabe, Dante?

Por uma fração de segundo, debato minhas opções. Dizem que a verdade te libertará... mas não. A verdade vai pregar minha bunda na parede. Mas, quando olho nos olhos dela, sei que não posso mentir para ela.

— Eu suspeitava, então pedi a Trevor para me encontrar para beber na noite em que ele morreu.

Eu vejo minhas palavras se registrando no rosto dela. Eu a ouço ofegar de choque, e então uma emoção supera todas as outras. Ela está chateada.

— Todo esse tempo, você sabia! — Ela dá um passo em minha direção. — Por três meses, você sabia!

É a verdade. Eu não me incomodo em negar isso, mas isso é besteira. Eu preciso fazê-la entender.

— Exatamente quando eu deveria te contar, Tessa? Você mal consegue segurar tudo no seu melhor dia.

— Seu filho da puta. Não se atreva a usar minha dor para justificar seu erro.

Ela está sendo ridícula.

— Pelo amor de Deus, Tessa! Quando você queria que eu te contasse? — Soltei os papéis no chão em frustração. — Na noite em que ele morreu, encontrei você no chão da sua cozinha, catatônica e cercada por vidro. Eu deveria te dizer então? — Eu estou parado com os braços cruzados, olhos duros. — Eu deveria ter contado no dia do funeral dele? Ou que tal aquela noite que você riu pela primeira vez em semanas e depois chorou em meus braços por uma hora porque se sentiu culpada? Quando, Tessa? Quando seria o momento apropriado para lhe dizer que meu irmão estava transando com outra mulher pelas suas costas?

Ela chega até mim em um flash. A palma da mão de Tessa pica minha bochecha, o tapa forte contra a minha carne ecoando com raiva pela sala.

— Foda-se, Dante!

Quando ela se move para me bater de novo, eu pego seu pulso ao meu alcance.

— Tessa, isso é o suficiente. — É um aviso, um que estou certo de que ela não vai prestar atenção.

Ela tenta sair do meu aperto, mas permaneço firme.

— Solte-me, Dante. — Ela olha para mim com desgosto, como se eu fosse a pessoa que a traiu.

— Um, querida. É tudo o que você terá. — Meu olhar se fecha no dela. — Não levante a mão para mim novamente.

Eu alivio meu aperto o suficiente para ela se afastar de mim.

— Você era meu amigo e eu confiei em você. — Lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Como ele pôde fazer isso? Nós estávamos tentando ter um bebê, e ele teve um com outra pessoa.

Como a lâmina de uma faca, suas palavras perfuram minha pele. Eu não fazia ideia de que eles estavam tentando ter um filho.

— Tessa, me desculpe. Eu sinto muito por você estar sofrendo. Desculpe-me, sei que você sente como se eu tivesse traído você. Mas eu estava apenas tentando te proteger.

Ela vasculha as gavetas e começa a tirar as roupas.

Eu a assisto, incrédulo.

— O que você pensa que está fazendo?

Ela não pode ser estúpida o suficiente para ficar atrás do volante.

Ela olha para mim.

— Você precisa sair. — Seus olhos inchados e avermelhados brilham com raiva ardente.

— Tessa...

— Ele tem um filho, Dante.

— Tess... — Eu paro porque discutir com ela agora é inútil. Mas preciso saber qual é o plano dela. — Aonde você vai?

— Vou dirigindo para casa. Não que seja da sua conta.

— Eu providenciarei um voo.

Se ela quiser sair, tudo bem, mas dirigir está fora de questão.

Ela olha para mim como se fosse a coisa mais engraçada que já ouviu.

— Você já fez o suficiente, Dante. Eu não sou sua para cuidar. Pegue a sua oferta e enfie-a na sua bunda.

— Está ficando escuro. Você não vai dirigir, — eu rosno.

— O que diabos você acabou de dizer para mim? Você não é meu pai. Eu não preciso da sua fodida permissão. — Sua voz fica baixa. — Agora. Dê. O. Fora. Da minha casa.

— Espere até amanhã. Quando você se acalmar e tiver a chance de dormir mais do que algumas horas de sono.

— Por quê? Porque outro dia vai mudar o fato de que meu marido fodeu outra mulher e a engravidou?

— Tessa. — Eu lhe imploro com os olhos para ouvir a razão.

— Você não entende? Eu não posso ficar aqui. — Ela acena com o braço ao redor do quarto.

— Você está muito chateada para dirigir hoje à noite.

— Tudo bem, — ela admite. — Eu não vou sair até amanhã. Agora vá.

— Tess. — Eu quero agitar Tessa, fazê-la ouvir a razão.

— Deixe-me sozinha, porra.

Através de sua raiva cega, a única coisa que ela vê é um ato de traição. Não apenas de Trevor. Eu poderia gritar com ela até ficar roxo, mas sei que não seria nada bom. Não importa o que eu diga; ela não vai me ouvir. E, desta vez, quando ela me diz para sair, atendo as palavras dela e saio pela porta.



12

Dante

Quando as portas do elevador se abrem, dou um passo para dentro e aperto o botão do saguão, segurando-o com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Eu dou um passo para trás, inclino minha cabeça para o céu e solto um forte suspiro quando o elevador desce.

Theo me observa atentamente quando saio do elevador.

— Boa noite, Dante, — ele grita.

— Boa noite, Theo. — Eu não posso deixar de sorrir quando ele se lembra de não me chamar de Sr. Salinger. Demorou anos, mas ele finalmente desistiu da formalidade.

Há um frio no ar enquanto ando até o meu carro. De jeito nenhum Tessa vai se curvar a minha exigência de esperar até amanhã para sair. Tenho certeza que não vai porque ela é a mulher mais teimosa que já conheci. A ideia de correr para casa, arrumar uma mala e segui-la até Charleston passa pela minha cabeça. Eu brevemente cogito o pensamento antes de descartá-lo. Tessa precisa de tempo. Se eu quiser qualquer tipo de relacionamento com ela, preciso dar-lhe algum espaço. Mesmo que isso vá contra todos os meus instintos, é o único caminho.

Com o meu telefone na mão, passo pelos meus contatos até chegar a um número que se tornou familiar nos últimos meses. Eu toco no ícone e ouço o dial do telefone.

— Olá? — O pai de Tessa responde no segundo toque.

— Sr.Carmichael, é Dante.

— Filho, quantas vezes eu te disse para esquecer a merda do Sr. Carmichael? — Ele não espera que eu responda antes de continuar. — Como está minha filhinha?

Porra. Eu deveria ter pensado nisso.

— Ela está indo para casa na Carolina do Sul.

— Por que tenho a sensação de que você não está me dizendo alguma coisa, garoto?

— Não é minha história para contar.

— Francamente, eu não dou a mínima para de quem é essa história. — Sua voz se torna severa, paternal. — Comece a falar.

Não há como eu lhe contar sobre o garoto, mas preciso lhe dar algo.

— Trevor tinha um caso. Tessa descobriu... hoje à noite.

Bill Carmichael fica em silêncio por vários segundos. Eu puxo o telefone para longe do meu ouvido para ter certeza de que ele não desconectou a ligação.

— Entendo, — ele diz baixinho. Ele nunca foi um homem de muitas palavras. — Obrigado pela atenção, filho.

— Sr.Car... — Eu entendo meu erro e então continuo, — Bill, Tessa não está muito feliz comigo agora. Você se importaria em me ligar em alguns dias... e me dizer como ela está?

— Farei isso.

— Obrigado, Bill, — eu digo e depois desligo o telefone.



13

Jessa

Eu não posso ficar aqui.

Em cada canto, há uma memória, todas manchadas pela traição de Trevor. A verdade revelada, como veneno, deixa um gosto rançoso na minha boca.

Pensei que o chão tinha caído do meu mundo na noite em que meu marido morreu. Dias depois, coloquei meus lábios contra o aço frio de seu caixão e o beijei pela última vez. Nos dias que se seguiram, lutei por cada respiração. Sair da cama era o equivalente a escalar o Monte Everest. Eu pensei ter chegado ao fundo do poço, mas percebi algo nas últimas vinte e quatro horas. Além do fundo do poço, há um abismo e estou mergulhando de barriga no vazio.

O brilho da minha aliança de platina incrustada de diamantes da Tiffany chama minha atenção. O que antes era um símbolo do amor e da fidelidade de Trevor serve como um lembrete de que tudo era uma farsa. Arranco-a, guardo-a na minha caixa de joias e dou uma última olhada no quarto.

Estar aqui, dentro dessas paredes onde construímos um lar juntos, me deixa fisicamente doente.

No momento em que coloco a mala no porta-malas do meu Prius, já é tarde. Eu jogo minha bolsa no banco do passageiro antes de entrar e ligar o carro. Saio do

estacionamento e entro na noite de Chicago. O horizonte, brilhante com as luzes da cidade, empalidece em comparação a raiva que ainda queima através de mim.

Depois de vários minutos na estrada, a luz do meu celular ilumina o interior do carro. Eu ignoro. Provavelmente é Dante, e ele é a última pessoa com quem quero conversar.

Fodido Dante.

Eu não entendo como ele pôde ter escondido a verdade de mim. Houve tantas vezes que ele poderia ter me dito, mas ao invés disso, olhou para mim, de cara séria, e não disse uma palavra. Ele deveria ser meu amigo. Eu o deixei enxugar minhas lágrimas. Sua traição pica como um tapa na cara.

Meus pensamentos passam de Dante para Trevor. Nós queríamos ter uma família. Nós estávamos tentando engravidar por quase seis meses, mas eu não estava preocupada. Isso aconteceria quando fosse a hora certa, e meu médico me assegurou que muitos casais levaram quase um ano para engravidar.

Agora, eu descobri que Trevor tem um filho... um garotinho que deveria ter sido nosso. Dói muito e estou com tanta raiva dele. Minhas mãos apertam o volante, as juntas ficam brancas pela força do meu aperto. A fúria incendeia minhas veias, queimando todas as terminações nervosas, empolando cada célula. Incinerando-me de dentro para fora. Raiva tão intensa, me arruína. Eu repetidamente soco o volante, uma série de palavrões deixando minha boca.

Meu coração batendo rapidamente através do meu peito. Eu me forço a respirar. Inalar. Exalar.

Vários minutos passam e o aperto começa a diminuir. A umidade salgada escapa dos meus olhos. Correndo pelo meu rosto, acumulando na minha camisa, jogando as chamas em brasas. Eu me apego aos remanescentes brilhantes; é como eu vou sobreviver. A raiva é uma emoção que posso usar.

Em algum lugar no Kentucky, eu paro em um posto de gasolina vinte e quatro horas, encho o tanque, faço xixi e pego a maior xícara de café que consigo. Eu tento dar um sorriso para o caixa que parece que preferiria estar em qualquer lugar além do balcão nas primeiras horas da manhã, mas eu falho.

Eu volto para a interestadual e vou para a casa onde cresci. Preciso do conforto dos braços da minha mãe e da força que encontrarei no meu pai.

Alerta pela adrenalina e cafeína, dirijo direto, parando apenas para usar o banheiro. Sorrio, apesar de tudo, quando vejo a placa que diz: *Bem-vindo a Charleston*.

É quase hora do almoço quando estaciono na garagem dos meus pais e desligo o motor. Meus olhos se fixam no lugar que chamei de lar até que fui para a faculdade, e me sinto exalando pela primeira vez em meses.

A casa amarela em estilo antebellum[2], com suas persianas brancas e varanda envolvente, ainda parece a

[2] **Casas antebellum se** referem às mansões grandes e elegantes - geralmente **casas de** fazenda - construídas no sul dos Estados Unidos durante os 30 anos anteriores à Guerra Civil Americana (1861-1865). **Antebellum** significa "antes da guerra" em latim. **Antebellum** não é um **estilo** ou arquitetura particular da **casa** .

mesma de sempre. Dois altos carvalhos vivos estendem-se em direção aos céus, musgo espanhol pendurado em seus galhos. Eu pego minhas chaves e abro a porta. A brisa carrega o cheiro do mar e eu inalo profundamente. Eu esqueci o quanto amava esse cheiro.

Com passos determinados, ando até a varanda da frente. A porta se abre antes que eu tenha a chance de girar a maçaneta. Minha mãe olha para mim. Minha respiração falha, e meu lábio treme.

— Você está aqui, — ela anuncia como se estivesse me esperando. Ela me puxa pela porta aberta e em seus braços. — Oh, minha doce menina.

É tudo o que preciso para desmoronar.

— Mamãe. — Meu soluço quebrado é abafado pelo seu ombro.

A agonia da morte de Trevor, nossos votos quebrados, o choque de saber que ele teve um filho com outra mulher, tudo desaba. Eu mal consigo suportar o peso.

Ela esfrega círculos nas minhas costas enquanto apoia ambos os nossos corpos.

— Mags? — Papai chama da cozinha. — O que... — Sua voz para, mas eu posso ouvi-lo vindo em nossa direção.

Ele envolve seus braços ao redor de nós duas, fazendo um sanduíche de Tessa como costumavam quando eu era pequena. Juntos, eles me abraçam, proporcionando o consolo que eu preciso.

— Shh, bebê urso. Shh, — papai sussurra suas palavras reconfortantes contra meu ouvido.

Eu me viro da minha mãe e envolvo meus braços ao redor dele. Ele me segura com força, sua estatura alta e força me engolindo enquanto choro em seu peito.

— Vai ficar tudo bem, querida. — Ele planta um beijo no topo da minha cabeça enquanto eu molho sua camisa com minhas lágrimas. — Shh.Shh, Tessa Rae.Vamos. — Ele curva o dedo sob o meu queixo e vira meu rosto para o dele. — Deixe-me olhar para você. — Ele corre as almofadas de seus polegares calejados sob meus olhos para enxugar as lágrimas. Então, ele beija minha cabeça mais uma vez. — Vamos nos sentar. — Ele me leva até o sofá.

Mamãe se senta ao meu lado. Pegando a caixa de lenços de papel na mesa de café, ela segura para mim.

— Que tal uma garrafa de água? Ou talvez um chá doce? — Oferece mamãe.

— Dê-lhe um minuto, sim, Mags? — Ele pisca e me dá um olhar que diz: — *Você sabe como é a sua mãe*, enquanto ele se senta em sua poltrona reclinável.

— Bill, estou apenas tentando oferecer-lhe uma bebida, — diz ela.

— Eu-eu estou bem, mamãe, mas obrigada.

— Viu, Mags? — Ele brinca.

Eu sempre amei a brincadeira entre meus pais. Tenho certeza de que duas pessoas nunca se amaram mais do que esses dois. Quando eu era criança, os pegava roubando beijos

o tempo todo. Tocando, sorrindo e rindo. Entre meus pais e todos os livros que eu lia enquanto crescia, acreditava na magia dos contos de fadas.

Ao contrário da vida real, nunca vemos as verdades ocultas além do espetáculo. O sol se põe, e nem uma vez temos um vislumbre do que acontece com a Cinderela *depois* do feliz para sempre. Eu sei muito bem o que acontece. Quando a própria base do seu mundo desmorona debaixo dela, quando ela descobre que o conto de fadas é nada mais do que uma mentira extravagante vestida com roupas luxuosas, Cinderela cai.

Meus pais esperam pacientemente que eu fale. Eu engulo em seco e tento formar as palavras que irão devastá-los.

— Eu nem sei por onde começar. — Eu respiro fundo. — Eu estava tentando pegar algumas coisas na prateleira de cima do closet do nosso quarto. Eu encontrei uma caixa de sapatos velha... — Com uma inspiração profunda, eu dou um golpe parcial. — Trev-Trevor estava tendo um caso.

Um olhar passa entre meus pais, e é minha mãe que diz:

— Tessa. Oh, querida, tem certeza? — Minha mãe balança a cabeça, como se não fosse possível.

Papai não diz nada.

Eu seco as lágrimas. Deveria se como arrancar um Band-Aid. Mas aqui está a coisa; Independentemente de quão rápido ou lento você faz isso, dói para caralho. E isso é excruciante.

Leva várias respirações para firmar minha voz.

— Dentro da caixa de sapatos havia um envelope. Era um teste de paternidade.

Eu olho para os meus pais, esperando por algum tipo de sinal para mostrar que eles entendem. Que não terei que soletrar para eles. Eles apenas olham para mim, então eu faço a única coisa que posso.

— Trevor tem um filho. — As palavras deixam minha boca com pressa.

Rasgando minha carne. Expondo a ferida, que vaza, doente com engano.

Roubando meu ar e quebrando minha alma em um milhão de pedaços.

Nós deveríamos ter bebês juntos. O garotinho de Trevor está lá fora, em algum lugar, e ele é de outra mãe. A percepção me assusta com uma dor diferente de qualquer outra que já conheci.

Meus pais sentam em silêncio atordoados. Eu deixo cair a cabeça no colo da minha mãe e me curvo em uma bola. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas enquanto ela passa silenciosamente os dedos pelo meu cabelo. Eu fecho meus olhos contra a torrente, deixando os golpes suaves de seu terno toque me embalar para dormir. Para o lugar onde minha alma não chora.

14

Jessa

Filtros de luz solar passam através das cortinas transparentes. Um gemido sai dos meus lábios enquanto pisco contra o brilho ofuscante. Lentamente, meus olhos se ajustam e a sala entra em foco.

Estou aconchegada sob a roupa de cama rosa-choque e preta do meu antigo eu adolescente. É curiosamente reconfortante estar aqui no meu quarto de infância. Meus olhos percorrem o espaço e aterrissam na estante ainda cheia até a borda com os livros favoritos da minha juventude, Charlotte's Web, Grimm's Fairy Tales, e The Lion, the Witch, and the Wardrobe. Durante a minha adolescência, desenvolvi um amor pela poesia. Todos, de Tennyson e Longfellow até Frost e Angelou.

Memórias acalmam meu coração esfarrapado como um bálsamo. Eu cheguei em casa, buscando consolo, um alívio da dor, e talvez seja aqui que o encontre.

Meu olhar pousa no espelho de corpo inteiro do outro lado do quarto, e sou grata por não poder ver meu reflexo desse ângulo. Eu chorei tanto ontem antes de adormecer no colo da minha mãe, como fiz muitas vezes quando criança. Acordei no sofá por volta das três da manhã, tendo dormido por horas. Depois de subir as escadas para o meu quarto, sucumbi ao sono novamente.

Há uma leve batida na porta.

— Tessa?

Eu posso imaginar minha mãe em pé no corredor, olhando para a porta, quase hesitante, com as mãos nos quadris, querendo empurrar, mas sem saber o quanto eu posso aguentar.

— Tessa? Querida, você está acordada?

Sei que me esconder não será uma opção se minha mãe tiver algo a dizer sobre isso.

— Entre, mamãe, — eu respondo. O som da minha própria voz nos meus ouvidos causa dor na minha cabeça. Todo o choro me deixou com uma dor de cabeça latejante.

Ela abre a porta, vestindo uma calça jeans e uma camiseta preta. Seu cabelo loiro-mel de comprimento médio está em um rabo de cavalo baixo. Sua pele tem um brilho jovem, mas a preocupação em sua íris pisca como um raio durante uma tempestade de verão do sul.

Ela entra no quarto e senta-se na beira da cama. Enquanto me olha carinhosamente, seus dedos esguios escovam o cabelo do meu rosto, empurrando para trás as mechas que são quase exatamente do mesmo tom que as dela.

— O café da manhã estará pronto daqui a pouco.

— Eu não estou realmente com fome. — Meu coração quebra um pouco quando vejo decepção sobre suas feições.

— Você precisa comer, Tessa Rae. Você murchou para nada. — Ela pega minha mão na dela. — Eu não posso

imaginar o que você está passando, menina. — Ela balança suavemente a cabeça e, em seguida, diz: — O que Trevor fez foi horrível. E descobrir da maneira que você fez... bem, é incompreensível. — Ela respira e dá um tapinha no topo da minha mão enquanto olha para o meu rosto. — Trevor se foi, baby. Você ainda está aqui. Você. Está. Aqui. Você tem que cuidar de si mesma, Tessa. — Seu rosto suaviza com um sorriso conhecedor. — Além disso, eu fiz o seu favorito.

Ela parece estar derrubando todas as barreiras. É a única coisa que eu nunca fui capaz de dizer não.

Eu respiro profundamente, sentindo o cheiro de canela e açúcar. Eu me empurro para uma posição sentada, e minha cabeça lateja, o movimento repentino me fazendo estremecer. Piscando a dor, eu me viro para ela.

— Você fez pãezinhos de canela.

— Claro. — Ela pisca para mim. — Agora, saia da cama e desça as escadas. Eles estarão prontos em cerca de dez minutos ou mais.

Pela primeira vez, noto a leve camada de farinha em sua manga. Eu me inclino para frente para envolver meus braços em volta do pescoço dela e abraçá-la com força. — Obrigada, mamãe.

Com meu queixo enfiado em seu ombro, não posso deixar de sorrir. Rolos de canela caseiros sempre foram a resposta da minha mãe às transgressões da vida pelo tempo que me lembro.

— De nada. — Ela esfrega minhas costas em círculos e, em seguida, sussurra no meu ouvido: — Tudo vai ficar bem, Tessa.

Suas palavras são uma tábua de salvação e quero me apegar a elas. Agarrá-las, com os dois punhos, até que elas sejam absorvidas nas profundezas da minha alma despedaçada. Mas não posso. Parece que nada vai ficar bem de novo.

Espero que minha mãe tenha fé suficiente por nós duas.

Depois que eu escovo os dentes e lavo o rosto, pego minhas roupas da minha mala que o papai deve ter carregado na noite passada. Eu pego uma calça jeans e uma camiseta. Então, tiro meu celular da cômoda onde ele estava conectado ao carregador. Estou um pouco desanimada por não encontrar textos ou chamadas perdidas de Dante. A única chamada perdida é do meu pai na noite em que saí de Chicago. Eu enfio meu celular no meu bolso e desço as escadas. O delicioso aroma de pãezinhos de canela e bacon me atrai para a cozinha.

Meu pai está sentado à cabeceira da mesa, com uma xícara de café na mão, e seus olhos estão fixos na bunda da minha mãe enquanto ele a observa pegando uma assadeira em camadas com bacon do forno.

— Bom dia. — Eu paro na cadeira do papai, abaixo-me e solto um beijo em sua bochecha.

— Bom dia, bebê urso. — Sua barba arrepia minha pele quando ele retorna o gesto.

Eu ando até o balcão onde fica a cafeteira e pego uma caneca do armário acima dela. Eu coloco a xícara no lugar, coloco uma cápsula na câmara e aperto o botão para preparar.

— Você precisa de ajuda? — Pergunto à minha mãe.

— Eu acho que está tudo pronto, mas você pode pegar alguns garfos. — Ela sorri para mim de uma forma que faz todo o seu rosto se iluminar.

Independentemente das circunstâncias que me trouxeram para casa, ela está feliz por eu estar aqui. Ambos estão.

Mamãe põe o prato de pãezinhos de canela na mesa antes de voltar para o bacon e uma tigela grande de ovos mexidos. Eu pego meu café, alguns garfos e me movo para a mesa.

Nós duas nos sentamos e eu me viro para ela.

— É só nós para o café da manhã, certo? — Eu aponto para a quantidade de comida.

— Sua mãe sempre faz comida suficiente para alimentar um exército, — diz o pai, rindo.

Mamãe pega o garfo e aponta para nós dois.

— Vocês dois não comecem. — Ela tenta parecer severa, mas estampa um sorriso. — Agora, rezar, — ela ordena, colocando o garfo no prato. Ela estende a mão sobre a mesa, palmas para cima, esperando que cada um de nós coloque uma mão na dela.

Orar durante as refeições e antes de dormir é algo que cresci fazendo. Eu ia à igreja com a minha mãe na maioria dos domingos até que era uma estudante do ensino médio. Meu pai nunca foi conosco, mas ela nunca reclamou com ele sobre isso. E ele nunca fez a oração, mas sempre inclinou a cabeça, segurou nossas mãos e disse:

— Amém.

Eu não orava há anos. Não até a noite em que Trevor morreu. Eu orei e clamei a Deus. Implorei para as palavras de o ministro ser uma mentira, algum mal-entendido, um erro. Que era o marido de outra pessoa. *Não o meu.* Minhas palavras caíram em ouvidos surdos.

A última coisa que quero fazer é agradecer a um Deus que me abandonou. Mas fui criada no sul e respeito meus pais e sua casa. Por essa razão, coloco minha mão na palma estendida da minha mãe e alcanço a do meu pai.

Todos nós nos revezamos, passando a comida e comendo em silêncio até que minha mãe fale:

— Sinto muito por não estarmos lá... — A voz de minha mãe desaparece.

Eu sei que ela quer dizer o funeral. Ela se desculpou cem vezes.

— Mamãe, tudo bem. Não havia nada a fazer, então, por favor, pare de se sentir culpada por algo que você não tem controle.

Eu não quero falar sobre isso. Não é como se eles pudessem prever o futuro ou acenar com uma varinha para resolver as coisas.

— Você sabe que pode ficar aqui pelo tempo que quiser. Você nunca precisa voltar.

Minha vida tão longe é difícil para ela, e sei que ela sente minha falta.

— Eu sei, mamãe. Obrigada. — Eu tomo meu café e termino meu pão de canela.

Papai me passa um guardanapo e aponta para o meu queixo, onde tenho certeza que os restos pegajosos de cobertura permanecem. Eu pego, limpo meu queixo e coloco de lado.

— Se aquele menino estivesse deste lado ao invés de seis palmos abaixo, eu enfiaria meu pé tão alto em sua bunda.

— Bill! — Minha mãe o repreende.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que ele não pudesse ficar quieto. Meu pai não é um homem de muitas palavras, mas quando fala, faz valer a pena. Não tenho dúvidas, se Trevor estivesse aqui, haveria um inferno a pagar.

Os ovos reviram meu estômago.

— Eu não estou me sentindo bem. Acho que vou me deitar.

— Tessa... — Sua voz sumiu.

Eu me levanto, e minha cadeira desliza contra os azulejos, o som reverberando pela sala. Eu ando até a lixeira,

meus passos pesados. Eu não tenho que me virar para sentir o olhar que sei que minha mãe está dando ao meu pai. Os dentes de metal do meu garfo guincham contra a cerâmica enquanto jogo a comida restante no lixo.

Depois de colocar os pratos na lava-louças, vou até minha mãe.

— Obrigada pelo café da manhã, — eu digo a ela, apertando sua mão.

Então, ando os poucos passos até meu pai, inclinando-me para abraçá-lo. Eu sussurro em seu ouvido:

— Se Trev... — Eu paro e começo de novo. — Se ele estivesse aqui, eu totalmente deixaria você chutar o traseiro dele.

Subo as escadas para o meu quarto e fecho a porta atrás de mim. Deslizo para baixo das cobertas, querendo que o sono me engula, me leve para onde a escuridão oferece um alivio, para que eu possa simplesmente afundar no nada.

15

Jessa

Faz uma semana desde que voltei a Charleston. Meus pais andam na ponta dos pés ao meu redor como se estivessem com medo que eu quebrasse. Felizmente para eles, você não pode quebrar o que já está quebrado. Eu tirei uma licença do meu trabalho, e não tenho certeza se ou quando voltarei para Chicago. Dante não ligou ou enviou um texto. Eu lhe disse para me deixar em paz, mas sinto falta dele e ainda estou chateada.

Eu preciso clarear minha cabeça, então pego as chaves do meu carro e saio pela porta. Dirigir pela cidade não faz nada para limpar minha mente. Um pensamento sangra no seguinte e, em pouco tempo, minha mente sai do controle, como um trem-bala descarrilado.

Quantas vezes?

Quantas mulheres?

Como eles se conheceram?

Ele a conhecia?

Ela era uma prostituta?

Prostituta.

A palavra range afundando os dentes na minha carne.

Prostituta.

Entra sob minha pele como um parasita.

Corre em um loop infinito até que meus pensamentos afunilam, fixando-se em três letras.

DST.

Eu me fixo nelas. Uma paranoia que me consome até os ossos, aperta minhas vias respiratórias, um torno que de repente torna difícil respirar. Superado por um senso de urgência, eu faço um retorno no próximo semáforo e dirijo em direção ao departamento de saúde do condado.

Em menos de vinte minutos, paro no estacionamento e desligo o motor. O medo me impulsiona para frente, e faço um rápido trabalho no cinto de segurança antes de pegar minha bolsa e sair do carro.

Uma vez dentro do prédio, eu me aproximo do balcão em frente a uma grande janela deslizante. Minha mão treme enquanto escrevo meu nome na folha de registro e então me sento na sala de espera.

Vários minutos depois, uma voz feminina alta chama:

— Tessa Salinger.

Eu me levanto e avanço.

— Aqui está, — a recepcionista diz, passando-me uma prancheta com várias folhas de papel afixadas a ela. — Basta preenchê-las e trazê-las de volta para cá quando terminar.

— Obrigada, — eu digo, aceitando a papelada e voltando para o meu lugar. É preciso esforço para escrever de forma legível, preenchendo os espaços em branco e marcando as caixas. Quando finalmente termino, volto ao balcão.

— Você pode voltar ao seu lugar. Vamos chamar assim que pudermos. — Ela pega a prancheta e eu faço o que me foi dito.

Meu estômago revira. Todos os “e se” correm desenfreados e faz meu nervosismo disparar. Eu mantenho meu olhar fixo no chão, não querendo fazer contato visual com os outros pacientes e precisando evitar os cartazes exibidos nas paredes.

Quinze minutos se passam quando ouço meu nome novamente. Desta vez, uma enfermeira está com uma pasta na mão, segurando a porta aberta. Ela é pequena com cabelos castanhos e olhos amigáveis.

Eu passo pela porta aberta e ela anda ao meu lado.

— Meu nome é Danielle. Por favor, pise nessa balança para mim, para que eu possa anotar seu peso.

Paro e subo na plataforma enquanto Danielle move o mecanismo.

Em seguida, ela escreve o número e diz:

— Estamos indo para a terceira porta à sua esquerda.

Entro na sala de exame, sem saber se devo me colocar na mesa ou me sentar na cadeira.

— Vá em frente e sente-se. — Ela aponta para a poltrona e solta o manguito de pressão arterial. — Vou apenas checar seus sinais vitais e coletar uma amostra de urina, depois faremos uma coleta de sangue antes do seu exame físico.

— Ok. — Eu viro minha mão, com a palma para cima, colocando meu braço contra a minha perna.

A mão fria de Danielle encontra minha pele e não posso deixar de recuar. Ela encaixa o manguito de pressão arterial no meu braço, e tento acalmar meu coração. Danielle comprime a válvula e o tecido aperta, beliscando minha pele.

Quando Danielle termina, ela libera meu braço e sorri tranquilizadora para mim.

— Vamos pegar sua amostra de urina.

Ela me leva ao banheiro.

— Só um segundo. Preciso pegar um pote de coleta — diz Danielle, virando a esquina. Ela está de volta em questão de segundos, um pequeno recipiente esterilizado na mão. — Quando você terminar, abra a porta de metal e coloque-o dentro. Então, volte para a sala em que estávamos antes, e eu entrarei.

— Obrigada, — eu digo, pegando o copo dela. Eu giro a maçaneta e entro no banheiro, trancando a porta. Quando coloco o potinho no balcão, vejo meu reflexo no espelho. Minhas mãos seguram a borda da pia e minhas juntas ficam brancas.

Todos aqueles anos de casamento, e é assim que acabei. Viúva. De pé em uma clínica e tentando não enlouquecer. Porque meu marido... meu marido *morto* pode ter me dado uma doença sexualmente transmissível.

Como eu cheguei aqui? Como esta é a minha realidade?

As noites que nos deitamos acordados nos braços um do outro. Todas as incontáveis horas que Trevor passou enterrado dentro de mim. Saber que ele compartilhou isso com outra pessoa me deixa doente. Toda lembrança do que já fizemos é manchada. Coberto de lama sob um deserto de mentiras e votos quebrados.

Eu abro meu jeans e abaixo-os junto com a minha calcinha. Eles vão fazer um teste de gravidez de rotina, e eu já sei que será negativo. Ainda assim, me faz sentir completamente sozinha. Uma eternidade passa antes que eu finalmente consiga fazer xixi no copo. Eu lavo minhas mãos e volto para a sala de exames onde encontro Danielle parada ao lado do balcão.

— Tessa, você pode se sentar. — Ela faz um gesto em direção à mesa de exames.

Coloco o pé no banquinho em frente à mesa, viro ligeiramente e sento-me. O papel higiênico enruga abaixo de mim enquanto eu passo o copo para Danielle.

Com as mãos enluvadas de látex, ela agarra meu pulso levemente, ajustando meu braço de modo que minha mão esteja voltada para cima e depois pressiona os dedos na curva do meu cotovelo. Ela pega uma alça de borracha e amarra em volta do meu braço.

— Feche a mão para mim.

Eu sinto a pressão fria do algodão com álcool, e quando ela pega a agulha, eu me viro, não querendo ver isso perfurar minha carne.

— Você vai sentir uma pequena pressão, — diz ela.

Meus nervos pulam em antecipação, e eu respiro fundo, estremecendo quando o metal afiado e fino perfura minha pele. Eu olho para o meu braço, observando o fluxo de sangue através do tubo, enchendo o frasco. Eu vejo tudo como se estivesse vendo de longe. Como se eu estivesse bem acordada no pesadelo de outra pessoa. Eu mordo meu lábio para não chorar. Estou mais sozinha neste momento do que senti em meses.

— Você foi ótima, Tessa.

A voz de Danielle me assusta e eu recuo.

Ela sorri desculpando-se antes de continuar:

— Eu vou sair. Tire a roupa da cintura para baixo. — Ela abre um armário e retira um lençol de papel. — Depois de se despir, deite-se e cubra a sua metade inferior com isso. — Ela me dá o material dobrado. — Eu vou voltar em poucos minutos com o Dr. Nash. — Danielle sai, fechando a porta.

Com uma profunda expiração, eu desço do meu poleiro e tiro meus jeans e roupas íntimas. Arrepios formigam minha pele, fazendo minha alma se sentir nua e exposta como a metade inferior do meu corpo.

Eu escondo minha calcinha nas dobras do meu jeans antes de colocá-lo na cadeira. Eu volto para a cama acolchoada e me cubro com o lençol. O material é áspero contra a minha carne, não oferecendo calor ou conforto.

Eu deito de costas e olho para o teto, observando os minúsculos pássaros de plástico branco pendurado acima da

minha cabeça. Eles balançam levemente na brisa da sala com ar condicionado. Desloco-me contra o papel, e cada ruga da folha sanitária rasga as camadas do meu coração, chamuscando as bordas irregulares.

Estou além da tristeza. Raiva transbordando.

Uma sensação de queimação passa por mim e eu a saboreio.

A única força na Terra mais poderosa que o amor corta suas garras no meu núcleo.

Nessa sala estéril muito fria em uma mesa de exame coberta de papel, qualquer amor por Trevor deixado no meu coração profanado se esvai em fumaça.

— Eu te odeio, Trevor, — eu digo com veemência silenciosa.

Não há lágrimas. O bastardo não as merece.

— Eu te odeio pra caralho. — Eu espero que no inferno, ou onde quer que ele esteja, possa me ouvir. — E eu *nunca* vou te perdoar.

16
Dante

Já passa da meia-noite quando jogo a última mochila no porta malas e o fecho. Pegando meu telefone do meu bolso, destravo a tela e puxo o endereço para a casa onde vou ficar por quanto tempo for preciso. Com um último olhar para a cidade, entro no carro, dou partida no motor e conecto o endereço ao GPS. Entro no trânsito e me preparo para a longa viagem à minha frente.

Meus pensamentos estão centrados não apenas em Tessa, mas também em Trevor.

Meu maldito irmão.

Dada a chance, eu gostaria de poder bater nele pelo inferno que ele está colocando Tessa e por ser um idiota. Mas, no final do dia, ainda somos irmãos, e a perda dele machuca. Independentemente do nosso pai de merda, de alguma forma, Trevor e eu conseguimos ter um relacionamento.

Grant Salinger tinha que ser o filho da mãe mais inútil que já viveu. Ele espalhou seu esperma com a mesma disposição que gastou seu dinheiro. Querido velho pai velho teve um monte de mulheres. Para não mencionar, tantos filhos bastardos que parei de acompanhar.

É por isso que ainda não consigo entender como Trevor tem um filho. Nós dois vivíamos de acordo com uma regra

quando se tratava de mulheres. A menos que seu anel esteja na mão da mulher cuja boceta você está afundando, cubra seu pau.

Por que ele foi tão descuidado e por que arriscou seu casamento em cima disso?

A pergunta não respondida rói meu intestino porque não faz sentido.

Eu tenho que mijar, então pego a próxima saída e entro em um posto de gasolina. Vou ao banheiro, compro um café grande e volto para a estrada. Porra, é uma viagem longa, e estou ainda mais chateado que Tessa se recusou a me deixar reservar um voo para ela.

Ela é tão teimosa. E você um hipócrita.

Tessa queria espaço e eu dei a ela. Não houve um telefonema ou mensagem de texto. Nada, nem um maldito e-mail entre nós desde que ela saiu há duas semanas. Se não fosse pelas poucas conversas que tive com o pai dela, eu teria feito essa viagem dias atrás.

Tessa e eu nos tornamos tão arraigadas na vida um do outro. Segurá-la me impedia de me concentrar em minha própria dor. Não é como se eu estivesse a usando como distração. Eu sinto falta dela.

Se há uma coisa que entendi, é isto: Trevor se foi. Não há nada que eu possa fazer para trazê-lo de volta. Eu não posso mudar o que ele fez. Mas eu estou aqui. E eu não me importo quanto tempo leva ou qual a distância que tenha que

percorrer. De um jeito ou de outro, Tessa será minha. Eu vou mostrar a ela que deveria ter sido eu o tempo todo.



Quando cheguei na cidade mais cedo, liguei para o pai de Tessa. Ele me disse para vir depois que eu fizesse as coisas que tinha para fazer. Tessa e sua mãe estavam fazendo compras e ficariam fora por um tempo. Parei na imobiliária por tempo suficiente para pegar as chaves e verificar a casa antes de caminhar a curta distância até a casa dos Carmichaels.

Tessa vai ficar chateada quando descobrir o quão perto eu estou. A localização não é uma coincidência. Um homem não entra em batalha sem um plano, e esta é uma guerra que pretendo vencer.

O pai de Tessa, Bill, está sentado em um dos bancos na varanda com um balde de gelo ao lado dele. Subo os degraus da frente e estendo minha mão para ele.

— É bom ver você, filho, — diz ele, ficando de pé e me puxando para o abraço de homem. Quando nos afastamos um do outro, Bill diz: — Pegue uma cerveja e sente-se.

— Obrigado. É o que eu vou fazer. — Entro no local para pegar uma cerveja e me acomodar na cadeira desocupada.

Alguns minutos de silêncio passam antes que eu pergunte:

— Como ela está indo?

— Agora, essa é uma pergunta carregada. — Ele se inclina para frente em sua cadeira, os cotovelos nos joelhos com a cerveja na mão. — Ela não chora muito mais. Ela não fala sobre ele também. Não que ela fale comigo sobre esse tipo de coisa, mas ela também não mencionou nada a Maggie.

Eu tomo um gole da minha cerveja, e antes que eu possa responder, um carro estaciona na garagem.

Bill se vira para mim.

— Está pronto? Estou disposto a apostar um bom dinheiro, isso não vai ser bonito.

— Pronto como jamais estarei.

O carro para e eu vejo Tessa e sua mãe saindo. Ambas estão rindo como se tivessem compartilhado uma piada, nem prestando atenção enquanto andam até a traseira do carro. A luz do sol pega o rabo de cavalo de Tessa, fazendo os fios parecerem dourados. Ela está tão linda.

Eu me levanto e desço os degraus com Bill atrás de mim. Quando seus olhos finalmente se assentam em mim, seu sorriso desaparece e ela quase deixa cair as sacolas que está segurando. Choque cobre suas feições, e dizer que ela está surpresa em me ver aqui seria um eufemismo.

— Deixe-me ajudá-la com isso, — eu digo, me aproximando de Tessa.

— Que porra você está fazendo aqui? — Seu tom é puro veneno, e seus punhos apertam em torno das sacolas.

— Tessa Rae! — Sra. Carmichael a repreende e, em seguida, acrescenta: — Eu não criei você para falar assim.

— Mamãe, eu tenho vinte e sete anos de idade...

— Eu não me importo se é noventa e sete; você é uma dama. — Ela bufa. Ela passa as sacolas para o marido e caminha em minha direção de braços abertos. — Dante, é tão bom ver você. Eu sinto muito sobre Trevor. — Ela me envolve em um abraço e então dá um tapinha na minha bochecha.

— Obrigado. É bom ver você também, Sra. Carmichael.

— Garoto, — ela avisa: — Eu já lhe disse mil vezes para me chamar de Maggie. Juro, depois de todos os feriados que passamos juntos, acho que você já deve saber melhor. — Ela se vira para a filha. — Tessa, por que você e Dante não conversam? — Ela sugere, pegando as sacolas de Tessa e dando-lhe um olhar severo.

A contragosto, Tessa as solta.

— Vamos, Bill. Você pode me ajudar a fazer o jantar — Maggie diz.

— Boa sorte, filho. — Ele olha para mim com simpatia e segue sua esposa para a casa.

Tessa passa por mim. Eu estendo a mão e pego seu braço. Sua respiração fica suspensa, e ela finge uma pequena tosse para encobrir sua ingestão aguda de ar.

— Fale comigo, Tessa.

— Solte-me. — Ela ferve.

Eu libero o braço dela, levantando minhas mãos em rendição silenciosa.

— Correndo o risco de me repetir, o que você está fazendo aqui? — Ela cruza os braços sobre o peito, fazendo

com que meu olhar mude, me direcionando para os seios dela.

Merda. Eu preciso disfarçar isso.

— Eu queria vê-la.

— Bem, você me viu. Agora pode ir embora. — Ela se vira e caminha em direção à casa.

Eu estou em seus calcanhares enquanto ela sobe os degraus.

— Tessa. Pare por apenas um maldito minuto e deixe-me falar com você.

Nós dois ficamos parados na varanda.

Ela se vira para mim, temperamento piscando em seus olhos.

— Você tem dois minutos. E então você precisa entrar no seu carro... — Ela para de repente e olha para a garagem. — Espere. Onde está seu carro?

Foda-me. Isso está prestes a acabar como uma tonelada de tijolos.

— Na minha casa.

— O que você quer dizer com *na sua casa*? — Sua voz sobe uma oitava.

— Na minha casa. Como na que aluguei aqui em Charleston. — Eu me preparo para a explosão que sei que está chegando.

— Espera! Que diabos você está falando? Você perdeu a cabeça? Por que você alugaria...

Só então, a porta da frente se abre, o som cortando-a.

— Vocês, crianças, estão bem aqui? — Pergunta Bill.

O rosto de Tessa está vermelho, seu peito arfando. Se olhares pudessem matar, eu estaria morto.

— Bebê urso?

As pontas das orelhas de Tessa ficam rosadas com o uso do apelido.

Ela o encara.

— Sim papai. Estamos bem.

— Está bem então. Dante, Maggie queria que eu o convidasse para ficar para o jantar.

— Não. Ele está ocupado, — ela responde antes mesmo de eu ter uma chance. — Você não está, Dante? — Ela pergunta, atirando punhais e me desafiando a objetar.

Ela está certa. Eu preciso dormir mais do que preciso comer.

— Por favor, agradeça a Maggie, mas Tessa está certa. Talvez outra hora.

— Bem, você é bem-vindo a qualquer momento, filho. — Ele volta para dentro, deixando-nos sozinhos na varanda.

A porta se fecha, e Tessa diz:

— Trinta segundos.

— Pelo amor de Deus. — Eu aperto meu cabelo em frustração. — Eu sei que você está chateada.

— Chateada? Você acha que estou chateada? — Ela dá um passo em minha direção. — Isso vai muito além de estar apenas chateada, Dante. Você mentiu para mim.

— Quando eu já menti para você?

— Uma mentira por omissão ainda é uma mentira.

— Tessa, — eu quase rosno para ela, — nós já passamos por isso. Você mal estava aguentando. Como diabos eu deveria te dizer que ele te traiu? Eu não suportaria te machucar mais do que você já estava.

— Muito nobre de você.

Nobre? Ela não pensaria que estou sendo nobre se soubesse o que quero fazer com essa boca bonita e atrevida.

Eu solto um suspiro de frustração e me inclino contra o corrimão, cruzando os braços.

— Trevor era meu irmão, mas eu não mantive seu segredo escondido por algum senso de lealdade equivocada por ele.

— Então, por quê? — Dor transparece em sua voz, suavizando-a. — Por que você não me contou? Você tem alguma ideia de como foi descobrir desse jeito?

— Eu te disse antes, eu estava tentando protegê-la.

— Eu não me importo com o que você estava tentando fazer. Eu fui completamente pega de surpresa por aquele teste de DNA. — Ela acusadoramente aponta um dedo para mim. — E você espera que eu acredite que não sabia que ele tinha engravidado sua amante?

— Sim! Porque é a porra da verdade. — Eu abaixei minha voz antes de continuar. — Trevor teve um caso. Um que resultou em uma criança. Esses são os pecados do meu irmão. — Eu dou um passo à frente. — Não. Meus.

Ela recua.

— Dante, por que você está aqui?

Eu avanço outro passo em frente. Quanto mais me aproximo, mais ela se afasta até que suas costas estão pressionando a casa entre o batente da porta e a grande janela panorâmica. Uma leve brisa pega, soprando uma mecha de cabelo em seu rosto.

Eu estendo a mão para capturá-lo, mas antes que eu possa colocá-lo atrás da orelha, ela agarra meu pulso e aperta.

— Não. Me. Toque.

Eu puxo minha mão para fora de seu alcance e a coloco contra a casa, enjaulando-a.

— Você realmente quer saber por que eu vim aqui, Tessa?

— Sim.

Eu abaixei minha cabeça e sussurrei contra a concha de seu ouvido:

— Eu vim por você.

Sem outra palavra, me viro para sair. Imagino-a olhando para mim, aturdida e sem palavras. Eu enfio minhas mãos nos bolsos da minha calça jeans e faço a curta caminhada até o lugar que vou chamar de lar por quanto tempo for preciso. Até que eu possua o coração de Tessa. Ou o que sobrou dele.

17
Jessa

Estou deitada, olhando para o teto, e não importa o quanto tente desligar meu cérebro, não posso. Rolando para o meu lado, enfrento a janela aberta, respirando o cheiro do oceano. Eu empurrei os cobertores, deixando minhas pernas expostas.

— Eu vim por você.

Mais cedo, quando Dante praticamente me prendeu contra a casa, seu hálito quente dançando ao longo do meu pescoço enquanto falava no meu ouvido, levou cada grama de autocontrole que eu pude reunir para não me inclinar para ele. Como eu queria pressionar minha bochecha na aspereza de sua barba escura aparada. Seu cheiro era inebriante. Terroso com uma pitada de especiarias e suor.

Uma brisa leve sopra em minha pele e se agita dentro de mim. Lentamente, minha mão desce pelo meu corpo, parando quando meus dedos roçam o tecido de renda. O desejo lambe meu centro. Eu deslizo um dedo abaixo do material delicado.

Sinto falta do sexo; Isso é tudo.

Eu abro minhas pernas, deslizando no meu calor úmido.

Isto não é sobre Dante.

Outro dedo.

Não pode ser.

Dentro e fora.

Eu dobrei os dedos dentro de mim, em um movimento de vai e vem, e então me contorci contra a minha mão.

Sua boca em mim.

Sua língua rodando dentro de mim.

Um gemido silencioso me escapa. Estou tão perto. Parece bom demais. A velocidade do movimento aumenta a cada passagem. Cada vez mais rápido. E quando fecho meus olhos, não é o rosto de Trevor que vejo. Eu mordo meus lábios para não gritar o nome de Dante.

Lágrimas não derramadas picam meus olhos enquanto chego ao limite, subindo. Meu orgasmo dispara através de mim. Então, cedo demais, a alta da minha liberação se evapora. Engulo em um mar de vergonha e arrependimento.

Mortificada, levanto-me para lavar as mãos, usando o luar espalhado pelo meu quarto para guiar meus passos até o banheiro. Eu não ligo a luz do banheiro porque a última coisa que quero é ver meu reflexo no espelho. Ver-me exposta sem as sombras para encobrir minha vergonha.

Eu passo pelo tapete e volto para a cama, puxando as cobertas até o queixo. A culpa se agarra como uma segunda pele quando caio em um sono intermitente. Os olhos que me assombram nos meus sonhos não são azuis. Eles são escuros. Misteriosos. Com uma intensidade tão abismal, simultaneamente me excita e me apavora.

A manhã chega cedo demais. Quando abro os olhos, parece que não dormi nada. A lembrança da noite passada persiste nas bordas da minha mente, e eu preciso sair deste quarto.

Troco de roupa e desço as escadas em busca de cafeína. Tropeçando na geladeira, pego o creme com sabor de baunilha da prateleira e, em seguida, enfio a mão no armário e pego uma xícara de café. Meus olhos avistam a nota que mamãe deixou ao lado do armário. Ela e meu pai ficariam fora o dia todo, e eu tenho a casa para mim.

O tempo está lindo, então depois que tomo meu café, eu vou para a varanda da frente, pegando o jornal de hoje da mesa da cozinha no meu caminho. Planejo mergulhar na loucura que está acontecendo no mundo, em vez do caos causando confusão em minha mente.

Com minha caneca em uma mão e o jornal debaixo do braço, giro a maçaneta e abro a porta.

— Ah, — eu grito.

A visão inesperada de um garoto com o rosto cheio de espinhas, os dedos curvados e prestes a bater, me pega de surpresa.

Café, não escaldante, graças ao creme, mas ainda quente o suficiente para queimar, salpica sobre a borda da caneca.

— Merda. — De alguma forma, eu não deixo cair a caneca, e a coloco na mesa da entrada.

— Sinto muito, senhora. Realmente sinto muito, — ele pede desculpas profusamente.

Tenho pena dele. Ele não pode ter mais de dezessete anos.

— Está tudo bem, — asseguro-lhe, tirando o jornal do meu braço e colocando-o ao lado da xícara de café. Um líquido bronzeado grudento escorre da minha mão avermelhada, e eu a passo contra a minha perna vestida de jeans.

Ele segura uma prancheta.

— Você pode assinar na parte inferior?

Percebo a van do Best BudsFlorist atrás dele. Eu olho de volta para o garoto cujo nome é Andy, de acordo com a costura na polo que ele está vestindo, apenas para encontrá-lo olhando para o meu decote coberto por um top de alças.

— Andy. — Eu estalo os dedos da minha outra mão, a que não está coberta de café.

Ele assusta ao som de seu nome.

— Olhos aqui em cima, — eu digo, meu dedo indicador e médio apontando para os meus olhos. Eu pego a xícara de café e digo a ele: — Vou lavar minhas mãos. Eu volto já.

Seu rosto fica vermelho como sua camisa.

— Sim, senhora, — diz ele, deixando cair os olhos no chão. Pelo menos ele tem a decência de estar envergonhado.

Uma vez na cozinha, ligo a água fria e corro minha mão no jato para aliviar a pontada leve de dor. Felizmente, eu gosto do meu café com um pouco de creme; caso contrário,

tenho certeza de que teria sido pior. Limpo a caneca com o pano de prato úmido antes de secá-la com uma toalha de papel. Então, lavo o resíduo pegajoso da minha pele.

— Vamos tentar de novo, — digo em voz alta para mim mesma. Eu pego a caneca e saio para a varanda.

Andy não está em lugar nenhum e a prancheta está na mesa entre as duas cadeiras de balanço. Quatro grandes vasos cheios de margaridas brancas estão no degrau da varanda. Eu não posso deixar de sorrir. Parece que meu pai ficou romântico em sua velhice. Tulipas são a flor favorita da minha mãe, mas pelo menos ele tentou.

Largando meu café para baixo, pego a prancheta e rabisco meu nome no espaço. O som de uma porta se fechando chama minha atenção, e eu olho para cima para ver Andy carregando mais dois arranjos de margaridas brancas.

— Ok, isso é tudo, — diz ele, recusando-se a fazer contato visual.

— Eu assinei a entrega.

— Obrigado, senhora. — Ele sorri nervosamente. — Você precisa de ajuda para levá-las para dentro?

Eu abro a porta antes de me virar para pegar as flores dele.

— Não preciso, mas obrigada.

— Tenha um bom dia, — diz ele e se afasta.

São necessárias três viagens antes que as flores estejam todas posicionadas no balcão da cozinha. Quando eu

deposito o último buquê, noto um pequeno envelope. Não é o nome da minha mãe escrito do lado de fora; é o meu.

Eu arranco o cartão do suporte plástico e abro.

TESSA,

SÓ POR VOCÊ.

DANTE

Meu queixo cai em choque.

Em todos os anos que Trevor e eu estivemos juntos, nem uma vez ele me mandou margaridas. Em vez disso, ele enviou rosas vermelhas de haste longa. Caro. Lindo. E muito exagerado.

É verdade; Eu circulei por alguns dos maiores eventos sociais em Chicago. Eu fiz parte desses mesmos círculos sociais, mas por trás disso tudo, eu ainda sou a garota simples da Carolina do Sul que vai preferir margaridas brancas e chardonnay de pêssego a rosas vermelhas e Dom Perignon a qualquer momento.

Então, como meu cunhado percebeu os detalhes minuciosos que escapavam ao meu marido?

Eu subo as escadas para pegar meu telefone. Eu fico olhando por um longo tempo antes de digitar o primeiro texto que enviei para Dante em dias.

18
Dante

Não há nada para comer nesta casa, e estou morrendo de fome. Ontem liguei para a florista e pedi comida para o jantar. Eu estava exausto demais para lidar com ir as compras, e não há café aqui.

Eu pego minhas chaves e meu telefone e saio pela porta. Meu celular vibra na palma da minha mão e eu paro no meio do caminho. É de Tessa. Uma palavra aparece na minha tela.

Tessa: Obrigada.

Talvez eu deva ligar para ela. Ver se ela quer sair para o café da manhã. Eu imediatamente descarto a ideia. Vai ser mais difícil para ela dizer não pessoalmente.

A viagem até Tessa leva menos de um minuto. Eu bato na porta e espero que ela atenda. Quando ela finalmente abre, ela está vestida com jeans e uma blusa preta. Seu cabelo está preso em um coque bagunçado, e ela não está usando maquiagem. Ela está deslumbrante.

Nossos olhares travam por alguns segundos antes de Tessa falar:

— Dante. — Ela parece confusa. — Eu te enviei um texto. Obrigada, você sabe, pelas flores.

— Eu recebi e você não precisa agradecer. Olha, estou morrendo de fome. Tome café da manhã comigo.

— Eu não tenho certeza do que você está tentando fazer aqui. — Ela se afasta. — Seja o que for, não quero fazer parte disso. — Sua mão se move para um pedaço de cabelo solto, e ela gira em torno de seu dedo.

— É só café da manhã, Tessa. Eu não vou morder. — *A menos que você queira.* — Além disso, precisamos conversar.

— Sobre?

— Salinger e Salinger.

Pelo olhar no rosto dela, essa não é a resposta que ela esperava.

Ela não responde por um minuto inteiro antes de ceder.

— Só um segundo. Deixe-me pegar meus sapatos.

Pegamos meu carro e Tessa me dá instruções para um café local. Uma vez lá dentro, nós nos juntamos à fila no balcão, onde uma enorme lousa fica pendurada sobre a mesa com os itens do menu e as especialidades diárias escritas nela. Depois de fazer nosso pedido, recebemos nossos cafés e um número para colocar na mesa. Tessa vê um reservado no canto e eu a sigo, sentando-me em frente a ela.

— O que está acontecendo? — Ela pergunta, indo direto ao assunto.

— Eu preciso lhe fazer algumas perguntas, e quero que você seja honesta comigo.

— Uau, Dante. Isso é grande, vindo de você.

Essa sua boca atrevida.

Ignorando o comentário dela, pergunto:

— Você e Trevor estavam tendo problemas financeiramente?

— O quê? Por que você perguntaria isso?

Dada a reação dela, sei que ela não faz ideia.

— Não. As coisas estavam bem. Melhor que bem.

Somos interrompidos quando uma garota traz nossa comida para a mesa e pega o número.

— Apenas grite se precisarem de mais alguma coisa, — diz ela antes de ir embora.

— Dante? — Ela olha para mim por cima de sua xícara de café.

— Tenho certeza de que Trevor estava desviando dinheiro da empresa.

— Você acha que seu irmão estava roubando? De sua própria empresa? — Choque cobre suas feições.

Eu pego meu garfo e como um bocado de frango e waffles. Então, eu engulo antes de responder sua pergunta.

— Eu estava verificando a contabilidade antes de ele morrer. Havia algumas discrepâncias nas finanças. Algumas bandeiras vermelhas. Foi por isso que pedi a ele para me encontrar.

Ela toma outro gole de café e não diz nada. É então que noto que ela ainda não tocou sua comida. Eu levanto uma sobrancelha e olho seu prato. Ela levanta a sobrancelha para mim em desafio.

— Tessa, — eu digo incisivamente.

— Dante.

— Coma, — eu digo, levantando meu garfo na minha boca.

— Por que você está tão obcecado com meus hábitos alimentares? — Ela exige em um tom que me diz que não é da minha conta.

— Porque eu me preocupo com você, e você mal come o suficiente para manter um maldito pássaro vivo.

Só então, seu estômago ronca. Alto. Eu não posso esconder meu sorriso satisfeito. Ela pega o garfo e dá uma mordida no crepe de mirtilo.

— Pronto. Feliz? — Ela limpa a boca. — Você disse que havia bandeiras vermelhas. Que tipo de bandeiras vermelhas?

— Eu descobri que ele estava retirando dinheiro semanalmente da conta da empresa. Sempre em pequenos intervalos, alguns milhares aqui e ali. Teria passado despercebido, dada a receita mensal que a S & S faz. Eu decidi repassar as margens de lucro, e sabia que algo não estava certo, então comecei a procurar. — Eu dou outra mordida e vejo o rosto de Tessa enquanto absorve a notícia.

— Você sabe quanto tempo estava acontecendo? — Ela finalmente pergunta.

— Cerca de um ano.

— Por que demorou tanto para perceber? — Tessa faz a mesma pergunta que tenho repetidamente me feito.

— Trevor era inteligente e obviamente bom em esconder coisas.

— Ele com certeza era, — ela murmura.

Nenhum de nós diz muito quando terminamos a refeição.

Tessa parece retraída quando nos levantamos para sair. Eu odiei perguntar a ela, e não queria aborrecê-la, mas tinha que saber. Depois de pagar a conta, saímos para o carro.

— Você se importa se passarmos no mercado? Não há comida na casa.

— Tudo bem, — diz ela. — Se você virar à direita, há um Publix a poucos quilômetros abaixo da estrada.

Tessa olha pela janela enquanto dirigimos pela cidade. Não demorou muito para comprar o que eu precisava, e entramos e saímos da loja rapidamente.

Quando saímos do estacionamento, me viro para encontrar Tessa com os olhos colados na janela novamente.

— Tess, você está bem?

— Não, não realmente, — diz ela sem olhar para mim.

— O que eu posso fazer?

Fora da minha periferia, a vejo me encarando.

— Nada, a menos que você possa trazer seu irmão de volta à vida, para que eu possa matá-lo.

— Entendi. Acredite em mim, eu entendo. Mas você realmente não quer dizer isso.

— Oh, eu quero. Você não imagina o quanto. — Seu tom é gelado e cheio de convicção. Sua voz fica mais baixa, seu olhar voltando para a janela. — Eu o odeio. — As palavras soam mais tristes do que irritadas.

Eu não sei o que dizer, então não digo nada enquanto entro na garagem.

— Por que estamos nos Millers? — Ela olha de mim para a casa e depois de volta para mim.

— Estou alugando a casa deles enquanto estou em Charleston. De acordo com o agente imobiliário, eles estão fora, conhecendo o país. Dirigindo a Rota 66 ou alguma merda. Eu só vou colocar as compras lá dentro.

— Espera. Então, isso significa que você está a *cinco* casas da casa dos meus pais? — Ela pergunta incrédula.

— Eu acho. Você quer entrar por um minuto?

— Não. Obrigada pelo café da manhã, mas vou para casa. — Ela abre a porta e sai do carro.

19
Jessa

As notícias continuam chegando. Eu sinceramente não sei como ainda estou de pé. Como se as notícias da prostituta e filho bastardo de Trevor não fossem um soco no estômago, eu descobri que ele também estava roubando de sua própria companhia. Tudo que pensei que sabia era mentira. Uma teia de decepção intricadamente tecida.

Vim para casa em Charleston para me afastar de tudo porque precisava de tempo e espaço para me reagrupar. E, em questão de semanas, Dante apareceu do nada. Ele e Trevor podem não parecer nada iguais, mas sua presença é um lembrete constante de tudo que estou tentando esquecer. Ele me faz sentir coisas que não quero sentir. Cada dia que passa, antes do meu coração ter tido a chance de sarar, eu estou totalmente aberta novamente.

Luto. Raiva. Tristeza. Choque. Ódio. Estou tão cansada. Tão cansada de todos os sentimentos do caralho. Eu só quero uma noite em que não precise sentir nada. Onde cada respiração não é excruciante. Uma noite para esquecer.

Eu me visto, coloco maquiagem e endireito meu cabelo até ficar perfeito. Depois que pego minhas chaves e telefone, eu lanço na minha bolsa e saio do meu quarto.

Quando chego ao final da escada, minha mãe vira sua atenção da televisão para mim.

— Querida, você está linda. Para onde está indo?

— Só dar uma volta, — eu minto entre os dentes. Eu sou uma mulher crescida mentindo para sua mãe porque, se ela soubesse onde eu estava indo, haveria uma conversa. Ela me pressionaria para falar, e agora eu não posso lidar com isso.

— Você está toda vestida para apenas uma volta? — Ela me olha com desconfiança.

A mulher ainda é esperta demais para seu próprio bem. Eu não podia me safar quando era pequena. Minha mãe é uma querida, mas também é um osso duro, e pode ver através de mim a um quilômetro de distância.

Papai olha do seu lugar ao lado de mamãe no sofá e me dá uma piscadela. Então, ele diz a ela:

— Mags, pare com a inquisição.

Seu braço repousa sobre o encosto do sofá, e ela se senta, encolhida contra ele. Ela é viciada em programas de crime, mas ela tem muito medo de vê-los sozinha, então ele a satisfaz.

— Eu sei, eu sei. Apenas tenha cuidado.

Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que ela não acredita na mentira.

— Eu vou. — Não é uma promessa que tenho certeza que pretendo cumprir.

Eu abro a porta, e quando estou prestes a sair, meu pai diz:

— Bebê urso, você ainda tem aquele spray de pimenta? E a sua chave de casa?

Apesar do peso me afundando, eu reprimo uma risada. *Tanto para eu ser crescida.*

— Sim Papai.

Essa é a verdade. O spray de pimenta é anexado ao meu chaveiro. Quando você mora e trabalha em uma cidade como Chicago, você toma precauções.

— Te amo, — os dois dizem em uníssono.

— Amo vocês dois. Não me esperem, — eu grito e fecho a porta atrás de mim.

Demora cerca de quinze minutos para dirigir até a Joe'sTavern. Eu estaciono o carro e entro. Música country brota da jukebox, e o pano verde cobrindo cada um dos trios de mesas de sinuca parece ter visto dias melhores. Bancos de madeira, sem encosto e redondos, revestem o bar e os painéis de cor marrom cobre a metade inferior das paredes.

Eu atravesso a multidão, roubando um banquinho vazio no final do bar. Eu pego o olho do barman. Ele levanta um dedo, sinalizando que já irá me atender.

— O que eu posso trazer para você? — Ele pergunta, a voz suave e grave. Ele coloca um guardanapo na minha frente.

— Jameson, duplo, com gelo, — eu ordeno sem hesitação.

— Chegando. — Seu sorriso mostra suas covinhas. Ele é certamente bonito aos olhos.

Eu o vejo fazer a minha bebida, e quando ele coloca no guardanapo, eu pego minha bolsa e entrego meu cartão de crédito.

— Abra uma guia para mim e mantenha-os chegando.

— Você manda, querida. — Ele pisca e depois se afasta para atender a outro cliente.

Não demorou muito para eu beber cinco drinques, e Jameson se tornar meu novo melhor amigo. Eu puxo meu telefone da minha bolsa e deslizo meu dedo sobre a tela. Há um texto de Dante. O homem não entende o significado de espaço. Leva-me três tentativas para digitar o texto.

Tessa: Deixe-me em paz.

Eu apertei Send, e os pontinhos começaram a pular na tela.

Dante: Não.

Ignorando-o, bati a palma da minha mão no topo do bar algumas vezes.

— Bartender, eu quero mais um.

Ele cautelosamente me olha. Mas eu estou em uma missão. Ainda me lembro e estou bebendo para esquecer.

— Aqui está, e é Cole. — Ele coloca a bebida na minha frente.

Levantando meu copo em um gesto de brinde, eu digo:

— Obrigada, Cole, — fazendo um esforço significativo para não embrulhar as palavras e derramar metade dele. Então, volto minha atenção para o meu telefone.

Quando eu olho para cima, Cole está limpando o balcão ao meu lado.

— Você esqueceu meus canudos.

— Canudos?

— Sim. Você sabe, os pequenos negros? — Eu não sei por que eu preciso explicar isso para ele.

Ele os passa para mim, sem se preocupar em esconder um revirar de olhos.

Eu os coloco no meu copo.

— Homens são idiotas. Você sabe disso, Cole?

Eu decido então que outros homens podem ser idiotas, mas Cole é um idiota rude. Uma mulher em uma missão para ficar bêbada precisa desses minúsculos canudos pretos. Não sei por que, mas eles parecem fazer o trabalho mais rápido.

Meu telefone toca com outro texto.

Eu começo a digitar uma resposta inteligente, mas as letras estão flutuando acima da tela. Meu telefone toca na minha mão, assustando-me e eu deixo cair no bar.

— Opa. — Eu falo e, em vez de recusar a ligação, aceito acidentalmente.

— Dante?

— Tessa, você está bem? — Dante soa estranho.

— Não poderia estar melhor, — eu cantarolo.

— Você está bêbada?

Eu seguro minha mão na minha frente, usando meu polegar e ponteiro para medir.

— Talvez um pouco.

— Porra.

Eu ouço o movimento através da linha telefônica.

— Onde você está?

— Eu preciso de um pouco de espaço, então estou fora, conseguindo um pouco.

— Onde diabos você está?

— Estou aqui. Onde você está? — Eu sorrio.

— Tessa.

Dante parece que não me acha engraçada. Ele está errado. Sou hilária. Eu não entendo qual diabos é o problema de todos hoje à noite.

— Dante, — eu digo em um tom zombeteiro, — não fique nervoso.

Eu o ouço respirar pesadamente no telefone.

— Apenas me diga onde você está.

— Dante, escute. — Eu seguro meu telefone, para que ele possa ouvir Sam Hunt. — É minha música. Eu vou dançar.

— Tessa, espere.

— Por que você está gritando comigo?

— Eu não estou. Apenas me diga onde você está.

— Eu já te disse. — *Talvez.* — Eu estou no Joe'sTavern. Preste atenção.

— Tudo bem. Estou a caminho. Não saia, ok?

— Não saia. Entendi.

Com as pernas bambas, escorrego do banquinho e jogo meu celular na bolsa. É preciso um foco extremo para fechar

a maldita coisa e deslizá-la sobre a minha cabeça. A sala gira enquanto ando até a pista de dança. Em um mar de pessoas, com Jameson no meu sangue e Sam Hunt gritando através dos alto-falantes... Eu finalmente começo a esquecer.

20

Dante

Quando chego à Joe'sTavern, está lotado, e levo um minuto para ver Tessa na pista de dança. Algum idiota está dançando muito perto dela, e eu me aproximo.

Um sorriso se espalha em seu rosto quando seus olhos pousam em mim.

— Dante, — ela joga os braços em volta de mim — você está aqui.

Ela recua levemente e eu posso dizer que a bebida afogou o desdém que ela normalmente reserva para mim.

As mãos de Tessa se movem para cobrir minhas bochechas, as pontas dos dedos coçando minha barba. Eu deslizo meus braços ao redor de sua cintura. Por uma fração de segundo, tudo se desvanece. Somos só nós. Bem aqui, agora... Estou segurando tudo que eu sempre quis em meus braços.

— Ei, cara, a senhora está comigo, — diz o idiota, quebrando o feitiço e me trazendo de volta ao momento em questão.

O filho da puta tem coragem; Eu vou admitir isso.

Uma mão permanece em Tessa enquanto eu deslizo seu corpo atrás de mim, colocando-me entre ela e o imbecil. Eu endireito, prendendo-o no lugar com um olhar.

— Que porra você disse?

Ele olha para longe. *Maldito covarde*.

— Me desculpe, cara. Eu não percebi. Ela é toda sua. — Ele dá alguns passos para trás e depois desaparece na multidão.

Eu me viro para Tessa. Com as bochechas vermelhas, lábios carnudos e cheirando como se tivesse bebido uma garrafa de uísque e depois mais um pouco.

Ela se inclina para mim.

— Mmm, você cheira bem.

— Vamos lá, vamos tirá-la daqui, — eu digo, envolvendo um braço em volta dela.

— *Uma maldita bebida*, — ela insulta, cutucando um dedo no meu peito. — *Vem* conhecer o Cole. Ele é meu novo amigo.

Merda. A guia dela provavelmente ainda está aberta.

— Ok. — Eu a seguro firme enquanto andamos em direção ao bar, mas não pelo motivo que ela pensa.

— Coooole. — O grito de Tessa é arrastado pelo bar.

O barman chega ao final do bar onde estamos.

— Você é Cole?

— Sim, cara. — Ele olha para Tessa, que está completamente bêbada.

O filho da puta deve ser cego se não puder ver isso.

— A guia dela ainda está aberta?

— Sim.

— Bem, feche isto.

Quando ele se afasta, enfio a mão no bolso traseiro, tiro a carteira e retiro um cartão de visitas e uma nota de cem dólares.

— Dante. Tão sonolenta, — Tessa diz, balançando ao meu lado.

Eu deslizo minha carteira de volta para o meu bolso e aumento meu aperto nela.

— Está tudo bem. Você pode dormir em alguns minutos.

Eu a seguro mais perto e ela inclina a cabeça no meu ombro.

Eu olho Cole enquanto ele empurra o recibo em um copo e coloca em cima do balcão na minha frente.

— Aqui está.

Eu rabisco a assinatura de Tessa no recibo e coloco seu cartão de crédito no bolso.

— Cole... — eu seguro o dinheiro e meu cartão de visitas — da próxima vez que você a vir aqui, me ligue. E, pelo amor de Deus, corte-a antes que ela esteja completamente na merda.

Ele pega a oferta da minha mão e diz:

— Tudo bem.

Idiota.

Com esforço, eu manobro através das pessoas e consigo nos levar até a porta.

Quando estamos no estacionamento, olho para Tessa.

— Você está bem?

— Estou bêbada, — diz ela com um beicinho.

É preciso algumas manobras, mas eu a coloco no banco do passageiro. Além do dia do funeral de Trevor, eu nunca a vi tão bêbada. Claro, ela já ficou bêbada, mas isso é algo completamente diferente.

Depois que chegamos à minha casa, eu ligo para Bill e o deixo saber que Tessa está a salvo.

Ela é como uma boneca de pano enquanto a coloco na ponta da minha cama. Eu a coloco mais para trás, para que ela não caia, mas seus pés ainda tocam o chão. Eu vasculho minhas gavetas, pegando uma camiseta e uma cueca boxer.

— Eu não me sinto bem, — Tessa geme, tentando se sentar.

Eu jogo as roupas de lado e corro.

— Merda. — Eu a pego novamente em meus braços e a levo para o banheiro.

Eu a coloco a alguns passos do banheiro.

Ela oscila.

— Eu vou...

O som do vômito corta suas palavras.

Eu me movo rápido para levá-la até o vaso sanitário. Eu mantenho um braço ao redor de sua cintura para apoio e uso minha outra mão para segurar seu cabelo para trás enquanto ela vomita. Quando ela está fraca demais para me ajudar a sustentar seu peso, eu me instalo no chão do banheiro. Ela apoia o cotovelo na borda de porcelana e descansa a bochecha contra ele. Sento-me atrás dela, o corpo entre as minhas pernas e esfrego círculos nas suas costas.

— Sinto muito, — diz ela fracamente.

— Shh. — Eu levanto o torso dela e inclino-a contra o meu ombro. — Está tudo bem. Vou limpar tudo.

— Não a-apenas isso. Por tudo.

— Tessa, você não tem nada para se desculpar. — E ela não tem.

— Uma noite. Eu só queria uma noite para esquecer. — Ela soluça.

A dor em sua voz corta direto meu coração.

— Eu sei. — Eu coloco meu queixo no topo de sua cabeça.

— N-nós d-deveríamos ter um b-bebê. — Sua respiração pega, e eu sei que ela está chorando. — M-mas ele teve um bebê com outra pessoa. — Ela limpa seu ranho em sua manga. — Ele está morto. O tempo acabou. — Ela fica quieta por um minuto antes de falar de novo. — Eu o odeio.

— Eu sei, Tess. Eu sei. — Eu gostaria de poder tirar a dor dela. Pegar uma varinha daquele maldito garoto bruxo e apagar tudo.

Seu corpo fica tenso, e ela se inclina para frente, vomitando de novo, batizando meu jeans desta vez. Eu seguro o cabelo dela enquanto ela se encolhe com tanta força que lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— Oh Deus, — ela geme, apoiando a cabeça nas mãos.

— Vou te limpar. Eu já volto. — Cuidadosamente, eu saio de trás dela e fico de pé.

Depois que eu tiro minhas roupas e coloco um short de basquete, pego as roupas que separei antes para Tessa e volto para o banheiro para encontrá-la na mesma posição em que a deixei. Eu deixo as roupas na bancada e depois ajoelho ao lado dela. A ponta do meu polegar tira o cabelo do rosto dela.

— Tudo e-estág-girando.

— O que eu posso fazer?

— M-me matar, — ela choraminga.

Amanhã, ela vai ter uma ressaca infernal.

Eu me levanto, vou para a banheira e ligo a água. Quando está quente o suficiente, eu fecho o dreno e, em seguida, esguicho um pouco do meu gel para banho na água; é o melhor que posso fazer.

Enquanto a banheira enche, volto minha atenção para Tessa. Passando os braços em torno dela, eu a levanto e a viro lentamente para me encarar.

— Tudo bem?

Ela vacila e sua cabeça cai no meu peito. Eu acho que isso responde a minha pergunta. Apesar dos meus esforços, ela vomitou em seus cabelos e sujou sua camisa.

— Tessa, eu vou ajudá-la a se despir. — Minhas mãos se movem para a bainha de sua camisa.

Ela levanta a cabeça e torce o nariz.

— Há v-vomito no meu cabelo.

— Eu sei. Segure no balcão. Eu preciso desligar a água. — Eu vou até a banheira e volto para ajudar Tessa. —

Levante seus braços, — eu instruo, ajeitando a camisa nas minhas mãos.

Lentamente, ela levanta os braços acima da cabeça.

Eu a levanto, revelando seus seios perfeitos cobertos por um sutiã de renda rosa. E, nesse momento, todo o oxigênio é sugado do ambiente. Eu engulo em seco. Meus dedos deslizam por suas costas para desabotoar seu sutiã. O material é macio e é preciso esforço para deixá-lo de lado sem cheirá-lo.

— Você acha que consegue tirar o jeans? Vou pegar um pouco de água. — Meu pau está duro. Eu preciso colocar algum espaço entre nós.

— Ooo-Kay.

Ela dá um passo para trás, quase caindo de bunda, e eu chego para pegá-la.

Porra. Eu preciso colocá-la na banheira antes que ela acabe precisando de pontos.

— Aqui. — Eu coloco suas mãos nos meus ombros e depois me ajoelho na frente dela. — Eu vou ajudá-la. — Desabotoando seu jeans, eu enfio minhas mãos dentro do cós e deslizo o jeans para baixo de suas pernas. Então, eu bato no tornozelo dela. — Levante o seu pé.

Seu aperto nos meus ombros fica mais forte enquanto ela se equilibra. Ela levanta um pé e depois o outro, permitindo-me libertá-la. Quando levanto a cabeça, sua boceta coberta de renda está bem na minha frente. Eu quero

tanto destruir o pedaço de tecido e deslizar minha língua para dentro para prová-la. Ela cheira tão foda doce.

— Dante, eu-eu estou com frio. — Sua voz me traz de volta ao presente.

— Desculpe. — Eu removo sua calcinha e a atiro em cima do jeans.

Eu me levanto e olho sua forma nua diante de mim. *Impressionante. Tão linda.* Meu pau está grosso e dolorido. Espero que ela esteja bêbada demais para notar.

— Vamos colocá-la na banheira.

Uma vez que ela esteja acomodada na água quente, eu preciso dar o fora daqui antes que goze como um adolescente.

— Eu volto já.

— Mmkay. — Ela observa seus dedos mexer na água.

Eu pego suas roupas para que eu possa jogá-las na máquina de lavar. Depois que ligo a máquina, vou para a cozinha e pego no armário embaixo da pia o desinfetante. Então, pego uma garrafa de água para Tessa e coloco na mesa de cabeceira. Quando volto ao banheiro, a cabeça dela está encostada na beira da banheira, os olhos fechados. Eu levo um minuto para limpar a bagunça antes de ir até ela.

Ajoelhando, afasto o cabelo da testa dela. Meus olhos se movem pelo seu corpo, absorvendo cada centímetro de sua pele cremosa. Seus seios bonitos, boceta nua e pernas tonificadas. Eu quero estar tão profundamente dentro dela, tanto que é doloroso. Ela é de tirar o fôlego. Lentamente, meu olhar se volta para o rosto dela.

— Tess, — eu digo, o som da minha voz fazendo seus olhos se abrirem, — sente-se, e eu ajudo você a lavar o cabelo. — As palavras estão tensas.

Ela afunda a cabeça na água, molhando o cabelo antes de se sentar. Ela limpa a água dos olhos. Então, pega o frasco de xampu e me entrega. Eu esguicho um pouco na palma da minha mão e gradualmente começo a passar pelos cabelos dela.

— Isso é bom. — Um pequeno gemido escapa de seus lábios e vai direto para o meu pau.

Eu limpo minha garganta.

— Coloque sua cabeça para trás.

Ela desloca a bunda para frente e depois mergulha a cabeça na água. Eu ajudo-a a enxaguar o cabelo, incapaz de me impedir de imaginar como seria enrolar meus dedos nos fios molhados enquanto ela me chupa.

Ela parece exausta. Olhos fechados e um braço apoiado na borda da banheira.

— Pronta para sair?

Ela abre os olhos e se concentra lentamente no meu rosto.

— Sim.

Eu levanto, estendendo a mão para ela. Os dedos molhados de Tessa envolvem meus pulsos e ela se levanta. Nossos olhos se encontram e nos abraçamos. Um milhão de palavras não ditas fluem entre nós. A tentação se torna quase demais.

— Dante, — ela suavemente diz meu nome, — obrigada.

— De nada. — Eu enrolei uma toalha em volta dela e a ajudei a sair da banheira. — Aqui, você pode dormir nelas. — Dou-lhe as roupas.

Ela parece mais firme em seus pés, menos bêbada, e eu preciso sair.

Eu alcanço o armário de remédios e tiro o Tylenol. Abrindo o vidro, coloco dois na palma da minha mão.

— Vou colocá-los ao lado da água na mesa de cabeceira. Se vista e entre na cama. Vou checá-la em alguns minutos.

Ela me dá um olhar que não consigo ler direito, mas quero acalmar sua mente.

— Você vai dormir aqui. Eu vou dormir no sofá ou em um dos quartos de hóspedes. Eu voltarei.

Na cozinha, eu me sirvo uma dose de Jack e meu pau vai se acalmando. Eu bebo o uísque e sirvo outro antes de fechar a garrafa. Após a segunda dose, vou verificar Tessa, só para encontrá-la enterrada debaixo dos cobertores, desmaiada, o cabelo úmido espalhado no travesseiro. Meu pau endurece novamente.

Um dia desses, vou tê-la na minha cama, consciente e absolutamente sóbria.

Eu mal consigo dormir porque me levanto para vê-la várias vezes durante a noite. A única coisa que me impede de me arrastar para a cama com ela é saber que ela ainda não me perdoou. A última coisa que quero fazer é dar-lhe outro motivo para não confiar em mim.



21

Jessa

Assim que eu abro meus olhos, a dor ricocheteia pela minha cabeça. Por instinto, minhas mãos vão para a minha testa, como se possuíssem o poder de impedir que a britadeira quebrasse meu crânio. Minha boca tem gosto de que algo morreu nela. Soltei um gemido e dobrei o travesseiro no meu rosto. Um minuto ou dois se passam, e a sensação de que estou sendo observada se arrasta sobre mim. Abro os olhos novamente para encontrar Dante me encarando.

— Oh Deus. — A noite passada vem na minha direção a cento e sessenta quilômetros por hora.

— Não, só eu, — ele brinca, tentando aliviar o meu constrangimento, como se pudesse ver o rubor nas minhas bochechas. Ele se aproxima e se senta na beira da cama. — Eu tenho algo para você. Tente se sentar.

Minha cabeça dói demais para pensar. Solto o travesseiro e, a passos de caracol, manobro para a posição sentada e cruzo as pernas. Meu rosto é uma careta e só se aprofunda quando ele enfia um pequeno copo na minha frente.

— O que é isso?

— Suco de picles.

— Suco de picles?

— Sim. Confie em mim. Apenas beba. Eu prometo que vai ajudar.

Neste ponto, não tenho nada a perder, então pego o copo. Apertando meu nariz, eu levanto o copo, bebendo o líquido.

— Ai, credo.

— Pare de ser dramática. Não é tão ruim assim. — Ele ri.

— Por favor, me diga que há ciência real envolvida nessa sua teoria.

— É de conhecimento comum.

— Não. Tenho certeza de que não é. — Pelo menos eu nunca ouvi falar disso, mas sou mais uma bebedora social. Posso contar em uma mão o número de vezes que tive ressaca na minha vida, e duas delas, inclusive agora, foram nos últimos quatro meses.

— Eu, Trevor e alguns amigos da faculdade fizemos uma viagem para Nova York em um verão.

Eu não recuo quando ele diz o nome de Trevor, e parece uma espécie de vitória.

— Eu sinto uma história.

O sorriso no seu rosto diz tudo.

— Você sabe o quê? Pensando melhor, eu nem quero saber.

Ele ri novamente.

— Por que você não se veste? Vou levá-la para almoçar e depois pegaremos seu carro.

— Almoço? — Meus olhos se arregalam. *Ah Merda.* — Meu pai...

— Relaxe, Tessa. Liguei para o seu pai na noite passada para avisá-lo que você estava segura. E sim, almoço. É quase meio dia. Suas roupas estão na cômoda.

— Obrigada. — *Espere. O quê?* — Você lavou minha roupa? — Em todos os anos que Trevor e eu fomos casamos, ele nunca lavou roupa. Ou eu fazia ou mandávamos lavar.

— Eu lavei, mas sobre isso... — Ele olha para longe antes de encontrar o meu olhar novamente. — Espero que você não seja muito apegada àquela camisa que estava usando. Ela encolheu. Muito. — Seus olhos são apologéticos.

— De jeito nenhum, — eu asseguro a ele.

— De qualquer forma, há uma camiseta em cima do seu jeans.

Ele fica de pé e eu lhe dou o copo vazio.

— Eu sairei em alguns minutos.

— Leve o seu tempo. — Ele sai, fechando a porta atrás dele.

Eu pego minhas roupas e bolsa da cômoda, e então eu vou para o banheiro. Por mais louco que pareça, dada a ressaca, vejo-me claramente pela primeira vez em semanas.

Eu vou ter que lidar com todos os fins desvendados da minha vida, e preciso começar perdoando Dante. Eu sei em meu coração que ele não sabia sobre o bebê. Eu já o perdoei, mas ele não sabe, e preciso dizer a ele.

Eu odeio no que me transformei, e estou tão cansada de estar com raiva o tempo todo. A mulher me encarando, ela não é quem eu realmente sou. Ela não é quem eu quero ser. Eu sei que preciso me recompor. Afogar-me no fundo de uma garrafa não resolve nada. Agora, eu só quero aliviar minha alma, e depois ir buscar comida gordurosa para absorver os remanescentes de uma má decisão.

Calor aquece minhas bochechas com a lembrança da noite passada. Dante viu cada centímetro meu. Completamente nua. Corpo e alma. Isso deveria me envergonhar, mas por razões que eu não consigo entender... não acontece.

Depois que espirro um pouco de água no meu rosto, eu me visto rapidamente e, em seguida, procuro na minha bolsa uma presilha de cabelo.

Dante está sentado no sofá, mas levanta quando eu entro na sala.

— Pronta?

A comida gordurosa pode esperar mais alguns minutos.

— Na verdade, eu quero falar com você.

Sento-me no sofá e ele se senta ao meu lado.

Ele mantém sua expressão neutra.

— Atire.

Eu respiro fundo e começo:

— Dante, sobre a noite passada.

— Tess...

— Por favor, — eu digo, cortando-o, — eu preciso desabafar.

— OK.

— Obrigada. Não tenho certeza do que teria acontecido se você não tivesse aparecido. Eu queria uma noite para esquecer, e levei um pouco longe demais. — Observando uma linha solta na borda da minha camisa emprestada, eu começo a me mexer nela.

Ele se inclina um pouco para mim e coloca a mão em cima da minha. Instintivamente, meus olhos se encontram com os dele. Um choque me atravessa e o ar ao nosso redor muda.

— Tessa, — ele diz meu nome suavemente, reverentemente, — contanto que esteja ao meu alcance, farei o que puder para mantê-la segura.

Seu olhar penetrante queima através de mim. Eu quase posso sentir sua respiração na minha pele.

Eu olho de volta para ele com a mesma intensidade. Eu preciso que ele sinta o peso das minhas palavras. Está na hora.

— Eu te perdoo... por não me dizer. Eu sei que você estava tentando me proteger. — Eu procuro uma maneira de explicar isso. — Eu estava chocada e com muita raiva. Eu precisava ferir alguém pelo jeito que eu estava sofrendo, e a única pessoa que poderia atacar era você. — Lágrimas picam meus olhos. — Eu não sei o que eu teria feito sem você nos

últimos meses. — Uma lágrima solitária cai. — Eu sinto muito, Dante.

Sua mão segura meu rosto e ele passa a ponta do polegar sobre a minha bochecha.

— Não chore, Tess. — Seus braços me envolvem, me puxando para um abraço. Pressionando seus lábios no topo da minha cabeça, sua voz grave pouco acima de um sussurro, ele diz: — Eu sempre estarei aqui. Mesmo quando você achar que não precisa de mim.

Meu estômago ronca alto, quebrando o momento, e nós dois rimos.

Ele se levanta e pergunta:

— O que você está com vontade de comer?

— Há um ótimo restaurante que serve café da manhã todos os dias, — eu sugiro, — ou há sempre Cracker Barrel.

Ele pega as chaves, saímos pela porta e entramos no carro dele.

— Qual o caminho para o restaurante?

Eu me aproximo ao lado dele.

— Vire à esquerda no final da rua. — Dou-lhe um sorriso que diz que ele escolheu sabiamente. Apesar da ressaca persistente, pela primeira vez no que parece uma eternidade, uma sensação de paz me domina.

22

Dante

Eu vasculho o mesmo arquivo que tenho analisado por uma semana. Eu não estou mais perto de aliviar a sensação incômoda na boca do meu estomago.

Abro uma pasta diferente e pego a fotografia de Kyndal Montgomery. Cabelo loiro platinado, lábios vermelhos profundos e seios tão falsos quanto o bronzeado artificial. Na superfície, Kyndal é o material dos sonhos molhados adolescentes. Abaixo do verniz brilhante está a alma de uma mulher que tenho certeza que Satanás gerou. Ela é filha de Clive Montgomery, que por acaso é cliente de Salinger e Salinger. E a amante de Trevor, pelo menos, ela era.

Uma batida soa na porta.

Merda. Eu não percebi o quão tarde era.

— Já vou, — eu grito rapidamente, empurrando os papéis soltos e a fotografia na pasta de papel pardo antes de atender a porta.

Sacolas pesadas estão penduradas nos braços de Tessa. Eu as tiro dela e me afasto, para que ela possa entrar.

— Me desculpe por isso. Fui pego no trabalho.

— Está tudo bem, — diz ela. Fazendo-se em casa, ela vai para a cozinha.

Eu assisto o balanço de seus quadris enquanto sigo um passo atrás dela. Meus olhos nunca se afastam de sua bunda perfeita.

— Você convidou mais alguém?

Há comida suficiente para alimentar uma pequena aldeia. Eu coloco as sacolas no balcão e olho para ela.

Tessa ri da minha pergunta.

— Ontem, quando eu disse à minha mãe que viria jantar aqui, ela quis saber o que iríamos comer. Eu disse que ia pegar alguma coisa. Ela insistiu que isso não aconteceria, então fomos até a loja esta manhã e passamos o dia todo na cozinha juntos.

— Cheira incrível, mas você não precisa fazer isso. Nós poderíamos ter pedido a comida.

— Faz muito tempo desde que passei o dia todo na cozinha com minha mãe. Foi legal. Além disso, tenho certeza de que você apreciaria uma refeição caseira. — O vapor sobe dos recipientes ainda quentes quando ela começa a tirar as tampas. — Coloque este na geladeira. É sobremesa.

Eu tiro dela, abro a geladeira e coloco dentro.

— Você quer algo para beber? — Eu ofereço, pegando uma cerveja para mim.

— Eu trouxe vinho. — Ela sorri, segurando uma garrafa. — Você pode abrir?

— Claro. — Demora um minuto procurando através de gavetas para localizar o saca-rolhas.

Trabalhamos em silêncio enquanto Tessa pega a lasanha, salada e pão, e eu sirvo seu vinho. Eu abro a porta dos fundos e carrego nossas bebidas para a mesa do pátio antes de voltar para pegar guardanapos e ajudá-la com a comida.

Uma vez sentados, eu pego um pedaço de lasanha e tento não gemer.

— Porra, mulher. Isso é incrível.

— Obrigada, — diz ela, dando uma pequena mordida de sua própria comida. — Eu não faço lasanha há um tempo. Sempre parece bom, e então me lembro de como é trabalhoso. — Ela ri.

— Isso é o que minha mãe sempre disse.

— Como ela está? — Tessa pergunta.

Eu penso que já faz um bom tempo desde que nos falamos.

— A última vez que ouvi, ela estava vivendo na Flórida.

Minha mãe, Katerina, era jovem quando se apaixonou por Grant Salinger. Ela fez o melhor que pôde, me criando sozinha. Grant enviava um cheque todo mês, mas não durava muito, e minha mãe tinha seu orgulho. Quando saí para a faculdade, ela viu como sua chance de ter a vida que ela perdeu enquanto me criava. Conversamos a cada poucos meses, mas não nos visitamos há alguns anos.

Querendo mudar de assunto, pergunto:

— Você já pensou em voltar para Chicago? — Não sei se ela ainda pensa em lá como sua casa.

— Logo. — Ela toma seu vinho e depois olha para mim.

Meu garfo para a meio caminho da minha boca.

— Em quanto tempo será logo? — Vou precisar entrar em contato com o corretor de imóveis que cuida do aluguel.

— Provavelmente em algum momento na próxima semana. — Ela limpa a boca com o guardanapo. — Eu não posso continuar vivendo no limbo. É impossível seguir em frente até encarar o que deixei para trás.

— Tessa, não há um limite de tempo. Você não precisa fazer nada antes de estar pronta. — Coloquei a comida na minha boca.

— Eu não posso continuar enterrando minha cabeça na areia. Não importa o quanto não queira encarar, a vida de fato segue em frente. — Ela calmamente diz a última parte.

— Você tem um plano?

— Eu preciso limpar o apartamento. Descobrir o que fazer com todas as coisas de Trevor. — Ela olha para longe, perdida em seus próprios pensamentos.

— Você quer alguma ajuda? — Minha pergunta a puxa de volta para o presente.

Ela olha para mim.

— Posso confirmar depois? É só que... parte de mim sente que preciso lidar com isso sozinha.

— O que você precisar.

— Ok, — ela respira a palavra, quase suspirando de alívio.

— Tudo bem, — eu concordo.

Nós terminamos nossa comida, desfrutando do silêncio e da companhia um do outro.

Depois do jantar, levamos tudo para dentro, e Tessa coloca as tampas de volta nos recipientes antes de levá-los ao balcão ao lado da geladeira. Antes que ela possa abrir a porta, eu paro atrás dela e abro o armário por cima da sua cabeça, tirando duas xícaras de café. Por um breve segundo, meu peito roça nas costas dela.

Eu coloco as xícaras no balcão e me afasto, para que ela possa colocar a comida. Suas bochechas estão coradas quando ela se vira.

Estamos separados por centímetros. Há o menor traço de molho no canto da sua boca. Eu corro a ponta do meu polegar sobre o lugar onde seus lábios se encontram. Então, levanto o mesmo polegar para minha própria boca e chupo o molho da ponta. Ela solta um suspiro.

Ela me observa atentamente, com os olhos fixos nos meus lábios. Eu agarro seu queixo entre o polegar e o indicador, inclinando o rosto para cima. Ela tem esse brilho em seus olhos, me implorando para beijá-la, mas implorando para que eu não o faça ao mesmo tempo. Eu me aproximo um pouco mais, forçando-a contra o balcão, enquanto a minha outra mão serpenteia ao redor do seu pescoço. Seu pulso acelera sob o meu toque. Ela não se afasta. Deslizando as palmas das mãos em suas bochechas, me abaixo e suavemente toco meus lábios contra os dela. Então eu recuo.

— O que você quer, Tessa? — Eu pergunto, dando-lhe tempo para encontrar a resposta.

— Beije-me, — ela sussurra.

Eu encosto minha boca sobre a dela novamente e me afasto.

— Bom?

— Mais.

Minha mão se move para a parte de trás de sua cabeça, colocando-a exatamente como a quero, enquanto meu outro braço gira em torno de suas costas, pressionando-a em mim. Minha boca cai na dela e eu belisco seu lábio inferior antes de deslizar a língua. Um pequeno suspiro escapa enquanto minha língua varre a dela. Ela é a porra mais doce que eu já provei. Seus braços envolvem meu pescoço, os dedos puxando as pontas do meu cabelo, me puxando para mais perto.

Foda-me. Eu sabia que seria assim com ela.

Minhas mãos deslizam até sua bunda, levantando-a na bancada, sem quebrar o beijo. Beijo-a longo e profundo, liberando anos de desejo e necessidade, até ter certeza de que seus lábios estão inchados e machucados. Até que a necessidade de oxigênio se torne grande demais, e não temos escolha senão subir para respirar.

Eu pressiono minha testa na dela. Nós dois estamos ofegantes; respirando o mesmo ar. Ela recua, colocando espaço entre nossos corpos.

— Tess...

Ela levanta um dedo.

— Eu preciso de um minuto.

— Ok. — Eu recuo e corro a mão pelo meu cabelo, segurando as raízes. — OK.

Ela sai do balcão. Seus passos são apressados, como se ela não pudesse fugir rápido o suficiente. Ela entra no banheiro de hóspedes, fecha a porta atrás dela e a tranca.

23

Tessa

Meus lábios formigam com a consciência, e pressiono minha mão contra meus lábios inchados, como se a pressão por si só pudesse parar a sensação da boca de Dante na minha. A culpa cai sobre mim.

Por que eu o deixei me beijar? Por que não o parei? Por que o beijei de volta?

Eu não sinto uma sensação de lealdade para com Trevor, mas Dante é seu irmão, o que faz com que pareça errado.

— Tess? — A voz de Dante chama do outro lado da porta.

Eu não respondo a ele. Eu não sei o que dizer.

— Tess, pare de se esconder. Apenas fale comigo.

— Eu sairei em um minuto. — Eu espero que a sombra dos pés dele desapareça por debaixo da porta, e quando isso não acontece, eu acrescento, — eu prometo.

Finalmente, ele sai e eu respiro calmamente para me recompor. Nós somos amigos. Isso é tudo que há entre nós. É tudo o que pode haver... não importa o quanto meu corpo grite de outra forma.

Quando abro a porta, ele está encostado à parte de trás do sofá, voltado para o banheiro de hóspedes. Eu dou alguns

passos para frente, e quando ele começa a vir na minha direção, paro de me mover e levanto a mão.

— O que quer que tenha sido, Dante, isso não pode acontecer novamente.

Ele cruza os braços sobre o peito, os olhos abrindo buracos em mim.

— Por quê?

— Foi um erro. — Soa fraco, mesmo para os meus próprios ouvidos.

— Um erro? — Ele faz a pergunta como se não tivesse me ouvido direito.

— Sim, — eu digo, sem olhar para ele.

— Por que foi um erro, Tessa? Olhe para mim, — ele exige. Quando meus olhos encontram os dele, ele diz: — Explique para mim.

— Porque sim.

— Por quê? — Ele passa a mão pelo cabelo, puxando-o. — Porque sim não é uma resposta.

Não importa o quanto eu o quero. Ou quantas vezes eu fantasiei sobre ele.

— Porque ele era seu irmão. E está errado.

— Quem disse? — Ele fecha o espaço entre nós.

— Eu não sei. — *É muito cedo.* — Todos.

— Todos? — Ele sorri. Então, seus olhos escurecem e sua voz fica mais baixa. — Há apenas uma opinião que me interessa e é a sua. Tess...

— Dante, por favor, — eu o interrompo, com medo do que poderia sair de sua boca.

— Por favor, o quê?

— Agora, preciso que você seja meu amigo. Não aguento mais nada.

O olhar no meu rosto deve convencê-lo porque ele me puxa para um abraço. Meus braços circulam sua cintura e eu retorno seu abraço. Algo mexe nas paredes ocas do meu peito, onde meu coração costumava bater.

— Tudo bem, — diz ele. Então, ele deixa cair a boca no meu ouvido e sussurra: — Mas, quando você estiver pronta, tudo o que precisa fazer é pular. Eu prometo,que vou te pegar. — Ele planta um beijo na minha testa. — Eu quero você, Tessa, mas não vou te pressionar.

Aperto-o com força e sinto a tensão deixar seu corpo.

— Agora, que tal eu pegar a sobremesa e você escolhe o filme?

Ele me libera e vai para a cozinha enquanto eu vasculho nossas escolhas. Eu puxo uma joia da sua coleção de filmes pouco interessantes.

Dante retorna com dois garfos e o pequeno recipiente de tiramisu.

— Vou fazer um café para nós.

— Ok, — eu respondo, ligando a televisão e colocando o filme.

Poucos minutos depois, ele volta com duas xícaras, oferecendo-me uma várias tonalidades mais clara que a dele.

— O que você escolheu?

O calor da xícara aquece minhas mãos enquanto levo-a aos lábios e tomo um gole, provando a doçura cremosa de baunilha. Por meio segundo, o tempo para. Dante toma seu café preto, mas ele comprou creme de café para mim. E não algum tipo aleatório também. É uma coisa tão pequena, mas de alguma forma, parece monumental.

— Tessa? Tudo bem?

Sua voz chama minha atenção.

— Hã?

— Você está olhando para o seu café como se estivesse tentando ver o futuro. Eu pensei que as pessoas usavam folhas de chá para essa merda. — Com um sorriso, ele abaixa sua xícara e abre nossa sobremesa.

Eu coloco a caneca na mesa e pego um dos garfos, apontando para ele.

— Você é tão esperto.

Ele levanta uma sobrancelha.

— O que estamos assistindo?

— Você vai ver, — eu digo a ele.

Keanu Reeves e Sandra Bullock aparecem na TV. Eu me viro para olhar para ele e ele sorri. Certamente, ele não estava esperando um filme de garota.

Acomodamos-nos um ao lado do outro, compartilhando o tiramisu e assistimos ao filme.

Quando se torna impossível manter meus olhos abertos, eu coloco minha cabeça contra seu ombro. Eu sei que deveria

ir embora. Ouço os sinos de aviso soando na minha cabeça. Por alguma razão, não posso forçar meus pés a se moverem. E, quando ele desliza o braço em volta de mim e beija o topo da minha cabeça, eu me aconchego em seu toque.



Eu não posso me mexer e estou muito quente. Eu mudo, tentando me libertar, e eu congelo quando sinto algo muito grande e extremamente duro cutucando meu traseiro.

Oh meu Deus. Ele está...

Meus olhos se abrem quando de repente estou ciente do que exatamente é *isso*.

— Balançar sua bunda só está piorando a situação, — diz ele, com voz profunda e rouca de sono.

Mortificada, tento sair de seus braços, mas seu aperto se aumenta.

— Tess, relaxe. Não é grande coisa. OK?

Ele está errado. *É enorme*.

— Tudo bem, — eu concordo.

Porque somos dois amigos, completamente vestidos, que por acaso dormiram enquanto assistiam a um filme. No sofá. Nos braços um do outro. Claro, o emaranhamento de membros ocorreu após a perda de consciência.

Merda. Isto é estranho.

— Eu preciso usar o banheiro.

Ele me solta e desembaraço minhas pernas para ficar em pé.

Eu uso o banheiro no corredor, então posso pegar emprestado o creme dental de Dante. Quando saio, ele está sentado, com o cabelo espetado em todas as direções e esfregando a nuca. Dormir nessa coisa a noite toda não poderia ter sido confortável para ele.

Eu me inclino um pouco sobre o encosto do sofá.

— Deixa-me ajudar.

Ele baixa a mão e coloco as minhas em cada ombro. Pressionando seus músculos com as palmas das minhas mãos, eu massageio a tensão. Deliberadamente, vou até o pescoço dele e à base do seu crânio, usando meus dedos em movimentos circulares para aliviar o músculo. Ele geme, inclinando-se ao meu toque.

Depois de vários minutos, pergunto:

— Melhor?

— Sim. Obrigado. — Ele se levanta e se vira para mim. Parece que ele quer dizer alguma coisa, mas depois muda de ideia com um leve aceno de cabeça. — Café?

— Seria ótimo.

Eu pego nosso recipiente de sobremesa descartado e xícaras de café sujas, e então o sigo para a cozinha. Eu arrumo a bagunça da noite passada enquanto ele faz o café, nenhum de nós reconhecendo a tensão sexual.

— Aqui, — ele diz atrás de mim. Ele coloca o café no balcão.

Ele está tão perto. Enjaulando-me, eu posso sentir o calor de seu corpo. Se eu me virar...

Meu telefone toca na sala e eu me assusto.

— Eu deveria atender.

Dante move o braço e vou pegar meu celular.

— Ei, mamãe.

— Tessa, por que você e Dante não se juntam a seu pai e a mim no café da manhã? — Minha mãe diz em meu ouvido. Ela é umas dessas pessoas da manhã, que acordam super despertas.

— Eu vou estar em casa em alguns minutos, mas deixe-me perguntar a Dante. — Eu seguro meu telefone contra o peito para abafar o som. — Mamãe quer saber se você quer tomar café da manhã conosco.

Um sorriso se espalha em seu rosto.

— Eu adoraria.

Movendo o telefone de volta ao meu ouvido, eu digo:

— Estaremos aí.

— Bom. — Então, eu ouço minha mãe dizer: — Viu, Bill? Eu te disse que eles estavam acordados.

— Estarei aí em breve, mamãe, — eu digo, desligando o telefone.

Dante fica parado, sorrindo para mim.

— Tudo bem, — eu digo, voltando para a cozinha. — Vou tomar meu café e meu banho em casa. Te vejo daqui a pouco — eu grito enquanto vou direto para a porta da frente,

grata pela breve caminhada até em casa para acalmar a minha libido.

24

Dante

— Estou tão feliz que você pode se juntar a nós, Dante, — diz Maggie quando eu entro na cozinha. Ela seca as mãos em um pano de prato antes de vir me abraçar.

— Mags, deixe o menino respirar. — Bill ri.

— Chega, já cansei de você, — ela brinca e me liberta de seu aperto.

Tessa escolhe esse momento para entrar na cozinha. Ela está usando uma camiseta, seu rosto está livre de maquiagem, e seu cabelo úmido está preso em um rabo de cavalo. Ela se inclina para beijar seu pai na bochecha, me dando uma visão de sua bunda. As calças de ioga se agarram às suas curvas como se fossem feitas para ela.

— Precisa de ajuda, mamãe?

— Estou bem, baby, — diz Maggie.

— Bebê urso, você se importa de fazer a seu velho uma xícara de café? — Bill pisca para Tessa.

— Claro, papai. — Os olhos de Tessa encontram os meus pela primeira vez. — Quer uma xícara?

— Eu posso pegar. — Eu não quero que ela pense que ela precisa esperar por mim.

— Eu não me importo. — Ela sorri e, em seguida, diz: — Vá em frente e sente-se.

Em pouco tempo, a mesa está transbordando com torradas, bacon e frutas frescas. Maggie faz a oração, e nós comemos. Tessa cora quando Maggie conta histórias de sua infância, mas seu sorriso nunca vacila. Ela parece mais leve do que a vi em muito tempo. Mesmo antes de Trevor morrer.

Depois do café da manhã, Tessa manda seus pais para a varanda da frente para relaxar enquanto limpamos a cozinha.

— Dante?

Eu olho para cima da tigela que estou secando para encontrá-la olhando para a água da torneira, imersa em pensamentos.

— O quê?

— Você sabe quem é ela?

Leva um segundo para eu perceber de quem ela está falando. Sua pergunta surgiu do nada. Mas, pela expressão no seu rosto, posso dizer que é algo que ela tem pensado.

— Sim. Ela é filha de um cliente.

— Oh, — diz ela, como se fizesse todo o sentido. — Qual é o nome dela? Deve estar no teste de DNA...

— Por que você está fazendo isso para si mesma? — Eu coloquei o prato de lado e a enfrentei. — Por que você está pensando sobre isso?

— Eu só quero entender porque não fui o suficiente. Quando deixei de ser o suficiente?

Foda-se essa merda.

— Olhe para mim. — Quando ela não faz nenhum movimento para levantar os olhos, eu pego seu queixo. — Tessa, olhe para mim, — eu digo baixando minha voz.

Finalmente, seus olhos pousam nos meus.

— Você é o suficiente. Você é muito mais que suficiente. Se meu irmão era muito estúpido para ver o que tinha na frente dele, então isso é sobre ele.

Ela tenta desviar a cabeça, mas não deixo.

Eu acaricio suas bochechas, forçando-a a olhar para mim.

— Você é de tirar o fôlego. Você é inteligente, engraçada, meiga e tão sexy que requer todo o autocontrole que possuo para não te despir e mostrar o quanto você é *suficiente*.

Seus olhos ficam vítreos, e se eu não sair, vou cruzar a linha.

— Eu tenho coisas para fazer em casa. Vejo você mais tarde. — Tiro as mãos do rosto dela e saio, certificando-me de agradecer aos seus pais pelo café da manhã quando saio.

Eu não podia mais ficar na cozinha dos pais dela por mais um segundo. Porque, se eu fizesse, teria colocado Tessa na mesa, aberto suas pernas, e me enterrado dentro dela. Ela é tudo. Eu nunca me curvei a ninguém na minha vida, mas ficaria feliz em me ajoelhar por ela.

Quando chego em casa, o arquivo está na mesa onde o deixei na noite anterior. Eu tenho muitas perguntas e não tenho respostas suficientes sobre a ex-amante de Trevor. Do lado de fora, Kyndal pode ser bonita, mas não confio nela.

Eu espalhei as informações na minha frente e cliquei na pasta da Montgomery Industries no meu laptop. Em seguida, abro uma janela de pesquisa e digito no site da empresa. O nome de Kyndal está ausente. Alguma coisa está errada. Ela trabalha para o pai há anos e de repente não há menção dela em nenhum lugar do site.

Passo horas examinando os arquivos. Parece que estou tentando encontrar uma agulha no palheiro. Kyndal parece ter desaparecido. Guardando os papéis, fecho a pasta e vou fazer um sanduíche antes de encerrar a noite.

Quando estou passando pela janela a caminho do quarto, as luzes do sensor de movimento do lado de fora acendem. Eu me viro para espiar e percebo Tessa de pé na varanda.

25
Jessa

Já faz várias horas desde o café da manhã, e ainda sinto o toque fantasma das mãos quentes de Dante no meu rosto. Suas palavras ecoam em meus ouvidos.

— ...é preciso todo o autocontrole que possuo para não te despir e mostrar o quanto você é suficiente.

O pensamento dele me despindo faz com que o desejo se espalhe pela minha pele. Eu anseio pelo fruto proibido. Cru, faminto e necessitado, e imaginar Dante enquanto me levo ao clímax não vai aliviar a dor. Hoje à noite eu preciso de mais. Eu preciso dele.

Empurrando meus pés em meus sapatos, me desloco silenciosamente escada abaixo, sabendo exatamente onde pisar para evitar o ranger das tábuas do assoalho, uma espécie de memória muscular decorrente de passar toda a minha infância na mesma casa. Saio pela porta e pela noite, usando a luz dos postes para me guiar. Há pelo menos cem razões para que isso seja uma má ideia, mas escolho ignorá-las até chegar na varanda de Dante. Antes que eu possa voltar atrás, o detector de movimento é ativado, fazendo a minha presença conhecida e me deixando como um cervo preso nos faróis.

Dante está na porta aberta, usando apenas um short de basquete pendurados nos quadris. Meus olhos percorrem

lentamente seu corpo até a trilha de cabelo em seu umbigo. Em seguida, mais abaixo onde desaparece sob o cós. Meu olhar volta para seu rosto e, sem palavras, eu avanço. E mais perto até estar bem na frente dele. O luar reflete em seus olhos, fazendo suas íris escuras parecerem infinitas. Uma brisa morna levanta e sopra o cabelo no meu rosto.

Dante levanta a mão para enfiar as mechas rebeldes atrás da minha orelha, e então ele arrasta a ponta do polegar sobre o meu lábio.

— O que você está fazendo aqui, Tessa?

— Eu não sei.

— Sim, você sabe. — Ele mergulha a cabeça, e nossas bocas ficam uma fração de distância. — Tessa, — ele sussurra antes de trazer seus lábios aos meus. Como uma pluma, mais carícia que um beijo.

Afastando-se, ele estende a mão, silenciosamente me convidando para entrar, e aceito de bom grado.

Ele fecha a porta atrás de nós e me apoia contra ela, plantando as palmas das mãos em ambos os meus lados.

— Eu te darei o que você precisa, mas não posso fazer isso a menos que você me diga o que é.

Eu respiro fundo.

— Mostre-me que sou o suficiente. — Vulnerável e exposta, espero a reação dele. Eu vejo as perguntas em seus olhos. As que eu não posso responder.

Dante inclina minha cabeça e, desta vez, quando ele me beija, não é leve nem delicado. É mais profundo. Faminto. Buscando.

Quando ele se afasta, me faz a única pergunta que posso responder:

— Tem certeza?

— Eu não quero me preocupar com o que vai acontecer quando o sol nascer. Eu quero isso mais que tudo.

Dante me pega pela mão e me leva para o quarto. Tenho certeza de que ele pode ouvir o martelar do meu coração que fica mais alto a cada passo. O luar preenche o espaço, dando-lhe um suave brilho, o cenário perfeito para um homem que lembra um deus grego.

— Eu quero tocar em você, — eu confesso.

Ele pega minha mão e coloca em seu peito. Eu traço o contorno dos músculos abdominais esculpidos com o meu dedo indicador.

— Eu quero que você me toque. — Minha voz é ofegante, lasciva e irreconhecível.

Dante afasta meu cabelo para o lado e deixa cair a boca no lugar sensual onde meu pescoço e ombro se encontram. Seu toque, sua barba contra a minha pele, é o melhor tipo de sobrecarga sensorial. Minha respiração fica presa e me esqueço de exalar.

Como se ele pudesse ler meus pensamentos, ele diz:

— Respire, Tessa.

As mãos de Dante viajam até a bainha da minha camisa. Enquanto ele recolhe o material, seus dedos patinam sobre minha pele nua, enviando arrepios na minha espinha. Eu o vejo cair de joelhos, as mãos indo para o botão do meu jeans. De maneira descontraída, ele o abre e desliza pelos meus quadris. Seu cabelo escuro faz cócegas no meu estômago. Eu não posso resistir ao impulso de passar os dedos por ele enquanto Dante arrasta a ponta da língua de um lado ao outro no quadril.

— Mmm, — eu gemo, saboreando o calor de seu toque.

A ponta do nariz dele roça minha boceta.

— Você cheira tão bem para caralho, — diz ele, inalando profundamente. — Eu mal posso esperar para prová-la.

— Sim, por favor.

— Paciência. — Ele ri e se levanta.

Meus lábios se abrem para ele, e nossas línguas se torcem como parceiras em uma dança sensual. Dante solta meu sutiã e arrasta as alças pelos meus braços, deixando o material cair no chão. Deus, a maneira como ele olha para mim, é como se estivesse esperando uma vida inteira por este momento, e quer guardar cada centímetro do meu corpo na memória.

— Você é tão linda, Tessa, — diz ele, inclinando-se para me beijar.

Ele nos leva para trás, me deitando na cama, pairando sobre mim, e eu coloco minhas mãos em seus bíceps.

— Se você mudar de ideia, eu paro, — ele me garante.

— Eu quero isso, Dante.

Essas três palavras parecem desatar algo dentro dele. Ele me beija novamente antes de escorregar para baixo para arrastar a língua no vale entre meus seios. Puxando o mamilo em sua boca, ele gira sua língua sobre ele e depois morde a carne sensível, seus dentes me fazendo balançar por baixo dele.

— Isso é tão bom, — eu digo a ele. E, Deus, eu estou falando sério.

Seus lábios se torcem em um sorriso contra a minha pele.

Dante chupa meu outro mamilo com a mesma doce tortura. Lentamente, seus lábios percorrem meu corpo, beijando até que param na borda da minha calcinha. Todas as células do meu corpo despertam em antecipação, e levanto a cabeça para olhar para ele.

— Eu preciso te provar, — diz ele, livrando-me da barreira de renda.

— Sim. — A única sílaba sai como um apelo ofegante.

Espalhando minhas pernas bem abertas, ele começa no meu tornozelo e beija seu caminho para cima. Sua barba arranha minha coxa e eu me contorço contra sua boca.

— Por favor, — eu imploro, sem vergonha.

— Nós temos a noite toda, Tess. Eu vou cuidar de você, prometo. Mas de maneira nenhuma no inferno estou apressando isso. — Sua barba roça minha boceta antes de ele beijar minha perna oposta.

Calor encharca o meu núcleo. Os sulcos duros de seus músculos se flexionam, e seu pênis parecendo de aço pressiona contra mim através do tecido de seu short de basquete.

Ele coloca meus braços acima da minha cabeça.

— Mantenha suas mãos aqui. Se você movê-las novamente, vou amarrá-la à cabeceira da cama.

Suas palavras me excitam e eu lambo meus lábios. Ele percebe e sorri.

— Eu vou manter isso em mente, mas já te disse, vou cuidar de você. Hoje à noite, seu prazer me pertence. — Ele dá um beijo casto na minha boca e então retoma sua posição entre as minhas pernas.

Então as abre, passando a língua pela minha boceta.

— Doce pra caralho. — Com traços deliberados, sem pressa, ele começa a me foder com a boca.

— Ah, — eu lamento.

Eu quero tocá-lo. Testá-lo para ver se ele realmente vai me amarrar. Mas também quero ceder a ele, deixá-lo cuidar de mim do jeito que quer... do jeito que eu preciso. Eu agarro os lençóis, mantendo minhas mãos onde ele me disse. Movendo minha pelve, balanço em sua boca, criando atrito, ajustando o ângulo dos meus quadris. Isso é tão bom; Estou tão perto.

Como se Dante pudesse sentir o quão perto estou, ele recua e eu gemo de frustração.

— Toda. Fodida. Noite. Tessa. — Ele rosna cada palavra.

— Dante, por favor.

Ele está propositadamente me levando à beira da insanidade.

A boca de Dante se move para o meu seio enquanto ele desliza um dedo dentro de mim e depois dois. Seus dedos habilidosos estão dentro da minha boceta, fazendo um movimento de vai e vem.

Eu vejo quando ele retira os dedos e coloca-os na boca para lambê-los. Seu rosto abaixa para o meu centro quente, e sua língua mergulha dentro mais uma vez. Dante festeja em minha boceta como se fosse sua última refeição, e eu saboreio cada segundo do delicioso ataque.

26

Dante

O corpo de Tessa está tenso e sei que ela está perto. Suas mãos puxam as raízes do meu cabelo, tendo perdido a batalha para mantê-las acima da cabeça. Quando seu orgasmo atinge o auge, ela tenta se afastar, mas eu a seguro no lugar com uma mão em cada coxa, sacudindo a ponta da minha língua sobre seu clitóris.

— Dante. Oh Deus. — Seus gemidos enchem o quarto.

Com minha língua enterrada dentro dela, eu a vejo desmoronar. Rosto corado e sexy como o inferno. Meu pau está grosso e tão duro que dói. Eu quero tanto estar dentro, mas isso não vai acontecer hoje à noite. Ela significa tudo para mim. Quando estiver com as bolas profundamente enterradas dentro dela pela primeira vez, farei amor com ela. E ela não está pronta para isso.

Eu me levanto e meu olhar permanece em seu corpo. Tessa é linda de todas as maneiras, mas recém fodida por minha língua e saciada é a minha nova favorita.

— Isso foi incrível, — diz ela, as bochechas coradas.

— Assisti-la gozar... você não tem ideia do isso que faz comigo.

Eu poderia passar horas entre as pernas de Tessa. Sua boceta é a coisa mais doce que já provei. Mais do que tudo,

eu quero que ela seja minha, mas enquanto isso, ficarei feliz em aceitar o que ela quiser me dar.

— Eu já volto, — eu digo, saindo da cama.

No banheiro, lavo o rosto e uso enxaguante bucal. Eu odeio apagar o gosto dela, mas não tenho certeza de como ela se sente sobre saborear a si mesma. Eu pego uma toalha e a molho embaixo da água morna. Quando eu volto para o lado de Tessa, eu gentilmente limpo entre suas pernas.

— O que você está fazendo? — Ela me dá um olhar interrogativo.

— Cuidando de você.

Quando termino, volto para o banheiro e jogo a toalha no cesto. No caminho de volta do banheiro, eu pego uma blusa para Tessa dormir. Não tem como eu dormir ao lado dela enquanto ela está completamente nua e não fodê-la.

— Aqui, — eu digo, segurando a camisa para ela.

— Dante, eu pensei que íamos... — A voz de Tessa desaparece e seu rosto aquece. — Está tudo bem. Eu posso ir. — Ela sai da cama do lado oposto de onde eu estou, e começa a pegar suas roupas.

— Tessa, pare. Onde você vai?

— Está bem. Eu entendo, — ela diz e vai para o banheiro.

Eu jogo a camisa na cama, e estou na sua frente antes que ela dê dois passos completos.

— Onde você está indo? — Eu seguro seu rosto.

Ela entendeu tudo errado.

Eu esmago minha boca na dela e despejo tudo que sinto no beijo. Todas as coisas que não posso lhe dizer porque ela não está pronta para ouvir.

— Ei, olhe para mim.

Quando seus olhos finalmente pousam nos meus, eles estão vítreos. Eu sei que ela se sente rejeitada, mas nada poderia estar mais longe da verdade.

— Esta noite, você me pediu para mostrar que você é o suficiente. É o que estou fazendo, Tessa.

— Eu sei. Eu apenas pensei que nós iríamos...

— Fazer sexo? — Eu pergunto, cortando-a.

Seus braços ainda estão segurando suas roupas, então eu as tiro dela e as jogo no chão. Então, levanto a mão dela e guio a palma sobre o meu peito e no meu estômago. E mais baixo, para que ela possa sentir meu pau extremamente duro e ereto através do meu short.

— Não duvide nem por um segundo o quanto eu te quero. Mas não vou te foder como um pedaço aleatório de bunda.Você significa algo para mim. — Liberando sua mão, eu envolvo meus braços ao redor dela e a seguro contra meu peito. — Agora, pegue a camisa da cama, coloque-a e entre debaixo das cobertas, — eu exijo.

Seus braços se apertam em volta de mim. Tessa planta um beijo no meu peito, sobre o meu coração. Ela é completamente inconsciente de que é dela para tomar.

Ela sai dos meus braços, caminha até a cama e desliza a camisa sobre a cabeça.

— Vou pegar um copo de água. Você quer um?

— Eu vou pegar. Deite-se. — Eu bato em sua bunda no meu caminho para a cozinha.

Quando volto com duas garrafas de água, Tessa já está na cama.

Eu paro na frente dela e lhe entrego uma garrafa de água.

— Aqui está.

Ela pega, tira a tampa e toma um gole.

— Obrigada.

Eu bebo metade da minha e coloco a garrafa na mesa lateral. Então deslizo para a cama e a puxo contra mim, de costas para o meu peito. Ela afunda no meu abraço e suspira.

— Dante... posso te perguntar uma coisa?

— Você pode me perguntar qualquer coisa.

— Por que você não se casou, ou tem namorada?

Ela se mexe, como se fosse virar, então eu aperto meu abraço. Se ela olhar para mim, verá a verdade.

— Eu acho que nunca encontrei a mulher certa. — *Porque a única mulher que eu sempre quis é você.*

— Você teve muitas para escolher.

Ela ri e eu belisco sua bunda. Desta vez, quando ela rola para me encarar, eu não a paro.

— Quando foi a última vez que você esteve com alguém?

Minha mão repousa sobre seu quadril e nossos olhares se fecham.

— Faz algum tempo. Não desde que... — *Trevor morreu.* Mas não digo isso. Eu não preciso.

— Uma semana depois que cheguei, fui a uma clínica e fiz o teste. Voltou tudo limpo. — Seus olhos mudam e, de repente, ela está a milhões de quilômetros de distância. — Mas eu estava tão assustada e humilhada, e foi nesse momento que percebi o quanto realmente o odiava.

— Sinto muito, Tessa. — *Sinto por tantas coisas.*

— Obrigada, mas não é sua culpa. Eu achei que estávamos muito apaixonados, mas honestamente, nosso relacionamento sempre foi tenso. Trevor estava distante e esteve por um tempo. Eu só não queria ver isso. — Ela levanta as mãos para esconder o rosto. — Eu sinto muito. Esta tem que ser a última coisa que você quer falar.

Eu puxo as mãos dela e entrelaço nossos dedos.

— Eu te disse, vou te dar o que você precisar. Se você precisa conversar, então eu vou ouvir.

— Às vezes, penso em no filho *dele*. — Sua voz vacila um pouco quando ela diz a palavra *filho*. — E me pergunto se ele se parece com Trevor.

— Tess, — eu digo baixinho, querendo consolá-la, mas não tenho ideia de por onde começar.

— Então, eu penso sobre *ela*, e fico chateada mais uma vez. E é tão estúpido porque odeio Trevor, então por que me importo?

Uma lágrima solitária cai de seu olho e levanto nossas mãos unidas para limpá-la com o nó dos meus dedos.

— Porque você o amava mesmo que não seja mais o caso.

— Eu sei. — Ela puxa a mão para limpar o rosto. — Eu sinto muito.

— Você não tem nada para se desculpar, então pare de se desculpar.

Ela me dá um sorriso fraco.

— Você está exausta. Nós conversaremos amanhã — eu asseguro a ela, plantando um beijo casto em seus lábios.

— Dante?

— Mmhmm?

— Obrigada... por esta noite.

— A qualquer hora, querida.

— Boa noite, Dante. — Ela boceja novamente.

— Noite, Tess.

Eu fico acordado, ouvindo Tessa respirar, memorizando cada curva do seu corpo. O jeito que o cabelo dela cheira e como ela se sente em meus braços.

Tenho fodido muitas mulheres, mas nunca fiz amor com nenhuma delas. Se esta noite é tudo que eu tenho... esta é a memória que quero guardar.

27
Jessa

Eu acordo na mesma cama que compartilhei com Dante na noite passada, mas ele não está ao meu lado. Estou um pouco aliviada porque não tenho ideia de onde está minha cabeça.

A noite passada não foi o que eu esperava. O jeito que Dante me fez estilhaçar e a forma habilidosa com que ele usou sua língua em mim... foi alucinante. Ele é tão diferente do Trevor.

Mesmo antes de Trevor e eu começarmos a tentar ter um bebê, ele ficou distante. Depois que começamos a tentar engravidar, fazíamos sexo com um objetivo em mente. Ele precisava entrar em mim, e se isso era bom para mim, ou não, não fazia parte da equação. Os primeiros três anos de nosso casamento foram incríveis, mas no ano passado ele mudou muito.

Dante possuiu meu corpo. Ele me levou ao limite e, em seguida, puxou de volta, apenas para finalmente me enviar em ondas de felicidade. Ele foi altruísta, e fazia muito tempo desde que um homem me fez sentir do jeito que ele fez.

O cheiro de café flutua no ar, chamando minha atenção. Assim que meus pés batem no chão, sinto um calafrio, e me lembro de que fui para a cama sem calcinha. Ao ver minha calcinha descartada, eu a coloco no caminho para escovar os

dentes, optando pela escova de dente de Dante dessa vez, em vez do meu dedo.

— Bom dia, — eu digo quando entro na cozinha.

Dante caminha na minha direção com uma xícara de café na mão.

— Como você dormiu?

Eu envolvo minhas mãos ao redor da caneca quente.

— Bem. E você?

Ele ainda parece cansado e, de repente, estou nervosa e tudo parece estranho.

— Bem.

Ele é cheio de merda.

— Dan... — eu digo simultaneamente quando ele diz:

— Tes...

Nós acabamos rindo. O constrangimento se dissipa tão rapidamente quanto apareceu.

— Você primeiro, — eu digo a ele e sento-me à mesa.

Ele está do outro lado da cozinha com as costas encostadas no balcão.

— Eu estava pensando que deveríamos dirigir de volta para Chicago juntos.

Eu abro minha boca para interpor, mas ele me para com um dedo estendido.

— Eu tenho tudo resolvido. Você só precisa concordar.

Eu olho para ele, estupefata. Então, eu olho além dele para a tela digital no micro-ondas. São nove e meia.

— A que horas você se levantou?

— Cerca de uma hora atrás. — Ele toma um gole de seu café antes de continuar, — nós podemos dirigir o carro que você quiser, e vou contratar alguém para levar o outro para casa.

— Só assim? — Eu pergunto, escondendo uma risada.

Seu homem das cavernas interior está se mostrando.

Quando eu fiz a viagem, estava me afogando em dor e cheia de adrenalina e raiva. Agora, parece que alguém abriu uma janela para deixar entrar a luz.

— Eu liguei para Katie. O irmão dela, Josh, não inicia seu novo emprego por algumas semanas e quer ganhar algum dinheiro extra.

Com a menção do nome de Katie, a culpa se infiltra. Eu não falo com ela desde o funeral. Costumávamos nos reunir para tomar uma bebida e passar uma noite de garotas uma vez por mês, antes que minha vida se desfizesse.

— Tudo bem, — eu concordo.

— Espera. O quê? — O rosto de Dante se transforma em descrença.

— Honestamente, eu não estava ansiosa pela viagem de volta. — É verdade, mas eu decido mexer com ele. — Quanto a um amigo dirigindo, acho que existem piores.

Eu sufoco uma risadinha, mas Dante levanta uma sobrancelha para mim, e eu sinto problemas.

Ele se aproxima, coloca a xícara na mesa e depois tira a minha das minhas mãos.

— Isso é verdade? Bem, eu vou contar até três.

— Por quê? Para quê?

— 1.Você pode querer correr.

— Dan...

— Dois.

Merda.

Eu me levanto e corro de volta para seu quarto, percebendo tarde demais que estou encurralada.

— Três.

Ouço o barulho de seus pés descalços contra o chão e mergulho debaixo dos cobertores. Eu rio de mim mesma. Mesmo quando adulta, eu adoro o esconde-esconde.

— Isso foi muito fácil. — Ele ri e puxa as cobertas antes de se sentar. Ele desliza as mãos sob a minha camisa com um sorriso malicioso.

— Nem mesmo ten...

Dante começa a fazer cócegas em mim. Eu me contorço e me debato debaixo dele. Se ele não parar, vou me irritar.

— Eu me rendo, — eu grito. Estou gargalhando demais e não consigo recuperar o fôlego.

Ele coloca meus braços acima da minha cabeça e paira sobre mim.

— O que você está planejando fazer, linda?

O ar se inflama com a tensão sexual. Os olhos de Dante se aquecem com desejo, transformando-se em poças escuras de chocolate derretido.

— Isso, — eu digo. Eu me inclino, pressionando meus lábios nos dele.

— Tess, — ele sussurra contra a minha boca.

Suas palmas se movem para o meu rosto. Ele assume o controle do beijo e eu de bom grado me derreto em seu toque.

Nós possuímos o fervor de dois adolescentes escondidos sob as arquibancadas. Dante não é desajeitado ou descuidado, no entanto. Cada varredura de sua língua contra a minha é sensual. Tudo ao nosso redor desaparece. Eu não sei quanto tempo ficamos assim, um emaranhado de membros e lábios. Quando finalmente paramos para respirar, eu tenho certeza que tenho assaduras de sua barba. Ficamos deitados juntos por alguns minutos e espero meu coração acelerado se acalmar.

— Você é inebriante. — Ele beija meus lábios e depois rola de cima de mim.

— Está com fome? Eu posso preparar um café da manhã enquanto você chama o irmão de Katie para organizar tudo.

— Você não precisa cozinhar. Vou ligar para o Josh e depois podemos sair para comer alguma coisa, — ele oferece.

Eu me sento e me viro para ele.

— Eu sei, mas estou morrendo de fome, e não é como se eu nunca tivesse cozinhado para você. Além disso, provavelmente devemos usar a comida.

— Você fez um ponto válido, — diz ele, sentando-se e apontando para a porta. — Para a cozinha, moça.

Eu dou um tapinha em seu braço. Então, saio da cama e começo a sair do quarto. Antes de chegar à porta, volto até ele e me inclino para beijá-lo suavemente.

— Obrigada, Dante, — eu digo e saio do quarto. Eu realmente não queria que as coisas ficassem estranhas entre nós depois da noite passada, e estou tão aliviada por elas não estarem.

Eu entro na cozinha e vou para a geladeira. Com opções limitadas, peço a Deus que Dante não espere uma refeição gourmet. Ovos mexidos, torradas e frutas, é isso.

Um pouco mais tarde, quando Dante entra, coloco a última comida na mesa.

— Parece bom, Tess, — diz ele, puxando a cadeira.

Eu pego o café fresco que fiz e me junto a ele.

— Tudo certo?

— Josh aceitou. — Ele enche um prato e passa para mim.

— Obrigada. — Eu pego o prato e coloco na minha frente.

— Como você se sente sobre sair depois de amanhã?

— Isso funciona. — Eu pego meu garfo e como meus ovos.

— Em qual carro vamos voltar? — Pergunta ele.

— Eu gostaria de ir com o meu.

Depois do café da manhã, troco de roupa e dou um beijo de despedida em Dante, para poder dar a notícia aos meus pais.



28

Jessa

Eu carrego a última carga de roupa para o andar de cima e despejo a cesta na minha cama ao lado da mala. Eu me ocupo dobrando as roupas quando uma batida suave soa na porta. Está entreaberta e nem preciso me virar para saber que é mamãe.

— Posso entrar?

— Claro, — eu respondo.

Ela pega uma camisa da pilha de roupas e começa a me ajudar a dobrar. A expressão de mamãe é pensativa e posso dizer que ela quer dizer alguma coisa. Ela e meu pai são diferentes. Ele não fala muito, mas quando o faz, simplesmente, e não mede as palavras. Minha mãe, por outro lado, é uma tagarela e, quando fica quieta, significa que está pensando em alguma coisa.

— Você está bem, mamãe? Se você morder a língua mais forte, pode sangrar.

Seus olhos voam para o meu rosto.

— Estou preocupada com você; Isso é tudo. Você pode ficar aqui, você sabe.

— Eu agradeço a oferta, mas tenho uma vida lá. Um trabalho que eu amo e amigos. — Embora eu tenha alienado cada um deles, exceto Dante. Não que eles estejam batendo na minha porta também, mas eu entendo. A maioria das

pessoas não tinha ideia do que dizer quando Trevor morreu, especialmente porque foi muito inesperado.

— Você vai ficar com o apartamento? — Minha mãe pergunta.

— Eu não decidi nada com certeza. Eu nem tenho certeza de que ficarei em Chicago. Só estou tentando levar um dia de cada vez. — *Às vezes, isso ainda é demais.*

— Bem, para onde você iria?

Eu soltei um suspiro frustrado.

— Eu não sei, mamãe.

— Não fique toda irritada comigo, mocinha. Só estou perguntando. — Suas sobrancelhas praticamente tocam a linha do cabelo.

— Eu sinto muito. É só que... você está me fazendo perguntas que eu não sei as respostas. — Eu abro a mala e deixo aberta, para que eu possa colocar as roupas dentro. — Quando eu era mais jovem e me estressava com algo, você lembra o que me dizia?

Ela sorri e acena com a cabeça.

— Você não come uma torta inteira de uma só vez. Você tem que comer uma fatia de cada vez.

— Bem, é o que estou tentando fazer. O que mais você está pensando?

Ela poderia também colocar tudo para fora. Eu já sei onde isso está indo.

— Eu ouvi você se esgueirando na outra noite. O que está acontecendo entre você e Dante?

Aí está. Eu sabia que estava chegando e não quero ter essa conversa com ela.

— Mãe, — eu digo, sabendo muito bem que ela vai ignorar o aviso.

— Não, senhora, — diz ela com um aceno de dedo. Então, ela aponta para minha bagagem. — Feche essa coisa e coloque-a no chão para que possamos nos sentar e conversar.

Eu faço o que ela diz, e nós duas sentamos na minha cama com as pernas cruzadas, de frente uma para a outra.

— Agora, fale comigo. Eu não vou julgá-la.

A mulher é implacável, e isso me deixa louca, mas também é uma das coisas que eu amo nela.

— Dante é meu amigo e eu me importo com ele.

— Eu sei que você se importa. Eu só quero que você seja cuidadosa, sabe... olhe antes de pular.

— Dante não me machucaria.

— Eu sei disso. Você está finalmente começando a se reestruturar, e você é forte, Tessa. — Ela estende a mão para apertar a minha. — Mas e Dante?

— Do que você está falando? — *Eu juro que ela tomou muito sol.*

— Santa inocência, — diz ela desse jeito sulista paternalista.

— Mamãe! — Minha boca se abre.

— Feche a boca, ervilha doce ou você provavelmente comerá uma mosca.

Eu pego um travesseiro atrás de mim e bato-lhe com ele, ciente de que ela vai retaliar. E ela faz. Logo, minha cama está em desordem e travesseiros estão voando.

— O que no mundo vocês duas estão fazendo? — Papai está sorrindo tão grande que acho que seu rosto pode se dividir.

Eu aponto para minha mãe.

— Ela começou.

— Tessa Rae, você pode ir para o inferno por mentir.

— Da mesma forma que você pode roubar, — meu pai e eu dizemos em uníssono.

Nós todos acabamos rindo.

A mulher tem todo um arsenal de ditados populares, sabedoria transmitida a ela pela minha avó, e ela os diz todas as chances que tem.

Eu ando até meu pai e envolvo meus braços em volta do seu pescoço.

— Amo você, papai.

— Eu também te amo bebê urso, — diz ele, apertando-me com força. — Ei, Mags, você sabe o que precisamos? — Ele olha por cima da minha cabeça para minha mãe.

Eu sinto seus braços ao meu redor, pegando meu pai, então estou no meio deles. Eles balançam para frente e para trás, me abraçando.

— Sanduíche de Tessa, — suas vozes cantarolam juntas.

Desta vez estou rindo em vez de chorar. Eu sou muito velha para essas palhaçadas ridículas, mas não trocaria momentos como este por nada.

— Tudo bem, vocês dois, vamos descer, e eu vou fazer sundaes, — diz mamãe.

Ela não precisa mandar duas vezes. Enquanto seguimos em linha reta para as escadas, meu pai começa a cantar uma de suas pequenas coisas sem sentido sobre homens franceses e sorvete. Eu sou transportada de volta ao tempo em que meu mundo inteiro consistia de meus pais e nessas paredes.



É tarde, e desde que Dante e eu sairemos amanhã cedo, decido me sentar na varanda da frente com um copo de chá doce antes de encerrar a noite.

Eu ouço a porta rangendo e viro minha cabeça para ver meu pai saindo com seu próprio copo de chá na mão.

— Eu achei que você tivesse ido para a cama.

— Sua mãe foi, mas eu queria sair e verificá-la.

— Estou bem, papai, — eu digo para assegurar-lhe.

— Sua mãe e eu estamos casados há muito tempo e, se aprendi alguma coisa, é isso: quando uma mulher lhe diz que está bem, você pode garantir que ela está tudo, menos isso. Se você perguntar o que está errado e ela não disser nada... pode apostar a fazenda que é alguma coisa.

Ele coloca o copo no chão e, em seguida, inclina a cadeira para encarar o balanço da varanda, para que ele possa olhar para mim. Entre a lua e a vela de citronela, há luz suficiente para distinguirmos os rostos um do outro.

— Eu ficarei bem. Que tal isso? — Dou-lhe um pequeno sorriso.

— Estou feliz que Dante esteja voltando com você.

— Eu também.

— Ursinho, eu sinto muito por tudo que você passou. — Ele limpa a garganta, e eu espero pacientemente. — Eu quero que você prometa algo ao seu velho.

— Tudo bem.

— Nem todo mundo acerta na primeira tentativa. Se você tiver uma segunda chance, aceite.

Por alguma razão, acho que ele quer dizer Dante. Não sabendo como responder, eu apenas digo:

— Vou tentar.

Ele se levanta, endireita a cadeira e pega o chá.

— Essa é minha garota. Agora, não se esqueça de apagar a vela e trancar a porta antes de ir para a cama. — Meu pai dá um beijo no topo da minha cabeça. — Amo você, Tessy. — O modo como meu pai usa os apelidos nunca deixa de me fazer sentir uma garotinha.

— Também te amo, papai.

Ele entra, e eu tomo mais alguns minutos para apenas sentar e ouvir o chilrear dos grilos.

29
Dante

Eu assisto do carro enquanto Tessa se despede de seus pais. Já tendo me despedido há alguns minutos atrás, quis dar-lhes alguns minutos a sós. Ela está no meio deles entre os dois em algum tipo de abraço em grupo, e então eles trocam de lugar enquanto cada um se reveza no centro. A cena me faz rir e faz com que eu queira coisas que não deveria.

Quando Tessa se senta no banco do passageiro, ela me dá um sorriso triste. Acenamos para os pais dela enquanto tiro o carro da garagem.

Quilômetros passam e ela está quieta por tanto tempo, que começo a me preocupar.

— O que você está pensando? — Eu pergunto, rompendo o silêncio.

— Isso e aquilo.

— Você quer ser um pouco mais específica? — Eu rio.

Ela passa as mãos sobre o rosto e, em seguida, olha através de seus dedos para mim.

— Dante, cerca de cem pensamentos estão girando na minha cabeça agora. — Ela deixa cair às mãos em seu colo.

— É uma longa viagem e temos tempo.

— Estou pensando em casa e como não sei mais onde isso é.

Eu permaneço quieto porque sei que ela está pensando em algo.

— Quando você é uma criança, sua casa é a casa em que você mora, a rua em que você cresce. — Ela se inclina para o encosto de cabeça e olha para mim. — Quando você se apaixona, a casa deixa de ser um lugar. Torna-se uma pessoa. E quando essa pessoa vai embora, você é essencialmente deixado sem teto.

Ela está me matando lentamente com suas palavras. Se eu pensasse por um segundo, que poderia lhe falar tudo e ela não fugiria, faria isso. Como não posso, escolho cuidadosamente minhas palavras e tom.

— Você não é sem-teto, — digo a ela. — Você ainda me tem. — Eu sorrio e acrescento: — More na minha casa.

Ela sacode a cabeça.

— Dante

— Você pode ficar no quarto de hóspedes se for mais confortável. Não me entenda mal; Eu te quero na minha cama, mas isso é com você. Não quero forçar, Tess. — Na minha periferia, vejo-a refletir. — Tudo o que decidir fazer está bom, e quando você descobrir, eu estarei aqui.

— Tudo bem, — ela concorda e, em seguida, pergunta: — Você pode parar na próxima saída? Eu tenho que fazer xixi.

— Então, agora é um mau momento para fazer piadas referente a água, hein? — Eu provoco, tentando aliviar o clima.

— Você é tão esperto. — Ela ri.

— Eu acho que já ouvi isso em algum lugar antes.

Ela revira os olhos e então me dá um sorriso enorme.

Fazemos uma parada para usar o banheiro, e peço um chá doce para Tessa. Ela ama essa merda e é muito difícil encontrar em casa. Quando volta, Tessa contorna o carro.

— Aonde você vai?

Ela aponta para o posto de gasolina.

— Precisamos de lanches, — diz ela com uma risada. — Suas habilidades de viagem estão seriamente ausentes.

— Lanches então. — Eu sigo atrás dela.

No momento em que saímos, ela está carregada com Twizzlers de morango, copos de manteiga de amendoim e alguma merda do Pirate's Booty[3]. Entre a música e as histórias da infância de Tessa em Charleston, os quilômetros passam mais rápido do que eu pensava.

[3] **O Pirate's Booty** é um petisco tufado de arroz e milho desenvolvido e produzido pelo comerciante de mercadorias Robert Ehrlich desde 1987.

30

Jessa

Nós chegamos tarde ontem à noite, ambos desgastados pela longa viagem. Depois de pegar nossas coisas do carro, mal conseguimos trocar de roupa antes de adormecer na casa de Dante.

Quando me levantei esta manhã, disse a Dante que queria ir para casa e ele poderia usar meu carro desde que Josh estava indo buscar o dele. Quando ele me deixou, não ficou nada empolgado quando me recusei a deixá-lo entrar no prédio comigo. Não espero que ele entenda, mas isso é algo que preciso fazer sozinha.

Agora que estou aqui, talvez eu não devesse ter sido tão corajosa.

— Sra.Salinger, — Theo corre para me cumprimentar quando eu entro no prédio, — bem-vinda de volta.

— Obrigada, Theo. É bom estar em casa. — Essa não é a verdade. Há tantos lugares que eu preferiria estar do que aqui.

— Se você precisar de alguma coisa, por favor, me avise.

— Farei isso, — eu digo por cima do ombro enquanto sigo para o elevador.

A subida é silenciosa, exceto pelo zumbido elétrico do elevador e o martelar no meu peito. Quando as portas prateadas se abrem, saio para o corredor, tentando ignorar os

nós se formando no meu estômago. A apreensão pesa sobre meus pés como blocos de concreto. Eu me aproximo da porta com a trepidação de um preso no corredor da morte no dia da execução. Estou suspensa entre este momento e o que vem a seguir, sabendo muito bem que terei que enfrentar o que está do outro lado da porta. Não quero recuar, perder o terreno que ganhei enquanto estava em Charleston. Não quero ser varrida pelas memórias ou dar poder ao passado sobre mim.

Com as mãos suadas e os dedos trêmulos, eu destranco a porta e entro. O clique da trava reverbera pela sala, fazendo com que pareça oca. Eu giro e pressiono minha testa no lado interior da porta. Palmas achatadas descansam ao lado das minhas têmporas, e forço meu coração acelerado a se acalmar e meus pulmões a inflar. Mentalmente, conto inversamente a partir de dez. Então me viro e abro meus olhos.

Antes que eu possa formular um pensamento, meu telefone toca, me assustando até a morte. Estendendo a mão no meu bolso de trás, puxo para fora e olho para o identificador de chamadas.

— Você me assustou demais, — eu grito.

— Eu não queria. Só queria checá-la. — A voz preocupada de Dante enche meu ouvido.

— Dante, você acabou de me deixar aqui.

— Eu sei disso, e também entendo o quão difícil isso é para você. — Ele solta um suspiro. — Tudo que você tem a

fazer é pedir, e posso contratar alguém para embalar suas coisas, então você não precisa.

Eu queria lidar com tudo isso sozinha. Pelo menos, queria *ser* capaz, mas a dúvida está rastejando.

— Podemos falar sobre isso depois?

— Claro. Tessa, você sabe que não há resposta certa ou errada aqui, não é? Você resolve isso, e se não conseguir... eu resolvo para você.

— Eu sei.

— Eu estarei aí em breve. Comida chinesa está bom para o jantar?

— Parece bom. Vejo você daqui a pouco. — Eu desligo o telefone e coloco de volta no bolso.

O luto vem em etapas. Não tenho certeza de quantas são. Alguns psicólogos afirmam que são cinco, enquanto outros acreditam que são sete ou oito. Tudo o que sei é que, em alguns dias, parece que passei da devastação à loucura. Atualmente, eu não tenho ideia do estágio em que estou... em algum lugar entre a aceitação e o desejo de uma amnésia retrógrada.

Eu acalmo meus nervos e entro no quarto. Parece que eu o deixei com gavetas entreabertas e roupas espalhadas por toda parte. O conteúdo da caixa de sapatos, assim como os moletons de Trevor, ainda estão espalhados pelo chão. Eu me abaixo e pego o envelope branco. Está vazio. Então, olho para a direita e vejo os resultados do teste de paternidade no chão, onde Dante jogou os papéis de lado. Eu penso naquela noite

no cemitério e na delegacia de polícia. A memória se desenrola como uma cena da vida de outra pessoa. É difícil conciliar que *eu* perdi o controle e destruí o túmulo de Trevor.

Curvando-me, pego os papéis e, desta vez, quando os leio, não há a camada fútil de descrença ou cólera ofuscante.

Com uma probabilidade de 99,8%, Trevor Salinger é o pai de Brandon Montgomery.

Eu achei que não doeria tanto depois que o choque desapareceu. Eu não achei que ainda pareceria um milhão de vezes pior do que derramar álcool em uma ferida aberta.

Independentemente da picada, eu não sou a única que perdeu alguém. Eu me esforço para olhar além da traição de Trevor. Em algum lugar existe um garotinho que nunca pediu para nascer. Que, apesar dos pecados de seu pai, é completamente inocente. Há tantas perguntas para as quais nunca terei respostas, e vou enlouquecer, tentando entender a bagunça que minha vida se tornou. Em algum momento, preciso seguir em frente com isso. Algo positivo deve vir de toda a mágoa.

O garoto precisará ir para a faculdade, e mesmo depois que eu devolver tudo que Trevor roubou da empresa, ainda haverá mais do que o suficiente de seu seguro de vida para estabelecer uma relação de confiança com Brandon. Amanhã, vou começar a resolver isso.

Dante vai ter que contratar alguém para substituir Trevor. Eu não tenho ideia de como ele evitou isso por tanto tempo, mas não é como se tivéssemos falado sobre isso.

Eu coloco os documentos na mesinha de cabeceira e volto ao closet para começar a limpar a bagunça.

No momento em que Dante aparece com o jantar, eu esvaziei o armário dos pertences de Trevor. Suas roupas estão empilhadas na cama, e a caixa de sapatos contendo as bugigangas de sua infância está na mesinha de cabeceira.



Meu celular vibra no meu bolso de trás e eu o puxo para fora.

Dante: Na porta com o jantar. Eu bati, mas você não respondeu.

Eu: Desculpe. Fique bem aí.

Saio do closet e atravesso o apartamento para deixar Dante entrar.

— Ei, desculpe por isso.

— Sem problemas. Eu não tinha certeza do que você queria comer, então pedi um pouco de tudo, — diz Dante, abrindo recipientes de comida chinesa.

Eu pego duas garrafas de água da minha geladeira praticamente vazia e coloco uma na frente dele.

— Obrigada por pegar o jantar.

— De nada. — Ele me passa um prato de frango kung pao, carne e brócolis e arroz frito.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Quando olho para cima, Dante está me observando.

— Um centavo por seus pensamentos, — eu digo e pego um guardanapo.

— Tenho certeza que eles valem mais do que isso, — ele brinca. — Só pensando no trabalho.

Chamo isso de besteira. Já é difícil para mim estar aqui novamente. Eu não posso imaginar como é para ele. Especialmente agora que as coisas entre nós mudaram.

Depois que eu tomo um gole de água, me afasto da mesa e vou até ele. Estar em Chicago não anula o que nós compartilhamos ou quão próximos nós nos tornamos. Eu quero lhe mostrar que me importo.

Dante coloca sua garrafa de água agora vazia de volta na mesa e me puxa para seu colo. Meus lábios encontram os dele em um beijo lento e sensual. Suas mãos deslizam pelas minhas costas, e então ele enterra os dedos no meu cabelo e aprofunda o beijo. As coisas não podem ir longe, não aqui de qualquer maneira, então rompo o beijo. Dante coloca a cabeça no meu peito no vale entre meus seios. O calor de sua respiração quente envia arrepios pela minha pele.

— Eu aposto que você não está mais pensando sobre o trabalho, — eu digo brincando e saio do seu colo.

Dante bate na minha bunda.

— Isso é verdade pra caramba. Você vai para casa comigo?

— Você ainda quer que eu vá?

— Isso depende, Tessa, se você quer estar lá.

— Sim. Eu quero ir para casa com você.

Um enorme sorriso se abre em suas feições escuras.

— Você acabou de comer? — Eu pergunto.

— Sim. Vou ao banheiro e depois ajudo você a limpar.

— Tudo bem, — eu concordo, mas terei feito isso antes que ele volte.

31

Dante

Com um rápido olhar para trás para me certificar de que Tessa não me seguiu, entrei em seu quarto. As roupas de Trevor enchem a cama e o chão do closet está impecável.

Porra. Eu preciso desses papéis. Espero que ela não os tenha jogado fora, e não posso perguntar exatamente o que ela fez com eles.

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo, minha frustração crescendo. Finalmente, vejo o envelope na mesa de cabeceira e pego meu celular no bolso.

Pegando o envelope, tiro uma foto do logotipo da Cloverstem Labcor, retiro as páginas, aliso-as e repito o processo. Deixando tudo como encontrei, eu volto para a cozinha, mas Tessa já está no corredor.

Ela levanta uma sobrancelha em questão.

— Eu pensei que você tinha que usar o banheiro?

— Eu usei o seu. Você está pronta para ir? — Eu pergunto, mudando de assunto.

Se ela descobrir o que estou fazendo, essa coisa entre nós terminará antes mesmo de termos uma chance.

— Ok. — Ela meio que ri. — Eu só quero pegar algumas coisas.

— Merda de mulher? — Eu sorrio.

— Sim, — diz ela e entra no closet. Ela sai com uma bolsa e depois vai ao banheiro jogar as coisas nela. Ela caminha até a cômoda, pega algo da gaveta e joga na bolsa também. — Pronto.



Quando chegamos à minha casa, destranco a porta e entramos. Assim que eu solto a bolsa de Tessa, a levanto em meus braços. Girando ao redor, eu a pressiono contra a parede e a beijo. Minhas mãos vão ao redor de sua bunda.

— Envolva suas pernas em volta de mim, — digo a ela.

Ela balança sua boceta contra o meu pau duro.

— Dante, — ela suspira.

— Eu sei, Tess. Eu vou cuidar de você.

Eu a carrego pelo corredor até o meu quarto, beijando-a todo o caminho. Uma vez que entramos, eu a coloco em pé. A testa de Tessa descansa no meu peito, e ela serpenteia seus braços em volta de mim.

— Ei, o que há de errado?

Seu aperto aumenta e agora estou preocupado.

— Fale comigo, Tessa.

Quando ela não se move, levanto seu queixo com o polegar e espero.

— Tessa, se você não estiver pronta... vou esperar o tempo que for preciso.

— Não é isso. Eu quero. Deus, eu quero. Mas eu não estou tomando pílula, então, por favor, me diga que há preservativos aqui em algum lugar.

— Há uma caixa cheia na mesa de cabeceira. — Eu pisco para ela. — Alguma outra pergunta?

— Nenhuma.

Eu deixo um beijo casto em sua boca.

— Vou ligar o chuveiro. Sua bolsa está na outra sala, se você quiser pegar.

O banheiro já está começando a encher de vapor quando Tessa retorna. Eu tiro minhas roupas enquanto ela descarrega seu xampu e suas coisas.

— Sua vez, — eu digo, observando o rubor do rosto dela enquanto seus olhos viajam pelo meu corpo. Pego as coisas dela e coloco na borda embutida do chuveiro. Então, volto para ela, pronto para o show.

Lentamente, ela puxa a camisa pela cabeça, expondo seus seios cobertos de renda branca. Meu pau endurece querendo atenção. Em seguida, ela desliza as calças de ioga e...

Puta merda

— Você estava sem calcinha todo esse tempo? Porra, mulher, você está tentando me matar?

Sua resposta é desfazer o fecho de seu sutiã e deslizar as alças pelos braços, provocando-me antes de jogá-lo no chão.

Tessa é a perfeição. O inchaço de seus seios, a curva de seus quadris. Eu quero fodê-la contra a parede até que nenhum de nós possa ficar de pé. Eu pego sua mão, puxando-a para mais perto, e então arrasto meu dedo indicador por sua espinha e através do arco de sua bunda doce. Meus dedos roçam sobre seu quadril, ao longo do lado de seu peito, e através de seu mamilo endurecido. Ela solta um suspiro.

— Você tem alguma ideia de como é sexy? — Eu pergunto, curvando-me para beijá-la.

Então, eu a puxo para o chuveiro. Ela está quente e molhada e pressionada contra mim. Nós nos beijamos sob o jato quente, e então os lábios de Tessa se movem pelo meu torso. Ela me choca quando cai de joelhos e envolve seus lábios rosa suaves ao redor da cabeça do meu pau dolorosamente duro. Ela gira a língua sobre a minha ponta antes de levar meu pau em sua boca, tanto quanto pode ir.

— Porra, — eu assobio, apoiando minha mão na parede.

Uma das mãos de Tessa brinca com minhas bolas enquanto a outra agarra a base do meu eixo.

— Isso é tão bom. — Eu a sinto sorrir ao meu redor, e ela aumenta sua velocidade. — Tessa, se você não se acalmar, eu vou gozar em sua garganta.

Ela não para. Em vez disso, suas mãos seguram minha bunda, me puxando para frente, e não há nenhuma maneira no inferno que eu possa parar agora. Eu enterro minhas mãos em seu cabelo molhado, tomando o controle de seus

movimentos, e fodo sua boca. Não demora muito e estou gozando no fundo de sua garganta, e ela engole tudo o que dou a ela.

Eu puxo Tessa para cima e esmago meus lábios nos dela. Quando me afasto, olho para ela com admiração.

— Porra, mulher.

— Dante...

Minha testa repousa sobre a dela.

— Mmhmm?

— Eu preciso de você dentro de mim.

32

Jessa

Estou deitada na cama de Dante, recém-saída do chuveiro. Molhada e carente. Dolorida de desejo. Meu corpo dolorido e muito tenso, um único toque provocaria a detonação.

Ele se move para cima da cama e coloca as pernas dele nas minhas, enjaulando-me com seus braços. Há apenas ele e eu e os sons das nossas respirações.

Nós seguramos o olhar um do outro em uma conversa silenciosa. Cílios grossos emolduram seus olhos escuros, mostrando sua emoção crua. Há algo entre nós que vai além da luxúria, e isso me apavora. Incapaz de suportar a intensidade do momento, eu pisco e me afasto.

— Dante. — Seu nome é um apelo. É demais e não é suficiente.

Dante inclina a cabeça e encosta seus lábios sobre os meus no sussurro de um beijo. Ele se inclina sobre mim para alcançar a mesa de cabeceira e pega um pacote de papel alumínio. O invólucro enruga quando ele pressiona na palma da minha mão. Eu assisto enquanto ele se empurra de volta.

Eu levo um minuto para apreciar a vista, deixando meus olhos percorrerem seu corpo. O conjunto quadrado de sua mandíbula e a pequena cicatriz perto de seu olho direito. Ombros largos construídos como se pudesse lidar com o peso

do mundo. Seus bíceps parecem esculpidos em pedra. O peito duro de Dante e o torso definido me faz passar minha língua pelo meu lábio inferior. Seus músculos cortados em um V perfeito, e a trilha de cabelos escuros em seu umbigo atraem meus olhos para baixo para seu pênis enorme. A visão dele completamente ereto e grosso faz minha boca encher de água.

Sentada, rasgo o canto do invólucro com os dentes. Com lenta deliberação, eu pego seu pênis, apreciando o peso dele em minhas mãos. Eu me inclino para frente e planto um beijo no centro do peito dele antes de me recostar nos travesseiros.

E então isso me atinge. Trevor foi o último homem a estar dentro de mim. Dante me levou ao orgasmo com o rosto entre as minhas pernas. Eu apenas o chupei no chuveiro. Mas isso é diferente. Meus olhos se prendem em Dante e percebo o quanto quero isso com ele, mas também estou com medo. Minhas mãos estão tremendo.

Seu olhar é intenso, examinando meus pensamentos, vendo todos os meus medos.

— Tessa? Nós não temos que fazer isso.

— Eu quero. — E eu não tenho certeza de qual de nós estou tentando convencer mais. Meu corpo está lá; meu coração terá que alcançá-lo.

Dante se apoia em seus antebraços enquanto me cobre com seu corpo, e seus olhos nunca deixam os meus. Se eu lhe der qualquer indicação de que isso é mais do que posso suportar, ele vai se afastar. Eu respiro e tento separar minhas emoções do ato físico. Sua coroa cutuca minha

entrada, mas ele não faz nenhum movimento para empurrar para dentro.

— Tessa. — Seu timbre profundo inunda toda a minha carne, e eu tento deixar isso acalmar meus medos.

Lágrimas picam meus olhos. O rosto de Dante está acima de mim e vejo dor e arrependimento em seus olhos. Não é culpa dele, e eu me odeio por não ser capaz de separar as coisas.

Por que diabos não posso simplesmente superar isso?

Dante sai de cima de mim, levando seu calor com ele, e eu tento me enrolar nos cobertores para esconder meu rosto, mas ele não me deixa.

Ele se senta e se inclina contra a cabeceira da cama.

— Venha aqui.

Ele cobre sua metade inferior com a colcha. Então, ele me pega em seus braços. Minha bochecha descansa em seu peito, e ele ajusta o cobertor, então eu estou envolvida em seu calor.

— Fale comigo, Tess. Por que você está chorando? — Ele beija o topo da minha cabeça. — Deixe-me entrar, baby.

— Estou com medo.

Dante desliza a mão por baixo do cobertor e desenha círculos nas minhas costas.

— Se você está com medo, então tenha medo comigo. Eu nunca deixarei ninguém te machucar. Estou aqui e não vou a lugar algum.

Eu me escondo na curva do pescoço dele e deixo minhas lágrimas caírem em sua pele.

— Sinto muito, — eu sussurro.

— Shh. Está tudo bem. Você não tem nada para se desculpar.

Preciso dizer a verdade a Dante, então ele sabe que bagunça eu realmente sou.

— Eu sei que não faz sentido... — Eu solto uma respiração irregular. As lágrimas correm lentamente pelas minhas bochechas.

— Baby, você está me destruindo. Por favor, não chore.

Eu levanto a cabeça para olhar para ele, e ele enxuga minhas lágrimas com as pontas de seus polegares.

— Eu não estou mais apaixonada por Trevor, e é por isso que me sinto tão estúpida. O que ele fez... foi horrível. Mas ele foi o último homem a... — Eu cuidadosamente escolho minhas palavras, querendo que ele entenda. — Se eu deixar você fazer amor comigo... eu tenho medo de estar apagando a última parte dele.

Dante tenciona abaixo de mim e olha para longe.

Eu deito minha cabeça de volta em seu peito.

— Sinto muito, Dante. Te magoar é a última coisa que quero fazer.

— Eu me importo muito com você. Mais do que você poderia entender. Eu não vou te empurrar para fazer algo que você não está pronta, não importa o quanto eu queira.

Dante me segura e ficamos quietos por vários longos minutos.

Eu penso sobre como, mesmo na morte, Trevor tem uma posição na minha vida. Mesmo enterrado, ele é o mestre de marionetes, porque eu repetidamente lhe dou o poder. Estou desesperada para quebrar as correntes que me prendem não apenas a Trevor, mas também à vida que compartilhamos.

Eu me inclino, bloqueando o meu olhar com o de Dante, e então eu deslizo minha boca sobre a dele. Demora uma fração de segundo para ele reagir, como se estivesse me dando tempo para ter certeza. Um de seus braços passa pelas minhas costas e o outro agarra a minha nuca. Então ele morde meu lábio inferior.

Nós nos beijamos devagar e profundamente por muito tempo. Ele arrasta sua língua sobre os restos de lágrimas nas minhas bochechas. Dante lambe meus medos e acende um fogo na minha barriga. Ele me beija até meus lábios incharem e machucarem. Ele faz amor com a minha boca e o desejo bate no meu corpo como um pulso. A umidade se acumula entre as minhas pernas quando ele se enrola novamente sob o cobertor, que age como uma barreira entre nós.

A necessidade de oxigênio toma conta e eu recuo.

— Dante.

— Sim, baby?

— Estou pronta. — Um rubor sobe pelas minhas bochechas enquanto meu rosto aquece.

A ternura do seu olhar me mantém cativa.

— Você tem certeza?

— Mais do que nunca.

— Se você mudar de ideia, eu juro, parou. Você está segura comigo. Você sempre estará segura comigo.

— Eu sei. Eu confio em você. — Eu levanto e retiro o cobertor, então tenho acesso ao seu pênis.

— Monte-me. Eu quero que você se sinta no controle, — diz ele.

Eu escalo seu colo e levanto suas mãos para cobrir meus seios. O polegar de Dante passa sobre um mamilo pontudo e depois o outro. Suas palmas deslizam até meus quadris. E sua boca toma o lugar de seu polegar. Com cada passada de sua língua, eu fico mais molhada. Minhas mãos se movem para a parte de trás de sua cabeça e eu pressiono seu rosto no meu peito. Ele suga minha carne e eu quero mais.

— Isso é tão bom.

— Você tem um gosto incrível, — diz ele.

Eu sinto a mão dele deslizar entre as minhas pernas. Ele arrasta um dedo pelo meu centro.

— Eu preciso de você dentro de mim. Por favor, Dante.

Suas mãos se movem para as minhas coxas, e eu desço um pouco até que eu estou pairando acima de seu pênis. Eu seguro os ombros de Dante enquanto ele me guia em cima dele.

— Ah, — eu choramingo quando eu afundo o seu comprimento.

— Agradável e lento, baby. — Ele segura meus quadris enquanto eu balanço minha pélvis.

Eu me sinto tão cheia. Demoramos alguns minutos para encontrar nosso ritmo e, quando o fazemos, tenho certeza de que nada nunca foi tão bom quanto ter Dante dentro de mim. Eu jogo minha cabeça para trás em êxtase.

— Tess. — Sua voz é grave e cheia de anseio. Suas mãos apertam meus quadris. — Fique comigo. Abra seus olhos.

Incapaz de negá-lo, faço o que me foi dito, meu olhar encontrando o dele.

— Estou contigo.

Sua pelve empurra para cima, dirigindo seu pênis mais fundo.

— Ah. Oh Deus. Sim.Por favor, não pare, — eu imploro a ele. — Dante. — Sai ofegante e urgente.

Ele empurra para dentro de mim, me enchendo e me esticando.

— Tão linda para caralho. Você é tão gostosa, — ele geme, balançando em mim mais e mais.

A chama arde mais quente. Seu dedo se move de volta para o meu clitóris.

— Ah, Dante, — eu grito, subindo mais e mais alto.

Uma agonia requintada arde através de mim. E eu estou subindo. Livre caindo no meu orgasmo. Minhas paredes se apertam ao redor dele, e ele mete em mim com força, encontrando sua libertação.

Eu colapsei contra o peito dele. Estamos ofegando, respirações e corações acelerados. As pontas de seus dedos languidamente percorrem meu corpo, da nuca ao meu cóccix e de volta. Dante repete a ação várias vezes. Eu poderia dormir assim, mas não tenho certeza de como seria confortável para ele. Depois de alguns minutos, levanto a cabeça e planto um beijo no coração dele. Levanto-me, subo com cuidado e me deito contra os travesseiros.

— Eu já volto, — diz ele, caminhando em direção ao banheiro.

Quando ele retorna, o preservativo se foi e ele está segurando uma toalha em sua mão. Ele cuidadosamente limpa entre as minhas pernas e, em seguida, joga o pano do outro lado da sala na cesta.

— Você está bem? — Ele pergunta, subindo na cama. Ele me puxa contra o peito e me envolve em seus braços.

Eu respondo a ele da maneira mais honesta possível:

— Agora, estou melhor do que bem.

Ele me segura perto e caio em um sono sem sonhos.

33

Jessa

Eu estico meus membros e bocejo, querendo nada mais do que me aconchegar nos travesseiros e dormir por mais algumas horas. Meu corpo está dolorido em lugares que não tem sido há muito tempo. Então, a almofada áspera do dedo de Dante patina na minha pele nua.

— Bom dia, — diz ele, com a voz rouca de sono.

A luz solar banha o quarto em um brilho quente. Eu rolo para encarar Dante. Sua ereção me cutuca e eu rio baixinho, lançando meu olhar para baixo antes de meus olhos se voltarem para seu rosto.

— Bom dia para você também.

— Como você está se sentindo?

Eu vejo a preocupação em seus olhos.

— Honestamente... — meu rosto floresce com o calor, — meu corpo está um pouco dolorido.

— E o resto de você? — Sua mão varre o cabelo da minha testa.

Meu dedo indicador desenha preguiçosamente loops infinitos sobre seu peito. — Ainda estou apavorada, mas estou trabalhando nisso.

Ele se inclina, beijando meus lábios. Dou-lhe um beijo e levanto-me porque a coisa toda da respiração matinal me assusta.

Ele sorri para mim e eu levanto do colchão.

— Aonde você vai?

— Escovar meus dentes.

— Você está preocupada com o hálito matinal? — Ele pergunta, vendo através de mim.

— Talvez. — Eu rio.

— Eu gosto do jeito que você prova a qualquer momento. — Ele abaixa as sobrancelhas.

— Você é horrível.

— Verdade. — Ele sorri.

No meu caminho para o banheiro, eu digo por cima do meu ombro.

— Eu pensei em ir trabalhar com você, então posso visitar Katie, e provavelmente é hora de limpar o escritório de Trevor.

— Soa como um plano. Vamos pegar o café da manhã no caminho.

Eu ouço o rangido do colchão e sei que ele está se levantando.

Nós dois estamos em seu banheiro, escovando nossos dentes lado a lado. É muito doméstico, e tento não pensar em como fiz isso mil vezes com o Trevor. De repente, estou presa nas lembranças da minha vida anterior. Todos os dias comuns que se misturam. Como nos movíamos pelo mesmo espaço em uma dança sincronizada, a maneira como os parceiros fazem sem pensar.

— Tess? — Os dedos de Dante roçam meu braço. — Onde você foi?

— O que você quer dizer? — Eu pergunto, fingindo ignorância, esperando que ele não possa me ler.

— Você saiu por um segundo.

— Não. Eu estou bem aqui.

— Não faça isso, — diz ele com uma ponta ao seu tom.

— Fazer o quê?

— Fazer-me competir com um fantasma em minha própria casa. — Dante liga a água, enxágua e cospe, e então sai do banheiro sem dizer uma palavra.

Eu termino e entro no quarto. Eu tento passar por ele, para que eu possa pegar minhas roupas, mas Dante estende a mão e me puxa para ele. Uma tempestade está se formando em seus olhos enquanto ele cobre meu rosto em suas palmas. Suas respirações vêm rápidas e duras. Ele bate a boca na minha. Forte e exigente. A maneira como a boca de Dante se move contra a minha é sobre propriedade. Cada contato de sua língua é quase brutal. E, não importa o quanto meu corpo responda ao seu toque, não sou uma aquisição. Eu empurro com força contra o peito dele, e ele mal se move um centímetro. Eu empurro mais forte e nos separamos.

Eu sacudo do seu aperto.

— Que porra foi isso?

— Tess... — Sua voz se esvai.

Ele não precisa responder. Eu entendo o que foi.

— Nós compartilhamos uma vida juntos, Dante. Eu vou pensar nele, mas isso não significa nada. Há um pedaço dele entrelaçado com o meu. Trevor é uma parte de mim. Não importa o quanto peça a Deus que possa apagar as memórias dele, eu não posso.

— Sinto muito. — Ele passa as mãos pelos cabelos. — A última coisa que quero fazer é tornar isso mais difícil para você.

Às vezes, esqueço o quanto isso é difícil para ele. A situação é incrivelmente embaraçosa, e acho que nós dois precisamos acalmar um ao outro.

— Só vai levar tempo.

— Você está certa. — Ele me abraça forte antes de me soltar. — É melhor nos prepararmos para ir.



Salinger e Salinger fica a alguns quarteirões da casa de Dante, então paramos no café na esquina para pegar o café da manhã. Estamos sozinhos enquanto subimos de elevador até o andar que abriga a S & S.

— Eu preciso fazer algumas ligações. Venha me encontrar depois que você visitar Katie.

— Eu vou, — eu digo a ele e estico meu pescoço para lhe dar um beijo antes de sairmos do elevador.

Katie está sentada em sua mesa, seus longos cabelos castanhos em um coque em cima de sua cabeça, e ela está

olhando para a tela do computador. Sua atenção muda para nós, e todo o seu rosto se ilumina. Ela está fora de sua cadeira tão rapidamente, seu vestido preto de malha desliza atrás dela. Eu mal consigo colocar o café na mesa no saguão vazio antes que ela me envolva em um abraço.

— Tessa, é tão bom ver você.

— Bom ver você também. Eu senti saudades.

— Bom dia, Katie, — diz Dante.

— Bom dia, chefe.

— Tudo bem, eu vou deixar vocês senhoras conversar. — Seu café já na mão, Dante leva seu café da manhã para o seu escritório e fecha a porta.

Katie senta em uma das cadeiras do saguão e eu me sento em frente a ela. A sacola faz barulho quando tiro os outros sanduíches da bolsa e passo um para ela.

— Obrigada. Isso foi doce.

— Não precisa agradecer.

— Tessa, — Katie começa, — eu sinto muito. Eu não tenho sido uma boa amiga. Eu não sabia o que dizer.

— Está tudo bem, Katie. Dante lhe contou o que aconteceu antes de eu partir para Charleston?

— Não.

Eu respiro fundo.

— Você sabia que Trevor teve um caso?

Seus olhos se arregalam e sua boca se abre. Você não pode fingir esse tipo de choque.

— O quê? Ai meu Deus, Tessa. Isso é horrível. Eu sinto muito. Eu não fazia ideia.

Entre as mordidas do café da manhã, passo a próxima hora explicando tudo para ela, parando quando ela precisa atender ao telefone e continuando de onde parei quando ela desliga. Quando termino, parece que ela precisa de algo mais forte do que o café que lhe trouxemos.

— Puta merda.

— Meus pensamentos exatamente.

Deixo de fora os detalhes do que está acontecendo entre mim e Dante. Eu não tenho um rótulo para isso.

— O que acontece agora? — Ela pergunta.

— Para começar, acho que é hora de limpar o escritório de Trevor. — Eu me levanto.

— Se você precisar de alguma coisa, apenas grite.

Garanto-lhe que o farei, mas, no momento, só quero ir ao escritório dele e calar a boca de todos. O telefone toca e Katie se levanta para atender. Eu gesticulo em direção ao corredor para o escritório de Trevor, indicando minhas intenções. Então, eu pego minha bolsa e meu café.

Eu torço a maçaneta e entro, fechando a porta atrás de mim. Janelas panorâmicas enormes mostram o horizonte de Chicago. Uma escrivaninha grande fica de frente para as janelas e as prateleiras combinando flanqueiam a parede oposta. Eu me aproximo de sua mesa, coloco meu café e me sento na cadeira de couro de Trevor. Uma foto nossa no

NavyPier está em uma moldura em sua mesa. É a mesma que costumava estar no meu celular.

Lágrimas ardem atrás dos meus olhos, mas eu me recuso a deixá-las cair. Eu levanto da cadeira e caminho até o pequeno armário. Dentro, há uma grande caixa de papel com uma resma deixada nela. Eu coloco o papel na prateleira e volto para a mesa de Trevor. Eu coloco a caixa no chão e coloco a foto dentro, virada para baixo.

Eu começo a vasculhar a mesa de Trevor. Os suprimentos de escritório habituais estão na gaveta de cima. Existem vários arquivos, mas tudo parece relacionado ao trabalho. Não tenho certeza do que espero encontrar, mas quando abro a gaveta de baixo, perco o fôlego. No topo de uma pasta de papel pardo há um envelope de uma loja de revelação instantânea. Com os dedos trêmulos, abro e tiro as fotos.

Minha mão vai para minha boca.

— Oh meu Deus.

Eu procuro semelhanças. Tento encontrar vestígios de Trevor nos olhos azuis que olham para mim. Eu arrasto a ponta do meu dedo sobre o pequeno nariz de botão e mal há tufos de cabelo loiro. Uma dor profunda corta através de mim, abrindo meu peito, e eu cedo às lágrimas, me deixando chorar pela família que deveria ter sido minha, nossa.

Depois de espalhar as fotografias pela superfície de madeira escura, vejo-*a* segurando *seu* garotinho, e é como uma facada direta no coração. Ela parece familiar, mas eu

não sei por que, e é preciso tudo que tenho para não cair de joelhos e me enrolar em uma bola. Eu odeio o jeito que ela está sorrindo para a câmera, quase presunçosa, como se soubesse que um dia, eu encontraria essas fotos. É tão injusto e eu a odeio. Eu hesito entre querer confrontá-la e nunca querer colocar os olhos na cadela.

Eu inspeciono o envelope, procurando por algo que me dê respostas. Na parte de trás, encontro um número de telefone com o nome *Kyndal* rabiscado ao lado dele na caligrafia de Trevor. Eu pego meu celular e olho para a tela em branco por alguns minutos.

Antes que eu perca a coragem, eu desbloqueio meu telefone e disco o número.

Depois de dois toques, uma mulher responde:

— Olá?

Minha boca está tão seca que não posso falar.

— Olá? Tem alguém aí? — Seu sotaque sulista vem através da linha.

— É-oi. — Eu tusso e rapidamente tomo um gole de café. — Olá.Você é Kyndal?

— Sou sim. E posso perguntar quem está ligando?

Eu forço minha voz a ficar calma.

— Tessa. Tessa Salinger.

Eu a deixo assimilar isso por alguns segundos, mas Kyndal fica completamente em silêncio. Eu sei que ela ainda está lá porque posso ouvir sua respiração.

Ela começa a falar e depois para e começa de novo.

— Quem é você?

— A esposa de Trevor, embora eu suponha que a *viúva seja* termo mais preciso. — Eu engulo em seco, odiando o quanto a palavra picada. — E você é ... — Eu dou a ela uma chance para preencher o espaço em branco.

— Bem... — ela diz e depois para.

— Talvez eu possa ajudar. Há algumas palavras que vêm à mente. — *Puta. Prostituta.*

Então, meus olhos pousam nas fotos. *Droga.*

Eu respiro fundo, mas não posso esquecer isso tão fácil.

— Quanto tempo você estava transando com meu marido?

Há um assobio, como o som de água pulverizando, seguido de asfixia, e fico na linha enquanto ela se controla.

— Perdão?

Eu reformulo a pergunta.

— Quanto tempo vocês dois estavam tendo um caso?

— Não estava em andamento, se é isso que você está querendo saber.

— Você sabia que ele era casado, não sabia?

— Sim.

Estou chocada em silêncio. Ela nem tentou negar.

— Tessa, há uma razão para sua ligação, ou você só quer me dizer que pessoa horrível eu sou?

— Na verdade, eu estou ligando sobre o seu filho. — Eu pego uma das fotos e olho para as bochechas rechonchudas de Brandon e sorriso desdentado.

— O que Brandon tem a ver com alguma coisa?

— Tudo. Você é a cadela que fodeu meu marido. Trevor é o bastardo que me traiu. Esse menino é inocente e merece uma chance. Nas próximas semanas, você receberá documentos do meu advogado. Vou criar uma conta no nome de Brandon.

Ela engasga, e quando diz: — Eu não sei o que dizer, — eu ouço o choque em sua voz.

— Você não precisa dizer nada. Eu não estou fazendo isso por você. Eu estou fazendo isso porque é a coisa certa. Se você tiver alguma dúvida, entre em contato com meu advogado.

— Tenho certeza de que não vale nada, especialmente vindo de mim, mas... — ela suspira ao telefone — ele realmente amava você.

— Bem, nada diz *eu te amo* o suficiente como enfiar o pau em outra mulher, não é mesmo? — A linha fica muda por alguns segundos antes de eu lhe fazer a outra pergunta que tem persistido em minha mente: — Kyndal, onde você vive?

— Atlanta.

Uma única palavra é toda a confirmação de que preciso. Eu já sabia e queria estar errada. Trevor estava cheio de arrependimento na noite em que voltou da viagem de negócios a Atlanta. Eu me pergunto se eles estavam juntos durante o tempo que ele esteve lá.

Eu quase pergunto a Kyndal...

Quantas vezes você fodeu meu marido? O que você quer dizer com isso não estava em andamento? Ele te engravidou na primeira vez que vocês fizeram sexo? Ele tinha sentimentos por você ou foi um caso de conveniência?

O ódio queima através de mim. Eu desligo o telefone.

Eu olho em volta do escritório de Trevor, chateada e desejando poder lhe dar um *foda-se* gigante.

34

Dante

Eu entro no meu escritório e fecho a porta atrás de mim. Ontem à noite foi incrível, mas hoje começou uma merda.

Sempre que Tessa fica com aquele olhar perdido em seus olhos, eu sei que ela está pensando em Trevor. Eu não posso lidar com o passado compartilhado deles. As coisas estão se ajeitando; Eu posso sentir isso. Eu só espero que no final disso tudo nós dois ainda estejamos de pé.

Desde que Tessa tinha coisas para fazer, ela vai estar ocupada por um tempo. Isso significa que tenho tempo para me aventurar em uma perseguição virtual.

Eu termino meu café da manhã em três mordidas e me sento na minha mesa, ligando meu computador. Enquanto espero, puxo um bloco de papel da gaveta e começo a fazer uma lista. Quando termino, dou uma olhada por cima. Uma vez que o computador é inicializado, abro o arquivo da Montgomery Industries e, em seguida, rolo até encontrar o que estou procurando. Com o número na minha frente como referência, eu pego o telefone.

— Montgomery Industries, — uma mulher responde sobre a linha.

— Escritório do Sr. Montgomery.

— Um minuto, por favor.

Eu escuto o bipe enquanto espero que alguém atenda.

— Escritório de Clive Montgomery. Eu sou Mabel. Posso ajudá-lo?

— Oi, Mabel. É Dante Salinger.

Mabel tem sessenta e poucos anos, é uma verdadeira dama do sul e completamente apaixonada por mim. É refrescante, considerando que meu irmão era o charmoso.

— Dante? Como você está? Oh meu Deus, fiquei tão triste em ouvir sobre Trevor. Você recebeu as flores que eu mandei? Elas eram da empresa, é claro, mas você sabe que eu lido com essas coisas. Meu pobre homem. Perdendo seu irmão tão jovem. É horrível, eu te digo. É horrível. — O sotaque sulista de Mabel é algo que aprendi a apreciar.

— As flores eram adoráveis. Obrigado. — Eu não tenho ideia de quais flores ela enviou, mas não estou prestes a ferir seus sentimentos. — Mabel, eu tenho algumas perguntas, e esperava que você pudesse me ajudar.

— Absolutamente. Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

— Kyndal ainda está trabalhando para o pai dela?

— Eu realmente não deveria falar sobre a Srta. Kyndal. — Ela abaixa a voz, e eu a imagino olhando em volta para ver se alguém está ao alcance da voz. — Você não ouviu isso de mim, mas ela engravidou.

Mabel faz tudo soar muito escandaloso. Como a Montgomery Industries é a maior distribuidora de DVDs evangélicos nos Estados Unidos continentais, posso ver como

pode ser um conflito de interesses para Clive. Com caras como ele, é tudo sobre aparências.

— Eu estava realmente esperando entrar em contato com ela. Por acaso você teria o número dela? — Se Mabel não tiver, vou inventar uma desculpa para tirar Tessa daqui, então posso procurar no escritório de Trevor antes dela, embora eu duvide que ele tenha sido estúpido o suficiente para deixar o número de sua amante por aí.

— Deixe-me pegar para você. — Eu ouço gavetas abrir e fechar e papéis farfalhar. — Às vezes, eu cuido daquele doce bebê para ela, mas o Sr. Clive não sabe, então vamos manter isso entre nós.

Ela recita o número e eu o anoto no bloco à minha frente.

— Você é a melhor, Mabel.

— Dante, só não vá se misturar com Kyndal. Ela é bonita e tudo, mas é problema. Eu amo aquele bebê, no entanto.

— Ela é problema? Como assim?

— Eu não deveria dizer nada. Senhor perdoe-me; Não é muito cristão fofocar.

— Você pode confiar em mim, Mabel. — Eu me pergunto se ela pode dizer que estou sorrindo através do receptor.

— Você se lembra do Sr. Scott?

— Sim.

O sócio de Clive, Winston, é o vice-presidente da Marshall Industries.

— Bem, eu estava trabalhando até mais tarde uma noite e tinha que deixar a sala de conferência pronta para um grande encontro na manhã seguinte. Quando eu estava me preparando para sair, pensei ter ouvido um barulho vindo do escritório do Sr. Scott, então me aproximei e encostei meu ouvido contra a porta. Foi quando eu os ouvi.

— Quem?

— Kyndal e o Sr. Scott, — ela sussurra ao telefone.

Mabel tem toda a minha atenção.

— O que você ouviu?

— Senhor, a juventude é desperdiçada com os jovens, — ela bufa. — Use sua imaginação, Dante.

— Você quer dizer, Kyndal e Winston estavam...

Eu não vi isso chegando. Winston deve ser pelo menos trinta anos mais velho que Kyndal.

A voz de Mabel fica muito baixa.

— Quero dizer, o Sr. Scott e Kyndal tiveram relações sexuais.

— Você tem certeza?

— Eu realmente não os vi, mas ouvi tapa na pele, e eles estavam grunhindo como duas cabras cheias de tesão.

Apesar do melhor esforço para segurar meu riso, eu falho miseravelmente. Depois de me controlar, pergunto:

— Mabel, lembra quando foi?

— Há pouco mais de um ano, mais ou menos. Não consegui olhar o Sr. Scott nos olhos desde aquela mesma noite.

— Obrigado, Mabel. Você tem sido de uma tremenda ajuda.

— De nada, Dante. Tenha a certeza de manter isso entre nós, você ouviu? E não desapareça.

— Sim, senhora. Cuide-se. — Eu pego a caneta e rabisco no bloco, *Encomende flores e chocolates para Mabel.*

— Tchau-tchau, — ela diz e desliga.

Puta merda Kyndal estava fodendo Winston Scott.

Eu me pergunto se ela estava transando com ele ao mesmo tempo em que fodia com Trevor. Eu me movo na cadeira para me inclinar sobre o teclado e começar a pesquisar na internet por informações sobre a CloverstemLabcor, a empresa que cuidou do teste de paternidade. É uma empresa legítima com sede em Atlanta.

Depois que minhas inúmeras pesquisas não desvendam muito, eu decido continuar amanhã e ir ver como está Tessa. Quando saio do meu escritório, já passou da hora do almoço. Katie está em sua mesa e Tessa não está à vista.

— Tessa ainda está aqui? — Eu pergunto.

Ela me dá um sorriso apertado.

— Sim, ela entrou no escritório de Trevor há um tempo e não saiu.

— Por que você não vai em frente e sai mais cedo? Vamos continuar amanhã e passar o cronograma para as próximas semanas.

Os olhos de Katie voam pelo corredor, e eu sei que ela está preocupada com Tessa.

— Eu vou dizer a ela que te mandei para casa e ela liga para você mais tarde.

Ela se levanta e recolhe suas coisas para sair.

— Dante, se ela precisar de alguma coisa, eu estou aqui.

— Obrigado, Katie. Eu direi a ela.

— Ah, antes que eu esqueça, Josh deve estar aqui amanhã à tarde com seu carro.

— Parece bom. Vejo você amanhã.

Assim que Katie sai, eu desço o corredor até o escritório de Trevor. Quando eu abro a porta, Tessa está de pé, descalça, na frente das janelas com a cabeça esmagada no vidro. Ela se vira quando me ouve fechar a porta.

— Você terminou? — Ela pergunta.

— Sim. — Eu olho em volta e percebo que a mesa de Trevor está limpa, exceto pelo seu computador, e todos os seus pertences pessoais estão em caixas.

— Parece que você esteve ocupada. — Eu aponto para as caixas.

— A maior parte é lixo. — Ela se vira para a janela.

Eu ando por trás dela e deslizo meus braços ao seu redor. Ela deita a cabeça e se inclina para o meu corpo.

— Eu mandei Katie para casa, — eu digo a ela e, em seguida, acrescento: — Já passou da hora do almoço. Está com fome?

— Não por comida. — Seu sorriso reflete no vidro.

— Diga-me, Tessa, você já foi fodida setenta e cinco andares acima da cidade? — Eu sussurro contra sua carne.

— Não. — Ela vira a cabeça para olhar para mim.

Sua resposta me surpreende, mas, novamente, ela não visitava muito o escritório.

— Bem, vamos corrigir isso.

Ontem à noite fiz amor com ela. Hoje eu vou fodê-la.

Eu esfrego meu nariz ao longo de sua pele, inalando seu cheiro.

Ela solta um pequeno gemido. Uma das minhas mãos desliza para a base de sua garganta e, lentamente, beijo meu caminho até seu pescoço, depois por sua mandíbula e pela bochecha. Eu a viro em meus braços, me dando acesso à sua boca, e afundo minha língua, querendo sua entrega.

— Dante, — ela choraminga.

Eu engulo o som enquanto ela segura minha camisa.

Ela se sente tão bem em meus braços.

— Preciso de você, — eu confesso. — Aqui ou no meu escritório?

— Aqui.

— Foda-se sim.

As mãos de Tessa fazem um trabalho rápido, desfazendo os botões da minha camisa e empurrando-a antes de passar para o meu cinto. Eu a quero nua agora mesmo. Eu belisco seu lábio inferior antes de me afastar, e tiro seu vestido preto. Levantando-o por sua cabeça, o jogo no chão.

Eu a viro para ficar de frente para a janela e o corpo dela fica tenso.

— Relaxe, baby, você pode ver, mas eles não podem te ver, — eu falo contra a concha de sua orelha.

Minhas mãos deslizam sobre seu corpo para desabotoar seu sutiã e tirá-la de sua calcinha. Eu aperto um mamilo entre o meu dedo indicador e o polegar.

Ela arqueia as costas, afundando no meu toque.

— Dante, — ela choraminga. — Por favor.

Meus dedos vagam para sua boceta.

— Você gosta disso, não é?

— Sim. Deus, sim.

— Tão molhada para mim. — Eu empurro um dedo dentro de seu calor.

— Ah, — ela geme.

E eu amo o som sabendo que é o meu toque que tira isso dela.

Eu adiciono outro dedo e mergulho mais fundo, fazendo-a se inclinar contra mim.

— Dante, oh Deus.

Eu deslizo uma perna entre as dela e gentilmente afasto sua coxa com meu joelho.

— Espalhe mais para mim, baby.

— Dante, por favor. Por favor, eu preciso.

— Eu adoro quando você implora, — eu digo a ela e puxo meu pau para fora.

Ela me deixa tão duro. Eu pensei em fodê-la assim tantas vezes. Eu esfrego a cabeça inchada do meu pau contra

sua abertura. Uma vez e depois duas vezes. Eu pego minha carteira, tiro uma camisinha e cubro meu pau.

— Não tire as mãos do vidro.

Ela não responde.

— Tessa, responda-me, — eu exijo e dou um aperto nos quadris dela.

— Não tire as mãos do vidro, — ela repete. — Dante, — ela choraminga.

Eu meto dentro dela, amando o jeito que ela se sente ao meu redor. Quente e tão pronta. Eu arrasto meu comprimento contra suas paredes com deliberação meticulosa.

— Calma, baby. — Eu entro nela.

— Ah. — Os sons de Tessa ecoam pelo espaço.

— Foda-se, baby.

Eu dirijo nela de novo e de novo, vendo seu reflexo no vidro enquanto a levo por trás. Ela é linda. Erótico. Eu amo o jeito que seus peitos perfeitos balançam cada vez que bato nela.

— Você está me matando, Tess. — Um braço vai ao redor de sua cintura enquanto uso o polegar da minha outra mão para esfregar círculos sobre seu clitóris.

— Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus, — ela chora.

— Tessa. — Minhas bolas apertam. Eu a sinto começar a contrair ao meu redor.

— Mais. Mais forte, — ela implora, sem fôlego.

Minhas mãos seguram-na e eu empurro nela, duro e profundo. Sua necessidade me estimula, e eu estabeleço um ritmo punitivo.

— Dante, eu estou gozando.

É uma sensação inebriante, observar sua imagem quando ela se despedaça. Suas paredes internas apertam meu pau, e eu sigo logo atrás dela, grunhindo minha liberação. Eu fico enterrado dentro dela, escutando nossas respirações pesadas por vários minutos.

Ela é tão sexy. A maneira como sua pele nua brilha no final da luz da tarde me faz querer fodê-la novamente. Incapaz de resistir à tentação, minha língua se lança para fora, lambendo uma trilha sobre sua pele. Eu beijo meu caminho pela sua espinha e seguro seus quadris enquanto puxo para fora.

Minhas mãos deslizam dos quadris para os ombros. Ela se estica e eu esfrego seus ombros enquanto ela olha para a cidade abaixo.

— Você está bem?

Tessa inclina a cabeça, inclinando-se para o meu toque.

— Nunca foi assim.

— Para mim também. — É a verdade.

Claro, eu transei com outras mulheres. Mas nunca me apaixonei por nenhuma que fodi. Até agora. Eu quero lhe dizer como me sinto sobre ela. Está bem ali, na ponta da minha língua, mas mordo as palavras. Não estou pronto para arriscar sua reação.

Arrepios se levantam sobre a pele de Tessa.

Eu pego o vestido dela e coloco sobre sua cabeça.

— Você vai ficar bem enquanto me limpo?

— Sim, — diz ela, abaixando-se para pegar sua calcinha.

Antes de seus dedos pegarem o material, eu a pego e coloco no meu bolso.

— O que você vai fazer com isso?

Eu pego minha camisa e coloco, mas deixo desabotoada.

— Eu gosto de saber que você está nua para mim. Que posso deslizar seu vestido para cima e afundar um dedo em sua boceta molhada.

O rosto de Tessa fica vermelho. Ela morde o lábio inferior e meu pau se agita para a vida novamente. Meu polegar roça sua boca antes que meus lábios se movam contra os dela. Provocando e provando, sabendo que nunca terei o suficiente. Precisamos sair daqui logo antes que eu esteja enterrado dentro dela novamente.

— Dante, nós estaremos em público. É tão...

— Sexy pra caralho, — eu termino por ela. — Eu te encontro aqui em alguns minutos, e depois vamos jantar mais cedo.

Saio pela porta e vou ao banheiro para tirar o preservativo e lavar as mãos, já querendo estar dentro de Tessa novamente.

35

Jessa

Um pouco mais de uma semana se passou desde que Dante me fodeu no escritório de Trevor. Não há como negar que tenho sentimentos por Dante, mas é tão complicado, e ele é a última pessoa que quero ferir. Eu preciso descobrir onde está meu coração. Não posso fazer isso se estiver na sua cama. É por isso que passei as últimas noites em casa sozinha.

Eu comecei a arrumar o resto do apartamento. Reduzindo a existência física de Trevor para algumas caixas que ficam no canto do closet. Ainda não descobri o que fazer com elas. Eu doei suas roupas e sapatos para um abrigo. As fotos do casamento não ficam mais na estante da sala de estar. Não suporto olhar para elas e lembrar como tudo era perfeito. Essas imagens são garras rasgando a pele coberta de crostas, mas não consigo me livrar delas. Espero que chegue o dia em que possa olhar para uma foto de Trevor e não odiá-lo. Ainda não estou lá e não sei se alguma vez estarei. Dormir no nosso quarto é mais do que eu posso suportar, então passo minhas noites no sofá onde o pesadelo começou.

Eu almocei com meu chefe ontem e renunciei oficialmente à minha posição no Instituto de Arte. Eu podia amar o meu trabalho, mas nós coordenamos mais do que apenas galas e ocasiões sociais. Eu ajudei as noivas a criar

casamentos de sonhos. E feliz para sempre não é algo em que eu acredite, não mais.

Minha vida se tornou uma série de pontos, caixas que precisam ser verificadas antes que eu possa seguir em frente. Lidar com os pertences de Trevor foi apenas o começo. Fui ver meu ginecologista e voltei ao controle de natalidade. Eu também me encontrei com meu advogado, Davis Marshall, para discutir a respeito da pensão do menino. Ele é um velho amigo de Trevor e Dante da faculdade. Quando eu lhe disse que a conta era para o filho de Trevor, ele pegou o cartão de advogado e me avisou que eu não deveria fazê-lo sem a prova de paternidade. Mostrei a Davis os resultados do DNA, e dizer que ele ficou chocado é um eufemismo. Kyndal deve receber os documentos sobre a conta a qualquer momento. Davis também mencionou que Kyndal poderia vir atrás da propriedade de Trevor. Estou preparada para lutar um pouco se ela o fizer, mas espero que isso não aconteça. Eu só quero fazer a coisa certa e tirá-la da minha vida para sempre.

Estou guardando roupa quando ouço meu telefone tocar do outro quarto. Ele para de tocar e, em seguida, começa novamente. O número parece familiar, mas não tem nome, e eu decido responder mesmo assim.

— Olá?

— Tessa? É Kyndal.

— O que posso fazer por você?

— Recebi os documentos sobre a conta e, embora seja muito grata, tenho um pequeno dilema.

Eu agarro o telefone na minha mão, já não estou gostando de onde isso está indo.

— Como assim?

— Trevor e eu não tinhamos um acordo oficial, mas ele pagava pensão alimentícia.

— É por isso que você está me ligando? Você quer dinheiro? — *Essa cadela tem coragem.* — Quanto ele estava te enviando?

— Trevor era muito generoso.

— Quanto, Kyndal? — Há uma mordida no meu tom, e estou ficando sem paciência.

— Vinte.

— Vinte? — Eu quase engasgo. — Como vinte mil por mês?

— Sim. Se isso é um problema para você, fico feliz em discutir isso.

— Você ficará feliz em discutir isso? Não há nada para discutir porquê de jeito nenhum vou te mandar essa quantidade de dinheiro.

— Tessa... tenho certeza que podemos chegar a um acordo entre nós. Eu realmente odiaria envolver meu advogado.

— Não me ameace. — A consciência me atinge como um relâmpago. Acho que acabei de descobrir para onde foi todo o dinheiro que Trevor roubou da S & S.

Se o arranjo não era oficial, por que diabos ele estava pagando tanto? Parece mais do que extremo para uma criança.

— Interprete como quiser, mas não tenho certeza se você sabe com quem está lidando. — Seu tom é ameaçador.

Eu terminei com esta conversa.

Eu desligo o telefone.

Kyndal Montgomery tem bolas, eu admitirei isso, mas as minhas são maiores e ela não quer foder comigo.

36

Jessa

Eu examino as roupas penduradas no meu armário e escolho um vestido branco sem mangas para usar para almoçar com Dante mais tarde hoje. Eu não disse nada a ele sobre o telefonema de Kyndal ontem, mas pretendo contar a ele hoje no almoço. Depois de colocar o vestido na cama, olho para o relógio e percebo que há tempo para matar antes de precisar me arrumar. Há algumas coisas de Trevor que eu ainda preciso verificar. A mesa de cabeceira chama minha atenção, então eu decido começar por aí.

Quando abro a gaveta, meus olhos pousam em seu celular. Eu esqueci que estava lá. Eu ligo e, assim que a tela inicial carrega, eu insiro a senha. A primeira coisa que faço é verificar as mensagens de texto antigas de Trevor, e fico aliviada quando não há nenhuma de Kyndal. Eu me pergunto se Trevor tinha um telefone descartável, então poderia manter contato com ela, mas descarto a ideia com a mesma rapidez. Depois de passar pelo registro de chamadas de Trevor, ouço suas mensagens de correio de voz.

— Sr.Salinger, aqui é Tracy na WestbrookUrology. O Dr. Hunt gostaria que ligasse para o consultório o mais cedo possível.

A mais recente me confunde muito, e é do dia antes de Trevor morrer. Eu reproduzo a mensagem três vezes

enquanto procuro por uma caneta e papel para anotar o número. Quando desligo, olho para o telefone de Trevor, estupefata. Eu não entendo porque ele foi ao urologista sem me dizer. Nós conversávamos sobre as coisas. Pelo menos, achei que fizéssemos.

Disquei o número e esperei alguém atender.

— WestbrookUrology, — uma voz feminina soa.

— Olá, sou Tessa Salinger. Meu marido, Trevor, era um paciente do Dr. Hunt. Alguém chamado Tracy ligou e deixou uma mensagem para ligar para o consultório.

— Se você esperar apenas um minuto, verei se Tracy está disponível.

Ela me coloca em espera e ouço música de elevador horrível até que ela atenda novamente.

— Sra. Salinger, se você se mantiver a linha, Tracy logo a atenderá.

— Obrigada. — Eu mastigo minha unha enquanto espero.

— Olá, sra. Salinger. Sou Tracy, enfermeira do Dr. Hunt. Como posso ajudá-la?

— Sim, bem... eu queria saber se você poderia me dizer por que Trevor estava vendo o Dr. Hunt.

— Eu não tenho liberdade para discutir as informações médicas de um paciente.

— Eu entendo, mas Trevor morreu há pouco mais de quatro meses e só descobri sua mensagem hoje. Você não

pode simplesmente me dizer porque ele estava vendo o médico?

— Sinto muito pela sua perda. Deixe-me ver se você está em sua lista de liberação, ok? Você pode me esperar?

— Claro. Muito obrigada.

Alguns minutos depois, Tracy volta na linha.

— Sra.Salinger, não sei como dizer isso, mas você não está listada como alguém com quem podemos compartilhar as informações médicas de Trevor.

— Deve haver algum engano. — *Como eu não estou listada?* — Eu sou sua esposa.

— Eu realmente sinto muito. Você poderia falar com um advogado, mas minhas mãos estão amarradas. Mesmo se você estivesse na lista, precisaria vir pessoalmente e mostrar uma forma de identificação.

— Obrigada. Eu vou entrar em contato, — eu digo e desligo o telefone.

Isso não faz sentido. Não só não consigo entender por que ele estava vendo um urologista, mas também não entendo por que ele não queria que eu soubesse.

Talvez Dante saiba alguma coisa. Em vez de encontrá-lo na lanchonete da S & S, decido sair mais cedo e encontrá-lo no escritório. Eu coloco o vestido que descartei na cama mais cedo e passo uma escova no meu cabelo. Depois que uso maquiagem suficiente para estar apresentável, pego o resto das minhas coisas e saio pela porta para ir ao escritório de Dante.

Katie está ao telefone quando eu entro. Eu aceno enquanto passo por ela, a caminho do escritório de Dante.

Eu bato levemente na porta do escritório dele.

— Dante?

— Entre.

— Ei, você tem um minuto?

Dante olha para cima de seu computador e um sorriso se espalha por seu rosto.

— Eu tenho tanto tempo quanto você precisar.

Ele se levanta e caminha na minha direção. Quando ele está ao alcance do braço, ele me puxa para um abraço. Ficamos ali, abraçados por vários minutos.

— Eu senti sua falta, Tessa.

— Eu também senti sua falta.

Ele coloca um ou dois centímetros entre nós e inclina meu rosto para olhar para ele.

— Você está bonita.

— Obrigada. — A atração de seus lábios é difícil de negar, então me inclino e o beijo. Quando ele tenta aprofundar o beijo, eu recuo. — Precisamos conversar. — Eu me acomodo na cadeira em frente a sua mesa.

Linhas de preocupação gravam sua testa.

— O que está acontecendo?

Espero que Dante se sente antes de informar tudo, a conta, o telefonema de Kyndal e a mensagem do urologista.

Dante olha para mim com curiosidade.

— Você não sabe por que ele estava vendo um urologista?

— Não. Quando conversei com meu ginecologista, ele disse que era normal que casais saudáveis levassem um ano para engravidar. Não tínhamos motivo para preocupação, por isso não fazia sentido fazer nenhum teste. Eu nem sei se é por isso que ele estava indo.

— Tessa... eu não estou convencido de que o garoto pertence à Trevor. Eu não lhe disse por que você teria chegado à conclusão de que eu estava de alguma forma defendendo o que ele fez.

— Você deveria ter dito alguma coisa.

— Eu gostaria que você tivesse falado comigo antes de criar a conta, — ele me diz.

Eu sinto imediatamente a necessidade de defender a minha decisão.

— Primeiro, é a coisa certa a fazer e, na época, eu não tinha motivos para achar que Brandon não era dele. Em segundo lugar, não sei por que eu teria falado com você porque não é da sua conta. — Há uma margem no meu tom, mas Dante está cruzando uma linha.

Dante se inclina para frente, os cotovelos sobre a mesa e a mandíbula endurecida, mas ele não diz nada.

Eu suavizo meu tom.

— Se você tivesse compartilhado suas dúvidas há alguns dias, eu teria pensado que você era louco. Eu encontrei fotos de Brandon no escritório de Trevor, e eles se

parecem muito. — Eu olho para o teto e solto um suspiro. — Eu admito, agora, que estou desconfiada, especialmente depois de descobrir que Trevor estava enviando vinte mil dólares por mês para pensão alimentícia. Eu não sei muito sobre esse tipo de coisa, mas parece ridículo. É muito difícil forjar um teste de paternidade, Dante.

— Qual é o nome do consultório do urologista?

— WestbrookUrology.

— Espere. Eu tenho uma ideia. — Ele pega o celular, disca um número e depois se senta na cadeira. — Oi, Madison. É Dante Salinger. — Sua voz é suave e profunda. — Eu preciso de um favor.

Ele ouve a resposta dela, e o que quer que ela diga deve ser engraçado porque ele ri. Dante explica que ele precisa dela para examinar os registros médicos de Trevor.

Eu ouço atentamente a conversa deles. Dante não flerta com ela no mínimo; ele é amigável.

Quando Dante desliga, seus olhos encontram os meus.

— Madison Parker é uma velha amiga e também é parceira da Westbrook, — ele explica.

A partir da inflexão de seu tom, percebo o tipo de amiga que ela era.

— Ah, eu vejo.

— Ela era médica residente e muito ocupada para um relacionamento.

— Dante, não há necessidade de se explicar. — Eu não estou chateada. Não tenho o direito de estar. Na época, eu era

casada com Trevor e estava ciente do status de prostituto de Dante. — Madison pode nos ajudar?

— Ela concordou em olhar seus registros e me ligar.

— Eu não entendo porque Trevor escondeu algo assim de mim. Toda vez que penso que não pode haver mais segredos, tropeço em outra coisa.

— Nós vamos resolver isso. Madison disse que me ligaria em um dia ou dois. — Dante se levanta e dá a volta na mesa. Ele está na minha frente e se inclina contra a madeira escura.

— Dante, por que você acha que o bebê não é de Trevor? — Eu percebo que ele nunca me disse.

— Eu estou com fome. Que tal irmos almoçar e eu te conto?

— OK, claro.

— Ótimo. Deixe-me terminar aqui e depois iremos, — diz ele, em pé.

— Eu vou falar com Katie. Vou esperar por você no saguão.

Dante pega a minha mão e me puxa para os meus pés.

— Eu não vou demorar. — Ele dá um beijo casto nos meus lábios.

— Sem pressa. — Eu solto a mão dele e saio para ver Katie.

Surpreendentemente, não há uma multidão no restaurante quando chegamos. Depois de fazermos nosso pedido, encontramos uma mesa tranquila no canto perto de uma das grandes janelas. Eu pego minha salada e espero Dante me dizer por que tem dúvidas, mas ele está preocupado com seu sanduíche de rosbife.

Quando ele percebe que eu mal toquei na minha comida, ele aponta para o meu prato e diz:

— Coma.

Eu dou algumas mordidas para apaziguá-lo.

— Pronto. Agora, me diga o que você acha que está acontecendo.

Dante passa os próximos minutos me contando sobre Mabel e sua conversa.

— E se Trevor tivesse dúvidas sobre a veracidade do teste de paternidade?

Cética, levanto uma sobrancelha, mas ele não me dá a chance de interromper.

— Eu não tenho certeza de quantos meses o garoto tem, mas e se ela estivesse dormindo com Winston Scott na mesma época em que dormiu com Trevor?

— Isso é uma teoria e tanto.

Mas, em algum lugar na parte de trás da minha cabeça, eu me pergunto se ele está certo. E, se estiver, como diabos podemos provar isso?

37
Dante

Eu olho para Tessa do outro lado da mesa e quase vejo as rodas girando em sua cabeça.

— Dê a Madison tempo para nos contatar, e depois partimos daí.

Os vinte mil levantam algumas bandeiras vermelhas. É provável que Kyndal estivesse chantageando Trevor, e se ele não queria que Tessa soubesse de seu caso, então não teve outra opção a não ser pagar. Mantenho o pensamento para mim por enquanto, mas pretendo ver se há uma conexão entre Kyndal e o centro de testes. Eu não encontrei nada ainda, mas talvez não estivesse procurando no lugar certo.

— Eu não acho que tenho outra escolha. — Tessa dá uma mordida na comida.

— Nós vamos chegar ao fundo disso. — Eu limpo minhas mãos em um guardanapo, deixo cair sobre a mesa, e cruzo os braços sobre o peito, fixando meus olhos em Tessa.

— O quê? — Tessa pergunta, olhando para cima de seu prato.

— Você tem estado um pouco distante.

Ela engole em seco e levanta a água até a boca. Lábios cor-de-rosa rechonchudos pressionam a borda do vidro, marcando a superfície com brilho. O que eu não daria para tê-los em volta do meu pau.

Já faz algumas noites desde que estive dentro dela, mas é tudo que eu penso. Eu nunca tive uma personalidade viciante, mas me vejo viciado em Tessa. Eu amo sua boca inteligente e seu corpo perfeito, e essa boceta é a coisa mais doce que eu já provei. Meu pau endurece nas minhas calças.

— Eu sei. Tenho tentado cuidar de algumas coisas que venho adiando.

— Justo. Venha para casa comigo esta noite. Eu posso distraí-la. — Eu pisco para ela.

— Dante... — Ela está em conflito. Mostra em sua expressão, mas espero que ela continue. — Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Se importa em elaborar?

— Tudo agora é tão complicado. — Ela olha para a mesa antes de encontrar meus olhos, mas ela não acrescenta nada.

— Estamos fazendo complicado há um tempo agora. Vamos lá. Vamos assistir a um filme e eu farei o jantar.

— Você vai cozinhar para mim? Nada de comida comprada ou pizza?

— Um dia desses, seus comentários atrevidos vão te deixar em apuros. — Eu sorrio.

— Tudo certo. Eu te encontro em sua casa por volta das oito. Isso funciona?

— Perfeito. — Eu olho para o meu relógio e percebo que é mais tarde do que eu pensava. — Eu preciso voltar para o escritório. Tenho algumas entrevistas para ocupar a posição de Trevor esta tarde.

— Eu voltarei com você. Precisa que eu pegue qualquer coisa no mercado, ou você tem tudo o que precisa para o jantar?

— Só apareça, e eu vou lidar com tudo.

Nós caminhamos de volta para o meu escritório, e eu a beijo e me despeço no nível do subsolo, para que ela possa pegar seu carro na garagem.



Estou na cozinha, dando os toques finais no jantar, quando há uma batida na porta. Eu lavo minhas mãos e, em seguida, abro a porta para encontrar Tessa de pé do outro lado. Ela está vestida com uma camisa azul e um jeans preto que abraça perfeitamente suas curvas. Seu cabelo loiro-mel corre em cascata sobre os ombros, e eu coloco uma mecha atrás de sua orelha. Então, me inclino e a provoco com um beijo.

— Entre. Espero que você esteja com fome. — Eu me afasto, para que ela possa entrar.

— Estou faminta.

Entramos na cozinha, onde eu sirvo uma taça de vinho para Tessa e termino a minha. Ela se senta à mesa e eu faço um prato, colocando na frente dela antes de fazer o meu.

Sento-me à mesa e levanto o meu copo.

— A uma noite descomplicada.

Tessa bate o copo contra o meu.

— Saúde. — Ela toma um gole de vinho. — Você contratou alguém hoje?

— Não, mas há mais algumas entrevistas planejadas para amanhã. — Eu engulo e coloco meu garfo no prato.

— Isso é bom.

— Já jogou vinte perguntas? — Pergunto-lhe do nada.

— Claro. — Então, ela ri. — Entendi; esta é sua tentativa de manter as coisas simples.

— Algo parecido.

Apenas observando-a ao longo dos anos, aprendi muito sobre Tessa. Mas eu quero saber tudo.

— Tudo bem, vamos jogar. Você vai primeiro.

— Quantos anos você tinha na primeira vez que fez sexo?

Ela começa a engasgar com o vinho.

— Você está indo para isto, huh? Você não deveria me perguntar a minha cor favorita ou algo assim?

— Não. Além disso, é azul.

— Bem. Dezenove. Minha vez. Mesma questão. Quantos anos você tinha?

— Dezesseis.

— Eu pensei que você fosse mais jovem.

— O nome dela era Serena.

— Estou impressionado que você se lembra.

— Tudo bem, espertinha, qual é a sua posição favorita? — Eu amo como seu rosto fica vermelho.

— Você quer dizer, sexualmente?

— Sim. — Eu enfio meu garfo no último pedaço de bife.

— Qualquer posição que funcione, — ela dispara de volta.

Seu comentário faz meus olhos se arregalarem.

— Você terminou? — De pé, ela segura seu prato em uma mão e espera que eu responda.

— Sim, mas vou limpar depois.

— Você fez o jantar, então vou ajudar com a limpeza. — Ela pega os pratos e caminha até a pia, colocando-os no balcão antes de ligar a água.

Não consigo tirar os olhos de sua bunda, e de jeito nenhum vou durar mais um minuto sem colocar minhas mãos nela, especialmente depois do que ela acabou de dizer. Eu me aproximo e pressiono meu corpo contra o dela. Afastando seu cabelo para o lado, exponho seu pescoço e deixo meus lábios cair em sua pele nua. Seu cabelo cheira a amêndoas torradas e sua pele tem gosto de mel.

— Dante.

— Mmhmm? — Eu chupo a pele na base do pescoço logo acima da clavícula.

Ela arqueia contra mim, esticando o braço em volta do meu pescoço e empurrando seus seios para fora. Minhas mãos mergulham sob a bainha de sua camisa. Patinando sobre sua pele, meus dedos roçam os bojos de renda de seu sutiã, e eu deslizo minhas mãos no material e sinto seus mamilos endurecerem sob o meu toque. Um gemido escapa de seus lábios e meu pau fica rígido, pressionando meu zíper.

Eu trilho um dedo sobre sua barriga e o coloco em seu jeans. Ela abre as pernas para mim e eu deslizo meu dedo contra sua boceta molhada. Eu não posso esperar mais para ter minha boca nela. Eu retiro minha mão de sua calça e a conduzo de volta para a mesa. Metodicamente, eu a dispo de seu jean e calcinha.

Eu vejo o fogo em seus olhos, e posso dizer que ela quer isso tanto quanto eu, mas preciso ter certeza.

— Tess?

— Mmhmm?

— Tudo bem? Não é muito complicado? — Eu uso a palavra dela mais cedo.

— Sim. — Sua resposta é ofegante e carente.

— Bom. — Eu a pego e a coloco em cima da mesa. Então, eu me sento na cadeira. — Aqui, coloque seus pés em minhas pernas. — Eu aperto seus tornozelos e abro minhas pernas, o que espalha as dela. Eu solto seus tornozelos e aperto sua bunda, puxando-a para frente. Eu mergulho minha boca em sua boceta e lambo lentamente seu centro. Continuo lentamente usando a ponta da minha língua para provocar seu clitóris.

— Dante, — ela geme.

Meu nome em seus lábios me empurra dentro dela.

As costas de Tessa arqueiam e suas palavras se tornam incoerentes quando seu orgasmo toma conta, a doçura cobrindo minha língua.



38

Dante

Eu passei horas na noite passada enterrado dentro de Tessa. É onde eu quero passar todas as noites.

Tessa ainda está dormindo quando saio para o trabalho, então escrevo uma nota para ela e coloco no travesseiro. Eu quase disse a ela mil vezes que a amo e há quanto tempo estou apaixonado por ela, mas recuei. Eu quero fazer mais do que possuir seu corpo ou ser a razão por trás dos gemidos que saem de seus lábios. Eu quero possuir seu coração, e não consigo me livrar da sensação de que a estou perdendo. Ela tem o poder de me destruir. De me deixar de joelhos. E, no fundo, sei que ela vai.

Quando saio pela porta para ir trabalhar, meu telefone toca.

— Olá? — Eu digo no receptor.

— Dante, oi. É Madison.

— Eu não esperava ouvir de você tão cedo.

— Eu tive algum tempo ontem depois que nos falamos, então examinei o arquivo de Trevor. Eu gostaria de conversar com a Tessa pessoalmente. Você acha que podem me encontrar?

Eu mentalmente analiso meu dia.

— Você pode nos encontrar às três horas?

— Sim. Que tal nos encontrarmos no Millennium Park nas mesas em frente ao The Bean?

— Parece bom. Obrigado, Madison.

Depois que eu desligo o telefone, mando um texto para Tessa para combinar nosso encontro com Madison.



Eu encontro Tessa no saguão principal do meu prédio. Ela parece ansiosa, e quero colocar sua mente à vontade, mas não tenho certeza do que dizer. Então, eu a cumprimento com um sorriso. Eu a puxo para um abraço e deixo um beijo no topo de sua cabeça. Ela está perdida em pensamentos enquanto caminhamos os dez quarteirões até o parque sem dizer muito.

Está lotado de turistas, mas vejo Madison quase imediatamente. Sua constituição magra e cabelos negros retos se destacam entre a multidão de pessoas.

— Lá está ela, — eu digo, voltando-me para Tessa.

Ela segue meu dedo com os olhos.

— Ela é linda.

Tessa está certa; ela está tão linda como sempre. Quando estamos a poucos metros, eu chamo Madison.

Ela vira a cabeça e sorri quando seus olhos pousam em nós. Madison se aproxima e estende a mão para Tessa.

— Oi. Você deve ser Tessa. Eu sou Madison Parker.

Tessa devolve o aperto de mão.

— Prazer em conhecê-la, Madison. Muito obrigada pela sua ajuda.

Madison me dá um abraço rápido antes de gesticular para uma mesa longe da multidão.

— Vamos nos sentar?

Nós a seguimos e nos sentamos à mesa de piquenique de metal.

Madison senta em frente a nós e tira um caderno da bolsa. Ela abre a boca e fala baixo:

— Se você quiser uma cópia dos registros de Trevor, terá que passar por seu advogado. Eu não queria arriscar meu trabalho fazendo uma fotocópia, então anotei as informações pertinentes do prontuário dele.

— Eu aprecio isso mais do que você imagina. Por que Trevor deveria ligar para o Dr. Hunt? — Tessa pergunta.

— Trevor veio para testes de fertilidade. — Madison olha para Tessa. — Eu entendo que vocês dois estavam tentando engravidar?

— Bem, sim, mas não estávamos com pressa. — A testa de Tessa se contrai.

— Tessa, quando Trevor era mais jovem, ele teve algo chamado torção testicular. Ele mencionou isso para você?

— Não, — Tessa responde. — O que é isso?

— É quando o testículo gira em torno do cordão que leva sangue ao escroto. Aconteceu quando Trevor estava no início da adolescência. É muito grave e extremamente doloroso e requer cirurgia. O procedimento deve ser realizado dentro de

horas após o início para salvar o testículo. Trevor fez a cirurgia a tempo, e sua capacidade de ter filhos não deveria ter sido afetada, uma vez que eles conseguiram salvá-la.

Instintivamente, minha mão começa a baixar para as minhas bolas até que eu me lembro de que estamos em um lugar público, e provavelmente seria desaprovado.

Tessa se vira para mim.

— Você não sabia sobre isso?

— Não. Nós não fomos criados juntos. — Eu estou tão confuso com a notícia quanto ela, mas, novamente, caras geralmente não saem por aí se gabando de ferimentos envolvendo seu pau.

— Eu ainda não entendi. Se a coisa de torção não era um problema, por que ele estava se consultando? — Tessa pergunta.

Madison olha para o caderno. — De acordo com o prontuário do seu marido, a preocupação dele era com a infertilidade secundária. Parece que ele foi pai do primeiro filho usando preservativo, mas estava demorando a conceber o segundo filho. — Ela fecha o caderno e olha para Tessa. — Depois de vários testes preliminares, nossas descobertas determinaram que Trevor tinha uma contagem de esperma extremamente baixa. — Madison olha para longe. — Eu não sei como te dizer isso, mas é muito improvável que Trevor tenha tido um filho sem algum tipo de intervenção, muito menos usando uma forma de controle de natalidade.

— Espere, — eu falo, direcionando a pergunta para Madison. — Então, você está dizendo que teria sido quase impossível para ele engravidar alguém?

— Está correto. Sem intervenção médica, é improvável.

— Como você sabe que ele usou camisinha? — Tessa pergunta.

— Trevor disse ao Dr. Hunt; está em suas anotações, — explica Madison.

Tessa está em silêncio enquanto Madison olha para o relógio.

— Não tenho certeza que tipo de respostas você estava procurando, e espero ter ajudado, mas tenho outro compromisso.

Ela anda ao redor da mesa e eu fico em pé.

Tessa está olhando para o espaço, então eu a cutuco para chamar sua atenção. Ela desliza os pés debaixo da mesa, levantando-se para enfrentar Madison.

— Tessa, foi um prazer conhecê-la. Não é preciso dizer, mas vou dizer mesmo assim. — Madison se inclina e abaixa a voz. — Quebrei várias leis ao compartilhar essa informação e, se alguém descobrisse, perderia minha licença para praticar medicina. É importante que você não diga nada a ninguém.

— Eu sei que foi arriscado e você se colocou na linha. Eu prometo a você, não vamos dizer nada, — Tessa diz a ela.

Eu abraço Madison.

— Seu segredo está seguro. Obrigado por tudo.

— De nada, — diz ela.

Eu a vejo sair e então me volto para Tessa.

— Você está...

Ela levanta a mão, me cortando.

— Eu vou embora. Eu preciso processar tudo.

— Fale comigo. Não vá embora.

— Dante, eu não posso fazer isso agora.

— Não pode fazer o quê? Falar comigo? — Entro em seu espaço.

Ela tenta dar um passo para trás, mas eu coloco um braço em volta de sua cintura.

Eu diminuo minha voz porque não quero chamar a atenção da multidão.

— Pare de fugir.

— Eu não estou. Eu apenas preciso de...

— Espaço. — A tensão me agarra, e eu a solto.

Desta vez, sou eu quem vai embora, mas antes de dar dois passos, ela diz meu nome:

— Dante.

Eu paro, mas não me viro para encará-la. Sua sombra se move no chão, aproximando-se. Eu a sinto ao meu lado e olho para ela.

— Eu só preciso de um pouco de tempo. Eu sinto como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. — Ela pega minha mão e se move na minha frente.

É óbvio que Trevor achava que ele tinha muito tempo. Ele suspeitava que o garoto não era dele, e estava apenas esperando para ser capaz de provar isso. Eu gostaria que ele

tivesse me procurado porque, depois de bater nele por trair sua esposa, eu teria ajudado a encontrar uma solução. O relógio não diminui a velocidade para ninguém. Se perder meu irmão me ensinou uma coisa, é que você não desperdiça os minutos que você tem.

— Tempo? — Eu puxo minha mão para longe e alcanço a minha nuca, virando minha cabeça para o céu antes de deixar cair o meu olhar para o dela. — Cinco anos. Que tal isso como tempo?

Uma expressão desnorteada passa por seu rosto.

— Do que você está falando?

Eu levanto a mão dela e coloco no meu peito.

— Deixe-me te mostrar.

39
Tessa

Dante coloca minha mão sobre o coração dele.

Thump.

Thump.

Thump.

Thump.

O mundo ao nosso redor desaparece e o ar entre nós muda. A tensão fica mais espessa. Eu prendo a respiração, esperando que ele fale, e me preparo para o impacto.

— Cinco anos. — Seus olhos perfuraram os meus. — Isso é quanto tempo estive apaixonado por você.

— Dante. — Eu olho para ele em descrença.

Cinco anos? Ele está apaixonado por mim desde a primeira vez que nos encontramos?

Ele coloca um dedo sobre meus lábios.

— A primeira vez que coloquei os olhos em você, sabia que te queria, e quanto mais tempo passava ao seu redor, mais me apaixonava. — Ele exala, e eu o inspiro. — Eu tentei tanto não te amar Tessa. Porque você não era minha. Eu tentei me perder em outras mulheres, mas nenhuma delas se comparava a você. — Ele olha para mim com tanta intensidade. — Você pertencia ao meu irmão e, de muitas maneiras, ainda o faz.

Eu quero negar a afirmação de Dante. Dizer-lhe que Trevor não tem mais controle sobre mim. Mas eu não posso. Há muitas pontas soltas, tantas que não estão resolvidas, especialmente agora com todas as coisas que vieram à luz.

Suas mãos se movem para segurar minhas bochechas e ele abaixa seus lábios nos meus. Eu não posso evitar pressionar nele. Sua dor está lá em cada movimento lento de sua língua contra a minha. Agonia, tristeza e arrependimento, eu provo tudo isso. Minha mão ainda está descansando em seu peito sobre seu coração, e se eu não soubesse melhor, juraria que podia senti-lo quebrando sob minha palma.

Ele cheira a uma mistura de bergamota, madeira de teca e suor. Eu o respiro e o beijo de volta, saboreando seus lábios macios que contrastam com sua barba por fazer quando escova minha pele macia.

Muito cedo, Dante afasta a boca. Sua testa pressiona a minha, e suas palavras são suaves e baixas.

— Continuamos andando em círculos, Tess. A única vez que somos só nós dois é quando estou dentro de você. Mas eu quero mais do que o seu prazer. Eu preciso ter o seu maldito coração, e até que você possa me dar isso... Não posso continuar fazendo isso, indo de um lado para o outro.

Lágrimas picam meus olhos quando ele se afasta de mim.

— Dante... — Eu quero discutir com ele. Para me desculpar, mas pelo que, não tenho certeza. Eu não quero perdê-lo.

— Eu preciso voltar para o escritório, — diz ele, me cortando e passando por mim.

Observá-lo se afastar dói, e o lugar vazio em meu peito dói, o que parece impossível porque meu coração parou de bater a muito tempo. Eu quero tanto ir atrás de Dante, mas até que eu resolva tudo, não faz sentido. Ele quer algo mais do que sou capaz de dar, e não posso suportar o pensamento de machucá-lo.

Meu carro está estacionado na garagem do escritório de Dante, e preciso ir buscá-lo. Eu mantenho minha distância enquanto atravesso a calçada lotada. O barulho do semáforo soa acima, e as buzinas dos carros apressam os pedestres que tentam atravessar antes da luz. Eu procuro por Dante no mar de pessoas, mas ele está perdido na multidão de turistas casualmente vestidos e homens de negócios.



As palavras de Madison soam nos meus ouvidos enquanto passo pela porta do meu apartamento. Eu continuo voltando para a mesma conclusão. Trevor devia suspeitar que Brandon não era seu filho; é a única coisa que faz sentido. Dadas as exigências de Kyndal por dinheiro, parece que ela está completamente inconsciente de que Trevor pensava o contrário. O baralho parece empilhado a meu favor. Há

apenas uma maneira de lidar com uma mulher como ela e pretendo fazê-lo cara a cara.

Hoje foi um dia infernal, e espero que um longo banho quente e um copo de vinho aliviem um pouco da tensão entre minhas omoplatas. Entro no banheiro, ligo a água e deixo a banheira encher. Depois que esguicho gel e banho de espuma com cheiro de amêndoa na água quente, vou até a cozinha para servir um copo de chardonnay de pêssego. Então, volto para o banheiro. Enquanto tiro minhas roupas e me acomodo na banheira, começo a elaborar um plano sobre como lidar com Kyndal.

40

Dante

Eu não aguentei ver Tessa recuar mais uma vez, então revidei.

Por um tempo, me convenci de que ficaria feliz com os pedaços que ela estava disposta a me dar. Todas as noites em que ela adormeceu em meus braços, cabelos caindo sobre meu peito, eu fingi que ela não estava me usando para esquecer. E, por melhor que sua boceta pareça ao redor do meu pau, tanto quanto amo ouvi-la gritar meu nome quando um orgasmo rasga através dela... não é o suficiente. Não mais.

Tessa possui tudo de mim e o faz por anos, e pelo menos agora, ela sabe. Ela passou pelo inferno e as notícias que Madison compartilhou hoje foram apenas mais um golpe. Tessa não tem espaço para mim no caos, mas quando ela estiver pronta, seja cinco meses ou cinco anos, estarei aqui, esperando, porque ela foi feita para mim.

No momento em que volto ao meu escritório, Katie encerrou o expediente e estou aliviado por estar sozinho. Precisando de uma distração, me sento a minha mesa e abro o computador.

Pelo que Madison disse, Trevor deve ter suspeitado que Brandon não era dele. Ainda não descobri uma ligação entre Kyndal e o CloverstemLabcor. É quase impossível falsificar os

resultados de paternidade, mas talvez eu não esteja olhando do ângulo certo.

Horas depois, finalmente consigo conectar os pontos entre o centro de testes e Kyndal. Se eu não estivesse vendo com meus próprios olhos, não acreditaria. Eu olho para o sobrenome do ex-funcionário. Ela provavelmente estava fodendo os três ao mesmo tempo.

— Puta merda, — eu digo em voz alta.

Clico com o botão direito do mouse e imprimo a imagem. Quando estou em pé, meu telefone toca, então em vez de ir até a impressora, sento-me e olho para onde ele está na minha mesa. O nome e o número de Tessa iluminam a tela. Eu fico olhando para o telefone por vários segundos antes de responder. Eu ia ligar para ela de qualquer maneira.

— Olá?

— Ei, sou eu, — ela diz suavemente.

— Você vai ficar acordada por um tempo?

— Sim. Por quê?

— Eu preciso falar com você.

— Estou tão feliz em ouvir você dizer isso. Eu pensei que depois...

— Tessa... não é assim. Tenho algo para você e preciso explicar o que descobri.

— Oh. — Sua voz diminui.

— Eu te vejo em breve, — eu digo, desligando o telefone.

Depois de pegar os documentos na impressora, volto para minha escrivaninha, abro uma gaveta e tiro o arquivo

que passei várias semanas compilando. Eu fecho tudo e tranco o escritório. Quando chego lá embaixo, chamo um táxi para o prédio de Tessa.

Theo está no saguão quando atravesso as portas de vidro.

— Boa noite, Dante.

— Olá, Theo, — eu o cumprimento no caminho para os elevadores.

Tessa deveria estar olhado pelo olho mágico porque a porta se abre antes de eu levantar a mão para bater.

Ela sai do caminho para eu entrar.

— Você quer uma xícara de café?

— Eu adoraria.

Eu sinto a tensão na sala, e se ela sente também, não comenta.

Ela vai até a cozinha e eu abro o envelope para remover o conteúdo. Eu espalho algumas coisas e espero Tessa voltar, para que poder explicar.

Alguns minutos depois, ela retorna com duas canecas e segura uma para mim.

— Obrigado.

— O que é tudo isso? — Ela aponta para a mesa de café e se senta na extremidade oposta do sofá.

— Esta é a informação que eu recolhi sobre Kyndal. — Eu me inclino para frente, meus cotovelos sobre meus joelhos. — Eu conheci Kyndal cerca de dois anos e meio atrás em um evento de véspera de Ano Novo em Atlanta.

— Por que você não me disse que a conhecia?

— Eu não a conheço. Eu a encontrei brevemente em um evento organizado pela Montgomery Industries. Ela estava no quadro...

Antes que eu possa continuar, Tessa pergunta, indignada:

— Você dormiu com ela?

Que porra é essa?

— De jeito nenhum. De onde vem isso?

— Eu não sei. Eu não acho que poderia lidar com isso se você tivesse dormido com ela também, mesmo que isso tenha acontecido no passado.

— Tessa, eu a vi por literalmente cinco minutos. Eu apertei a mão dela, e isso foi tudo. — Eu pego a foto e coloco na mesa de café na frente de Tessa.

— Quem é esse? — Ela estuda a foto.

— Este é Brady Scott. O filho mais velho e distante de Winston. Quer tentar adivinhar onde ele costumava trabalhar? — Eu vejo o rosto dela por qualquer sinal de que ela está juntando as coisas. — Ele era funcionário de nada menos que a CloverstemLabcor. A empresa que Kyndal pediu a Trevor que fizesse o teste de paternidade.

Ela continua olhando para a foto.

— Ele tem cabelos loiros e olhos azuis... assim como Brandon.

Tessa se levanta e começa a andar pela sala.

— Isso foi como ela falsificou os resultados do teste. — Tessa para no meio da sala. — Mas por quê?

— Eu não sei.

— O que acontece agora?

— Eu acho que é com você. — Eu pego meu café e tomo a bebida.

O fogo queima atrás dos olhos dela. Ela está chateada.

— Eu quero confrontá-la.

— Eu não culpo você.

Tessa começa a andar de novo enquanto distraidamente puxa seu lábio inferior.

— Eu tenho uma ideia. — Ela se aproxima e se senta na extremidade oposta do sofá. — Você vai me ajudar?

— Ainda somos amigos, Tessa. Você deveria saber, não há nada que eu não faria por você.

Pelos próximos vinte minutos, eu escuto Tessa me dizer seu plano. E eu tenho que dar crédito a ela; é muito bom.

— Deixe-me saber quando você aprontar tudo. — Eu me levanto para sair.

Ela me segue até a porta.

— Dante?

Eu me viro para encará-la e a puxo para o meu peito. Eu firmemente envolvo meus braços ao redor dela e a seguro por vários minutos.

— Boa noite, Tessa. — Eu beijo o topo de sua cabeça e saio pela porta.

41

Tessa

O sol está alto e tenho vários telefonemas para fazer. Kyndal sendo o primeiro da minha lista.

Assistir a partida de Dante na noite passada doeu muito, mas eu sei que é melhor para nós dois. Quando tudo isso estiver resolvido, talvez tenhamos uma chance.

Eu pego meu celular e pesquiso pelo histórico de chamadas até encontrar o número dela. Então, eu clico e espero que toque.

— Olá?

— Kyndal, é Tessa.

— Eu espero que você tenha levado em consideração nossa última conversa.

Eu queria que a cadela sarcástica estivesse na minha frente. Eu nunca quis bater tanto em alguém na minha vida.

Eu faço o possível para manter a compostura e não falar com ela através de dentes cerrados.

— Você pode dizer isso. — Eu respiro fundo. — Eu discuti isso com o meu advogado, e estou feliz em lhe oferecer um acordo.

— Sobre quanto estamos falando?

A raiva queima em minhas veias, e me lembro de não deixar minhas emoções tirar o melhor de mim.

— Um milhão parece justo.

— Bem, eu suponho que resolve. — Eu ouço o que soa como gelo tilintar em um copo no fundo. — Quando posso esperar o dinheiro?

— Há uma estipulação, — eu digo. Então, deixo cair nela. — Você precisa vir a Chicago para revisar a papelada. Você pode trazer seu advogado se quiser.

— Tudo certo. Isso parece bom.

— Eu gostaria de resolver o problema o mais rápido possível.

— Eu não poderia concordar mais.

— Segunda-feira então?

— Em dois dias? — Ela tosse.

— Existe algum problema? Você quer o dinheiro, não é? — Eu sorrio para o telefone, sabendo que a tenho onde a quero.

— Eu vou fazer funcionar.

— Perfeito. Vou te mandar o endereço. — Eu desligo o telefone.

Eu imediatamente envio uma mensagem para Kyndal com o endereço do escritório de Dante e instruções para me encontrar lá na segunda-feira de manhã às onze. Então, eu mando um texto para Dante antes de ligar para Davis Marshall.



O fim de semana se arrasta e, quando chega a manhã de segunda-feira, fico aliviada e ansiosa.



Eu pego meu telefone e ligo para o número de Dante.

— Olá, — eu digo quando ele responde.

— Você está pronto para hoje?

— Tão pronto como sempre estarei. — Buzinas de carro explodem, e eu me pergunto se ele está caminhando para o trabalho. — Estou saindo em breve. Você quer que eu pare para pegar café?

— Não, Katie está montando a sala de conferências esta manhã, e eu lhe pedi bolos e café.

— Ok, eu acho que vou direto para o escritório depois que me preparar.

— Eu verei você em breve. — Ele exala com força no telefone. — Tessa, tente manter a calma.

— Eu vou tentar. — Embora eu não esteja fazendo nenhuma promessa. — Vejo você em breve, — eu digo e desligo o telefone.

Depois de me arrumar, chamo um táxi para me levar ao escritório de Dante.

Quando chego a Salinger e Salinger, são quinze para as onze e Davis já está no saguão.

— Tessa, tão bom te ver, — diz ele, dando-me um abraço de um braço enquanto segura o café na mão oposta.

— Você também, Davis. Obrigada por reorganizar o seu dia para estar aqui. — Eu ando em direção a Katie.

Ela se levanta e me puxa para um abraço.

— A sala de conferências está pronta, se você quiser continuar. Dante está terminando um telefonema.

Depois de alguns minutos, Dante sai de seu escritório, parecendo ter saido das páginas da *GQ*[4], usando calças pretas e uma camisa social azul-cobalto. Ele troca cumprimentos com Davis e me dá um abraço rápido.

— Pronta para entrar? — Dante gesticula pelo corredor até a sala de conferências.

— Claro, — eu digo.

— Katie, quando a Sra. Montgomery chegar, por favor, mostre-lhe o caminho, — diz Dante. — Max está em seu escritório. Se surgir alguma coisa, pode ligar para o meu telefone, mas ele deve ser capaz de lidar com isso. Qualquer novo cliente que ligar, basta anotar o recado, e avisá-los que retornarei mais tarde hoje.

— Claro, chefe, — diz Katie.

— Max? Ele é o substituto de Trevor? — Eu pergunto a Dante.

— Eu não diria isso exatamente, mas sim, Max vai assumir o trabalho de campo, — ele responde.

Parte de mim está aliviada, mas ao mesmo tempo, não tenho certeza de como me sinto.

Nós caminhamos pelo corredor até a grande sala. Tem uma mesa de mogno escura fixa no centro. Eu ando até o balcão e pego uma xícara de café. Não me escapa que, mais uma vez, Dante se certificou de que o creme de café que uso estivesse à mão.

---

[4] GQ: GQ é uma revista mensal sobre moda, estilo e cultura para os homens, através de artigos sobre alimentação, cinema, fitness, sexo, música, viagens, desporto, tecnologia e livros.

— Tessa, por que você não senta aqui? — Dante aponta para a cadeira de couro marrom entre ele e Davis.

Meu palpite é que ele quer me impedir se eu sentir a necessidade de socar Kyndal, o que é inteligente.

— Tudo bem. — Eu coloco meu café na mesa e, em seguida, tiro a bolsa do meu ombro. Eu retiro o arquivo que Dante trouxe na outra noite.

Estamos todos acomodados em nossas cadeiras quando há uma leve batida na porta. Katie se afasta, permitindo que Kyndal entrasse na sala. Atrás dela está um homem que nunca vi, mas ele parece muito familiar.

— Há mais alguma coisa, Sr. Salinger? — Katie pergunta.

— Não, obrigado, Katie. — Dante espera que ela feche a porta antes de ele ficar de pé. — Por favor, sente-se, — diz ele, apontando para o balcão.

Kyndal vai até Davis e se curva, revelando seu decote.

— Eu não tive o prazer. Eu sou Kyndal Montgomery. E você é? — Ela estende a mão, como se esperasse que Davis a beijasse.

Ele angula a mão para apertar em vez disso.

— Davis Marshall, o advogado de Tessa.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Marshall. — Ela aponta para o outro lado da mesa. — Este é meu advogado, Michael Crestwood.

Dante e eu compartilhamos um olhar. Eu não tenho certeza do que diabos Kyndal está fazendo ou que tipo de jogo

está jogando, mas nós dois sabemos que ela está mentindo. Nós apenas não vamos desmascará-la ainda.

Os olhos de Kyndal caem para Dante.

— Dante, prazer em vê-lo novamente. — Então, ela olha para mim. — Tessa.

— Kyndal, — eu digo com os dentes cerrados.

Dante aperta meu joelho debaixo da mesa.

— Vamos começar, — diz Dante.

Kyndal lentamente pega um café, antes de se sentar no lado oposto da mesa, ao lado do homem que eu sei não ser Michael.

Na sugestão, Davis abre uma pasta, retira o documento e o desliza pela mesa.

42

Dante

Sento-me na cadeira e observo o rosto de Kyndal, esperando pela reação dela enquanto lê o formulário na frente dela.

— Que porra é essa? — Kyndal olha para Tessa. — Você não pode estar falando sério. Você vai me processar? Com que base?

— Fraude, — Tessa responde.

— Você não pode fazer isso! — Kyndal exclama.

Tessa aponta para o cara fingindo ser Michael.

— Por que você não pergunta ao seu advogado? — Então, ela desliza uma imagem sobre a mesa. — Diga-me, Brady, quem fodeu Kyndal primeiro, você ou o seu pai? Ou ela só te deu um boquete para que você falsificasse os resultados da paternidade?

— Como eles sabem sobre isso, querida? Eu não me inscrevi para essa merda, — Brady diz para Kyndal e se afasta da mesa.

— Onde diabos você pensa que vai, Brady? Sente sua bunda de volta! — Kyndal grita.

Brady ainda parece querer correr para a porta, mas pensa melhor e senta.

Kyndal abaixa a voz dela.

— Olha, tenho certeza que isso é apenas um mal-entendido, e podemos esquecer tudo.

— Vamos ver, — diz Tessa e acrescenta: — Eu tenho algumas perguntas.

Kyndal cruza os braços sobre o peito como uma criança desafiadora e zomba de Tessa.

— Então, pergunte.

Eu já tive o suficiente da merda de Kyndal. Eu sou tudo sobre ser respeitoso com as mulheres, mas essa cadela está testando minha paciência.

— Kyndal, você pode querer mudar sua atitude. Você é uma dama, então comece a agir como uma.

Ela se vira para Brady.

— Você vai deixá-lo falar assim comigo?

Brady me olha. Eu levanto uma sobrancelha para ele em desafio, e ele permanece em silêncio.

— Kyndal? — Tessa espera que ela faça contato visual, então pode seguir em frente. — Você estava chantageando Trevor?

Mesmo que nós dois já tenhamos entendido, eu tenho um pressentimento de que Tessa quer ouvi-la admitir isso.

Kyndal se senta e se inclina para frente, colocando as mãos entrelaçadas na mesa.

— Depois que ele atirou sua carga em mim, continuou falando sobre como havia cometido um erro. Eu sabia o quanto ele havia se arrependido antes mesmo de tirar o preservativo. — Ela encolhe os ombros. — Ele mostrou suas

cartas, e foi aí que ele estragou tudo. Uma oportunidade se apresentou. Uma que me rendeu vinte mil por mês durante mais de um ano.

— Inacreditável. — Eu olho para ela. — Você está se gabando de cometer um crime.

Davis diz:

— Eu não sou seu advogado, mas você pode querer abster-se abertamente de admitir que cometeu chantagem. Tenho certeza que você não quer adicionar isso às acusações.

— Obrigada pelo conselho não solicitado, — responde Kyndal.

— Qual foi o ponto de fazer Trevor acreditar que Brandon era seu filho? — Eu pergunto a Kyndal com os dentes cerrados. *Se ela planejava chantageá-lo independentemente, por que levar a falsa paternidade à mistura?*

— Porque achei que Trevor iria deixá-la. — Ela aponta o dedo para Tessa.

— Espera. — Tessa franze o rosto em confusão. — Oh meu Deus! Você estava apaixonada por ele. — Tessa engasga e então olha para mim, de olhos arregalados, antes de fixar um olhar em Kyndal. — Era você.

— O que era eu?

— O dia do funeral de Trevor. Você estava no cemitério.

— Aonde você quer chegar?

Eu pensei que Tessa teria ligado os pontos antes. Quando vimos Kyndal, eu não sabia que ela era a amante de

Trevor; ele nunca me disse quem era. Eu suspeitei quando a vimos no cemitério, mas não sabia até que vi o nome dela no teste de paternidade.

— Trevor nunca teria me deixado por você, — declara Tessa.

Ela está certa. Trevor teria feito tudo ao seu alcance para salvar seu casamento, e não tenho certeza se Tessa teria ido embora.

— Bem, ele finalmente me fodeu, então percebi que tinha um pé na porta. Então, quando engravidei — ela rapidamente muda os olhos para Brady, — imaginei que seríamos uma família. Se ele decidisse não deixá-la, pelo menos faria parte da minha vida pelos próximos dezoito anos. Enquanto isso, aproveitaria o dinheiro que ele estava me dando.

— Você está falando sério? Você tem alguma ideia de quão louca você soa? O que você fez foi repreensível. — A voz de Tessa sobe em volume, e eu a observo atentamente, pronto para tirá-la daqui, se necessário. — Trevor não é inocente, mas vocês dois, — ela continua, balançando um dedo para frente e para trás em Kyndal e Brady, — e toda a porra de sua farsa quase me destruiu. Você entende isso? — Tessa bate o punho na mesa, fazendo Kyndal e Brady pularem. — Você me fez odiar meu marido. Sua prostituta enganadora.

A bunda de Tessa sai da cadeira e, antes que ela se levante, eu já estou de pé.

— Tess, isso é suficiente. Se acalme, — eu exijo baixo em seu ouvido, agarrando seu antebraço, não muito apertado, mas firme o suficiente para que ela não se solte facilmente. — Nós vamos fazer uma pausa de cinco.

Eu praticamente a arrasto porta afora até o banheiro, que fica do outro lado do corredor da sala de conferências. Eu a solto e nos tranco dentro, esperando que isso a atrase se ela tentar sair.

Ela anda o pequeno espaço como um animal enjaulado e começa a divagar:

— Eu não tinha ideia do quanto poderia odiar uma pessoa até agora. Nem mesmo Trevor. Kyndal... eu juro, ela é psicopata.Como ela surgiu com essa merda? Ela é fodida da cabeça?

— Tessa, acalme-se. Passe por isso, e então estará um passo mais perto de deixar tudo para trás. — Eu cruzo os braços sobre o peito, me inclino contra a porta e espero ela se acalmar.

— Eu quero envolver minhas mãos em volta do pescoço dela e sufocá-la até a morte. — Ela para de andar e fixa os olhos na porta.

Eu puxo Tessa contra mim, então ela está de costas para a minha frente, e eu cruzo meus braços sobre ela, posicionando-nos na pia em frente ao espelho.

— Não hoje, matadora.

— Solte-me. — Ela tenta sair do meu alcance, mas meu aperto é forte.

— Ouça-me, — eu rosno baixo em seu ouvido. — Eu sei que você está chateada, mas precisa se recompor, e precisa fazer isso agora. Você está dando aquela cadela muito poder.

Ela se contorce em meus braços, e o fato de que pode se mover nos meus braços é um testemunho de como ela é forte.

Eu aperto mais forte.

— Se você não se acalmar, Tessa, vou ter que tentar uma tática diferente.

Ela franze a testa, mas a tensão em seu corpo diminui um pouco.

Eu mantenho meu aperto nela com um braço enquanto uso o outro para desajeitadamente pegar algumas toalhas de papel. Eu ligo a água com o meu pulso, molho e torço antes de pressioná-las na sua nuca.

— Respira. Dentro e fora.

Depois de alguns minutos, ela começa a relaxar. Seu pulso ainda está rápido, mas seu rosto não está tão vermelho.

— Melhor?

Ela exala forte. Eu diminuo meu aperto, e ela pega a toalha úmida da minha mão, pressionando-a contra o rosto.

— Sim. Não, eu não sei.

Dou-lhe outro minuto e pergunto:

— Posso dizer a Davis para terminar. Você não precisa voltar para lá.

— Não há nenhuma maneira que darei essa satisfação a cadela. Não fiz nada de errado e não vou sair como um cachorro com o rabo entre as pernas.

— Tudo bem, mas você precisa manter a calma. Você pode fazer isso?

— Eu não estou fazendo nenhuma promessa.

— Tessa, — eu avisei.

— Vamos acabar com isso.

— Eu estou te avisando, Tessa.

— Eu não vou tocá-la, eu juro. — Ela enxuga o rosto mais uma vez antes de sairmos do banheiro.

Quando voltamos para a sala de conferências, todo mundo fica em silêncio. Nós retomamos nossos assentos, e eu olho por cima da cabeça de Tessa para Davis.

Ele puxa um pacote de papéis.

— Leia isso. — Ele se inclina sobre a mesa para colocá-los na frente de Kyndal. — Existem guias que você precisa assinar e datar os formulários. Você terá noventa dias para cumprir ou minha cliente entrará com uma ação contra você em nome de seu falecido marido.

Ela gira para Brady.

— Ela pode fazer isso?

— Querida, você parece ter esquecido, eu não sou um advogado de verdade.

— Você fez o exame da ordem.

— Que eu falhei. — Brady olha através da mesa para nós e revira os olhos.

Kyndal lê o contrato, enquanto o resto de nós espera que ela termine. A sala está em silêncio, exceto pelo relógio na parede.

— Você está me dando noventa dias para pagar mais de duzentos mil? — Sua boca se abre.

— Noventa dias é o habitual na maioria dos casos, — diz Davis.

— Onde eu deveria conseguir esse tipo de dinheiro?

— Esse é o seu problema agora, não é? — Tessa aponta.

Brady coloca o braço em volta de Kyndal.

— Não se preocupe; Tenho certeza que você vai pensar em alguma coisa.

Ela o ataca com um clarão e ele deixa cair o braço.

— Dê-me uma caneta. — Kyndal ferve.

— Espere. — Eu me levanto e caminho até a cabeceira da mesa onde o telefone está, e pressiono o botão do intercomunicador.

— Sim, chefe? — A voz de Katie filtra para o quarto.

— Você poderia vir aqui, por favor, e trazer seu selo notário com você?

— Já estou indo.

Um minuto depois, a porta se abre e Katie entra.

Davis pega uma caneta no bolso e desliza para Kyndal. A observamos folhear os formulários e assinar o nome dela nos lugares apropriados. Katie testemunha e imprime o documento antes de sair da sala.

— Acredito que terminamos aqui, — diz Davis, pegando os papéis.

Tessa se levanta, mandando a cadeira para trás e olha para Kyndal.

Imediatamente, estou de pé.

— Vocês dois devem sair.

— Boa ideia. Vamos lá, querida, — diz Brady a Kyndal.

Kyndal zomba de Tessa.

— Cad...

— Você pode querer parar aí mesmo. — Eu falo. — Saia. Agora. Ou vou buscar a segurança para expulsar vocês.

Kyndal fica de pé com os punhos cerrados. Ela grita e sai pela porta como uma criança fazendo birra com Brady em seus calcanhares.

Eu ando até a porta e a fecho, e todo mundo exala.

— Tessa, você tem alguma pergunta antes de eu ir? — Davis pergunta.

— Poderíamos realmente tê-la processado por fraude?

— A fraude de paternidade é difícil de provar, mas acredito que, neste caso, poderia ter sido feito se Trevor estivesse vivo para entrar com um processo. Não tenho certeza se o tribunal teria concedido uma petição se você tivesse tentado entrar em seu nome.

— Bem, espero que não tenhamos que descobrir, — diz Tessa, dando-lhe um abraço. — Obrigada por tudo, Davis.

— Fico feliz que pude ajudar.

— Dante, vamos nos encontrar para uma bebida em breve, — diz Davis.

— Claro, — eu respondo.

Ele dá uma onda de dois dedos e sai.

Tessa cai em uma cadeira. Com os cotovelos apoiados na mesa, ela segura a cabeça entre as mãos. Eu começo a esfregar a tensão atada em seus ombros.

— Mmm. Isso é bom.

— Você está bem?

— Na verdade não.

— O que eu posso fazer?

— O que você está fazendo definitivamente ajuda. — Ela derrete sob o meu toque.

— O que você está sentindo?

— Bem... Dr. Salinger. — Ela quase ri.

— Espertinha. — Eu aperto seus ombros. — Você não pode manter toda essa merda engarrafada dentro de si, Tess.

— Deus, Dante... eu não sei. Estou mentalmente exausta e quero dormir por uma semana. Eu me sinto como se estivesse presa em uma correnteza, e não importa quanto tempo nade paralelo à costa, nunca vou encontrar minha saída.

— Tess, vai levar tempo. — Eu pressiono as pontas dos meus polegares na base de seu pescoço e trabalho o meu caminho para cima.

— As coisas que Kyndal disse... Eu não entendo como ela pode ser uma cadela tão fria e calculista. Dói que Trevor

não me contou sobre o caso ou Brandon. Ele tirou a minha escolha porque apenas assumiu que eu o deixaria.

— Você faria?

— Eu não sei. Talvez, mas isso não importa agora de qualquer maneira. — Tessa levanta a cabeça e aperta os olhos para o relógio na parede. — Você não precisa voltar ao trabalho?

— Preciso, mas tenho alguns minutos.

— Não, eu segurei você por tempo suficiente. Que tal terminarmos esta conversa esta noite depois que você sair? Talvez possamos dar um passeio ou algo assim.

— OK. Você quer me encontrar no saguão inferior às quinze para as cinco? — Eu afasto as mãos e dou um passo para trás, para que ela possa ficar de pé.

— Certo.

Nós dois caminhamos em direção à porta, e eu beijo sua testa antes de ir ao meu escritório.

43

Jessa

Depois de ver Dante caminhar de volta pelo corredor até o escritório, entro no banheiro e vou para uma das duas cabines. As portas são compridas sem lacunas, o que torna perfeito me esconder por alguns minutos. Eu tranco a porta, sento no vaso sanitário e coloco meu rosto entre minhas mãos. Não há lágrimas. Eu só respiro.

Finalmente acabou. Estou inundada de alívio, mas completamente oprimida ao mesmo tempo.

Desde a noite em que Trevor morreu, minha vida não passou de uma turbulência emocional. Eu lutei tanto para sobreviver à mágoa, e agora que posso largar minha espada... não sei o que fazer comigo mesma. Eu estou em pé no limiar do meu novo normal sem ideia de quem diabos eu sou. Não posso voltar a ser a mulher que era antes, e não quero ser a mulher que me transformei.

Eu preciso me encontrar, e para fazer isso, preciso esquecer. A apólice de seguro de vida de Trevor ainda está lá. Eu não toquei porque estou vivendo de nossas economias. Eu tenho os meios para me dar algum espaço para respirar.

Fico de pé, destranco a porta do box e vou até à pia. Pela primeira vez em anos, sorrio genuinamente para o meu reflexo. Então, eu respiro e explodo.

Meus pensamentos se voltam para Dante e as palavras que ele fala frequentemente ecoam no meu subconsciente.

— *Eu tenho você.*

Balanço a cabeça, me inclino e falo com a mulher no espelho. Com um dedo apontado para o meu peito, eu digo a ela:

— Eu tenho você.

Eu saio do banheiro, muito menos sobrecarregada e já estou formulando um plano para ter minha vida de volta. Depois que asseguro a Katie que estou bem e me despeço, saio do prédio de Dante e ando alguns quarteirões até a padaria. Eu peço um bagel e café, e sorrio para estranhos. Então, chamo um táxi de volta para casa para arrumar uma mala e reservar meu voo.

Hoje à noite, vou falar com Dante, e enquanto espero que ele entenda, irei de qualquer maneira. Preciso fazer isso por mim, especialmente se algum dia existir um nós.

44

Dante

As dez para cinco, saio do meu escritório e desço pelo elevador até o saguão do térreo. Tessa está esperando por mim, mas está conversando com alguém, e ela ainda não me viu.

Eu diminuo meu ritmo e escaneio o comprimento de seu corpo. Ela está vestindo uma camiseta dourada decotada na frente, mostrando seus seios perfeitos, jeans que abraçam a curva de sua bunda e sapatos que parecem que são feitos para uma bailarina. Ela não tem ideia do que faz comigo. Quanto eu quero me enterrar dentro dela por dias.

Quando Tessa me percebe, ela se despede da mulher com quem estava falando e caminha na minha direção com um sorriso sincero no rosto.

— Oi, — ela diz, me dando um abraço.

— Como foi a sua tarde? — Eu a abraço de volta.

— Melhor que esta manhã. E asua?

— O mesmo. — Eu rio.

— Eu pensei em passear pelo Grant Park e depois jantar.

— Parece bom. Depois de você. — Eu coloco uma mão na parte baixa de suas costas quando saímos do prédio.

As pessoas entulham a calçada, e caminhar ao lado de Tessa é difícil até que a multidão diminui um pouco depois de vários quarteirões.

Uma vez que fica mais fácil conversar, começo a falar.

— Eu estava preocupado com você mais cedo.

Ela olha para mim.

— Eu realmente perdi a cabeça por alguns minutos.

— Você parece ter se recuperado, mas talvez eu deva manter objetos pontiagudos fora de seu alcance, apenas no caso. — Eu a cutuco com o meu ombro.

— Muito engraçado.

— Eu pensei que sim, — eu brinco com ela.

Passeamos pelo parque que está cheio de corredores e pessoas esticadas em tapetes de ioga. Eu olho para Tessa e posso dizer pelo olhar em seu rosto que ela está lutando com a forma de me dizer o que precisa dizer, mas quero lhe dar tempo para trabalhar nisso.

— Dante, — diz ela depois de alguns minutos.

Eu sei pelo jeito que ela diz meu nome que não vou gostar do que sairá da sua boca em seguida.

— Mmhmm?

— Estou partindo.

Eu sabia que estava chegando, mas o impacto de suas palavras me atinge com a força de um golpe.

— Eu imaginei.

— Você imaginou?

— Não pareça tão surpresa. Tess, eu conheço você. Às vezes, acho que você esquece isso. — Faço uma pausa antes de perguntar: — Quando?

— Amanhã.

Sua palavra me choca e paro de andar.

— Assim tão breve? Por quanto tempo você vai embora?

— Eu não sei. Algumas semanas... talvez alguns meses.

Meu queixo está tenso.

— Meses? — Eu praticamente rosno.

— Vamos sentar. — Tessa caminha até um canteiro de grama, senta e arranca uma folha de grama. Ela começa a rolá-la entre os dedos.

A contragosto, sento-me ao lado dela e espero que ela fale.

— Estou exausta, Dante, nas profundezas da minha alma. Eu tenho estado na linha de frente de um campo de batalha emocional por meses, e você esteve lá a cada passo do caminho, mas preciso fazer isso sozinha. Eu tenho que me permitir descomprimir, e não posso seguir em frente a menos que eu faça.

— Você ficará incomunicável?

— Vou viajar um pouco e vou ligar. Não vou desaparecer.

— Você vai voltar? — Eu tento manter a dor da minha voz, mas falho enquanto olho a distância.

— Eventualmente

Sua honestidade me faz estremecer.

— Eu não vou mentir para você. A ideia de você me deixar me despedaça, mas sei que é o que precisa fazer. — Olho para ela. — Eu falei sério... quando disse que te amava. Nunca estive apaixonado por ninguém além de você.

— Dante, eu não sei quando vou voltar. Eu não espero que você espere por mim... — Depois de uma pausa gritante, ela diz: — Mas quero que você faça.

Eu me inclino mais perto e agarro seu queixo entre o polegar e o indicador, angulando o seu rosto.

— Olhe para mim.

Seus olhos pousam nos meus.

— Eu te amo. Isso não mudou. Não vai mudar. Você é para mim e eu vou esperar o tempo que for preciso. Eu sei o gosto da sua pele e como é quando eu estou enterrado dentro de você. Você está gravada na porra da minha alma, e mesmo que não se sinta da mesma maneira... não haverá mais ninguém, Tessa. Não para mim. Agora não. Nunca.

Seus olhos ficam vidrados. Ela deita a cabeça no meu ombro e esconde o rosto na curva do meu pescoço.

— Tem alguma ideia do quanto você é incrível?

— Eu tenho, mas sinta-se livre para inflar meu ego.

Ela ri, me cutuca brincando.

— Eu vou sentir muito sua falta. — Eu me inclino para beijar sua têmpora. — Estou orgulhoso de você.

— Por quê?

— Você é a mulher mais forte que conheço. Você tem alguma ideia de quantas noites achei que você poderia

desistir? Que eu iria te encontrar... sangrando no chão do banheiro. — A ideia de viver em um mundo onde ela não existe é mais do que posso suportar. — Você continuou lutando. Continuou sobrevivendo. Você usou suas emoções como um catalisador. Você é muito mais forte do que se dá crédito.

— Eu não me senti muito forte, mas aprecio você dizendo isso.

O mundo se move ao nosso redor, e nós fazemos o nosso melhor para ignorá-lo até que o estomago de Tessa ronque.

Eu ri.

— Pronta para o jantar?

— Eu acho.

Eu estou de pé, estendendo minha mão para ajudá-la a levantar.

— O que você está com vontade de comer?

— Não importa. Que tal caminhar até encontrarmos algo que pareça bom?

Eu suspiro.

— Você está sendo espontânea?

— Cale a boca. — Ela começa a rir, e eu juro, é o melhor som que já ouvi.

Seus passos param quando nos aproximamos da Fonte de Buckingham, e a grande exibição começa. Inclinamos nossas cabeças para o céu, observando a água disparar no ar. Ela solta um suspiro e começamos a andar novamente.

— Que horas você sai amanhã?

Ela envolve sua mão ao redor do meu bíceps enquanto nós manobramos para fora do parque.

— Eu tenho que estar no aeroporto às dez.

— Você quer uma carona até o aeroporto?

— Você não tem que trabalhar?

— Eu sou dono da empresa. — Antes de Tessa concordar, já estou com meu telefone para mandar um e-mail rápido para Katie, deixando-a saber que chegarei atrasado.

— Nesse caso, eu adoraria uma carona.

Tessa e eu passeamos pelas calçadas, de mãos dadas. A multidão não diminuiu muito, mas eu não dou a mínima. As pessoas podem andar ao nosso redor.

Para o jantar, acabamos compartilhando dois pratos básicos de Chicago: pizzas e sanduíches de carne italiana.

Depois do jantar, voltamos para a S & S para pegar o carro dela. Ela me dá as chaves e eu dirijo a curta distância até a minha casa. Quando chegamos lá, coloco uma camiseta e short esportivo, e nos enrolamos no sofá para assistir a um filme, como nos velhos tempos.

Ela está aninhada no meu braço, ainda acordada, quando os créditos começam a rolar. Eu não estou pronto para que ela saia.

— Fique.

— OK.

Eu rio.

— Isso não foi tão difícil.

— Eu estava esperando que você me pedisse.

Sua admissão me traz uma medida de conforto.

— Vou sentir saudades sua. Aonde você vai de qualquer maneira? Você nunca disse.

Ela levanta a cabeça para olhar para mim. Estou voando para São Francisco e depois aluguei um carro para ir a Napa. Estarei lá por cinco dias ou mais, e depois decidirei o que vem a seguir.

— Prometa-me, você vai se cuidar.

— Prometo. — Ela abafa um bocejo.

— Pronta para dormir?

— Sim, mas se estiver tudo bem, vou tomar banho primeiro.

— Eu vou pegar algo para você dormir, — eu digo. Então, acrescento: — A propósito, você ainda tem algumas roupas aqui. A menos que você precise que eu pegue sua mala do carro.

— Tenho certeza que tudo o que está aqui está bem. — Ela se levanta.

Eu a sigo para o meu quarto e pego algo para ela dormir.

Espero que ela caminhe até o banheiro antes de ir à cozinha e servir dois dedos de uísque em um copo.

Quando Tessa sair, ela estará levando meu coração com ela. Esperei tanto tempo e, ao contrário da última vez, não vou persegui-la. Quando ela estiver pronta, voltará para mim e espero como o inferno, que seja o mais cedo possível. Eu

dreno o líquido do copo e coloco na pia. Então, volto para o meu quarto.

Ela sai do meu banheiro com o cabelo úmido de seu banho, vestindo uma das minhas camisetas e um short que ela teve que rolar várias vezes para impedi-los de cair. Eu só quero segurá-la. Envolver meus braços ao redor dela e agarra-la tão apertado, que serei capaz de memorizar a curva de seu corpo pressionado com força no meu.

Eu puxo as cobertas, e nós dois vamos para a cama, deitando de frente um para o outro.

— Eu vou sentir sua falta, — ela diz baixinho.

Idiota egoísta que eu sou... Quero implorar para ela não ir. Assegurar-lhe que ela pode se encontrar aqui tão bem quanto poderia em qualquer outro lugar, mas isso não é verdade. Tessa precisa de distância desta cidade e todas as memórias de sua vida anterior. Talvez, quando ela voltar, faça novas comigo.

Eu traço meu dedo pela sua bochecha.

— Eu sentirei sua falta também.

Ela reprime um bocejo e suas pálpebras pesadas se agitam.

— Vire. Eu preciso segurá-la.

Seu sorriso é sonolento quando ela se inclina, beija meus lábios e vira. Meu braço desliza sobre seu quadril e eu a puxo para perto de mim, colocando minha mão sobre seu estômago. Em pouco tempo, Tessa adormece enquanto eu fico acordado. Planto um beijo na parte de trás de sua

cabeça, sentindo a frieza de seu cabelo nos meus lábios. Ela cheira a mel e amêndoas... e Tessa. Eu inalo profundamente, desejando que houvesse uma maneira de engarrafar seu cheiro. Então, lembro-me que sua lavagem corporal está no meu chuveiro e não posso deixar de sorrir para isso.

Meus olhos se fecham e o som da respiração de Tessa me acalma para dormir.

45

Jessa

O pau enorme de Dante sempre parece me encontrar. Eu juro, a maldita coisa tem um dispositivo para minha bunda. Eu me esquivo e viro meu pescoço para ver o relógio. Não estou pronta para levantar ainda, mas nós provavelmente deveríamos.

— Pare de se mexer, — Dante geme.

— Desculpa.

Eu tento deslizar para fora da cama, mas ele coloca um braço ao redor do meu quadril, me segurando no lugar.

— Dante, são quase oito e dependendo do trânsito...

— Que horas você precisa estar lá?

— Dez.

— Você vai conseguir. — Ele rola de lado e de costas. — Venha aqui.

Eu viro para encará-lo, e ele bate no peito, então eu me aproximo, aninhada nele. Ficamos ali em silêncio por vários minutos enquanto seu coração bate no meu ouvido, e ele traça círculos sobre meu quadril.

— Eu vou sentir sua falta, — ele diz baixinho.

— Você continua dizendo isso.

— Eu sei, mas é verdade.

— Eu vou sentir sua falta também, mas vou voltar.

— Então você continua dizendo. — Ele beija minha testa. — Precisamos nos mexer.

— Minhas roupas? — Não lembro exatamente o que deixei para trás, mas estou esperando por opções.

— Gaveta superior esquerda.

— Depois que eu me vestir, vou fazer um café.

Quando eu saio da cama, ele não me impede, e faço o trabalho rápido da minha rotina matinal, certificando-me de tirar o que eu usei na noite passada do banheiro. Uma vez que Dante está no chuveiro, vou até a cômoda e opto pelo conforto. Eu pego calças de treino pretas com duas camadas de tecido.

Então, vou para a cozinha e faço duas canecas de café, para que possamos levá-las conosco. Vinte minutos depois, Dante está pronto e saímos pela porta.

A ida até o aeroporto é tranquila. A atenção de Dante está severamente focada na estrada, então fico olhando pela janela, pensando em Napa e aonde o caminho vai me levar depois disso. Eu olho para Dante, observando seu perfil. Espero que, onde quer que a viagem me leve, me traga em um círculo completo.

Em pouco tempo, estamos no aeroporto. Dante entra no estacionamento e segue as placas para as vagas de curta duração. Quando ele encontra uma e desliga o carro, eu começo a sair, mas a voz dele me impede.

— Você poderia encontrar alguém para conversar aqui. — Seu tom é gentil, mas prosaico.

Eu volto para o banco e nossos olhares se fecham.

Eu lhe digo a verdade:

— Eu tenho que ir, Dante. Por favor, não torne isso mais difícil.

— Você acha que isso é fácil para mim? Você não foi a única que passou pelo inferno, Tessa. Trevor também me traiu. Ele roubou da nossa empresa. Então, o filho da puta morreu e não precisou responder por nada. Eu tenho corrido em vazio, fazendo tudo meia-boca, enquanto tento limpar sua bagunça.

— Eu sei o quão difícil isso tem sido para você, — eu digo com calma.

— Mesmo? Eu não tinha certeza se você havia percebido porque, ultimamente, tudo o que você parece fazer é fugir. — O fogo pisca em suas íris escuras.

— Sinto muito, Dante. Eu sinto muito por te machucar. Sinto muito pelo que Trevor fez. — Meus olhos ardem com lágrimas não derramadas, borrando seu rosto. — Por favor tente entender.

Nós nos sentamos aqui na quietude, no espaço confinado, com um abismo de emoções entre nós até que Dante finalmente rompe o silêncio.

— Você precisa fazer o check-in. — Ele sai do carro, bate a porta, pega minha mala do porta-malas e o fecha com mais força do que o necessário.

Eu sei que ele está sofrendo, mas não posso carregar o peso de sua dor junto com a minha bagagem. Eu não sou tão

forte assim. Saio do carro e dou uma segunda checagem para ter certeza de que tenho tudo antes de fechar a porta.

A tensão nos sopra em ondas densas, fazendo com que o oceano de pessoas se separe, dando-nos um amplo espaço enquanto percorremos o aeroporto.

— Você não tem que ficar, — digo a ele, não querendo prolongar o processo doloroso.

— Eu não vou. Eu tenho que ir trabalhar. Vou me certificar de que você tenha tudo em ordem, e então tenho que ir.

Dante me segue até onde pode, e quando chega a hora de nos separarmos, meu coração aperta. Ele beija minha testa, se vira e se afasta. Eu olho para suas costas por vários segundos antes do pânico tomar conta. Ele não pode sair assim.

Ele está a uns dez metros de distância quando grito seu nome.

— Dante. — Eu grito mais alto, — Dante, espere!

Ele para e gira lentamente em minha direção.

Eu corro em direção a ele, lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. Largo minha bagagem de mão e me jogo em seus braços estendidos. Minhas pernas rodeiam sua cintura e eu seguro seu pescoço.

— Assim não. Por favor... não assim.

Meu coração está batendo forte e o dele também. Eu quero lhe dizer que o amo, mas até que possa lhe dar as

partes mutiladas do meu coração e dizer essas palavras do jeito que ele faz... não vou.

Ele me desliza por seu corpo e minhas mãos seguram a frente de sua camisa. Dante cobre minhas bochechas, batendo sua boca na minha e nossas línguas se emaranham. Acendendo a chama até que o calor do nosso beijo chamusque minha alma como o sol. Quando ele arrasta seus lábios para longe, suas palmas permanecem no meu rosto.

A dor bruta brilha em seus olhos quando ele faz seu pedido:

— Volte para mim, Tessa.

Ele coloca a testa na minha e, por vários segundos, respiramos o ar um do outro. Então, ele embala minha cabeça contra seu peito e meus braços deslizam ao redor dele.

— Prometa que você voltará para mim, — ele sussurra duramente.

Eu só posso acenar com a cabeça apertada de seu abraço. Demoro alguns minutos para reunir forças para deixá-lo ir.

— Deixe-me saber quando você pousar.

— Eu vou.

— Até mais, Tess.

Não adeus.

— Até mais, Dante.

Nós nos afastamos um do outro, nos movendo em direções opostas e ambos esperando, que para onde quer que a estrada quebrada nos conduza, nos encontraremos.

46
Jessa

Embarquei no avião com o coração pesado, mas a cada milha que passa, fica mais fácil respirar. Felizmente, o assento ao meu lado permanece vazio, então abro minha bolsa para tirar um diário e uma caneta.

Eu começo a escrever.

Caro Dante

Eu não sei se você vai ler isso, e não tenho certeza se você está destinado a isso. É ridículo escrever Querido Diário, então estou escrevendo para você.

Você partiu meu coração hoje, mas parece que tenho repetidamente quebrado o seu. Um dia... espero que me dê a chance de consertá-lo. Neste momento, não parece plausível que duas pessoas quebradas possam formar um todo, e essa é uma das razões pelas quais saí. Eu devo encontrar em mim mesma a força para perdoar Trevor; caso contrário, ele sempre terá algum tipo de poder sobre mim. O ódio é ácido, comendo uma pessoa de dentro para fora até que nada permaneça, exceto uma casca amarga. Perdão é uma jornada. Não posso simplesmente dizer as palavras e esperar que eu sinta perdão em meu coração. Não é tão simples assim.

A mulher do outro lado do corredor está lutando com o bebê. Ele está inconsolável e ela parece confusa e desesperada. Eu vou tentar ajudar.

Até a próxima vez,

Tess

A mulher parece um pouco mais nova que eu, mas não muito. Seu cabelo arco-íris está decorado com uma trança longa e única, pendurada no ombro, e manchas vermelhas aparecem em sua pele de alabastro, tornando óbvio que ela está nervosa ou envergonhada. Eu olho para os passageiros próximos que lançam olhares de soslaio ou olham para a mãe exaurida. Ela está tentando segurar seu bebê chorão e fazer uma mamadeira ao mesmo tempo, o que parece quase impossível, porque o garoto está com fome e chateado.

O que diabos aconteceu com a decência humana?

— Ei, — eu me dirijo a ela.

Mas ela não levanta os olhos.

Como o assento ao meu lado está vazio, solto o cinto e troco de lugar, e depois tento de novo.

— Posso fazer algo?

Ela olha para mim e vejo que ela está segurando as lágrimas.

— Eu sou Tessa. Deixe-me ajudá-la.

Eu estico os braços para o bebê, e por uma fração de segundo, ela hesita antes de entregá-lo. Eu o coloco no meu ombro e acaricio seu traseiro para acalmá-lo. Quando isso não funciona, esfrego círculos nas suas costas e balanço suavemente de um lado para o outro.

Ela examina o saco de fraldas e me dá uma chupeta para o bebê que está gritando.

— Eu sou Alex, esse é o Isaac. Obrigada pela sua ajuda. — Sua voz treme, mas suas mãos estão firmes enquanto mede o leite em pó em uma mamadeira vazia antes de enchê-la até o nível desejado com água.

— De nada.

Eu coloco a chupeta na boca de Isaac, e ele começa a se acalmar um pouco.

Alex termina de preparar a mamadeira, coloca tudo de volta na bolsa e olha para mim como se estivesse com dor.

— Eu não posso acreditar que estou te perguntando isso, mas eu tenho que fazer xixi, muito. Você acha que poderia alimentá-lo, então eu poderia usar o banheiro? Eu volto já.

— Claro. — Eu pego a mamadeira dela, deito Isaac em meus braços, e troco a chupeta pela mamadeira.

Isaac começa a se mexer, mas quando percebe que algo está saindo do bico, ele fica quieto. Quando Alex tem certeza de que está tudo bem, ela corre.

Eu olho para baixo em seus enormes olhos de chocolate.

— Ei, homenzinho.

Os pequenos lábios de Isaac sugam uma rápida sucessão, devorando o conteúdo.

— Devagar. — Eu sorrio para ele e limpo os restos de uma lágrima de sua pele marrom beijada de mel.

Isaac bebe um pouco mais, e então eu tiro a mamadeira de sua boca, colocando-o na vertical antes de fazê-lo arrotar.

O rosto de Alex está cheio de alívio quando ela volta ao seu assento.

— Me desculpe por isso. Muito obrigada por me ajudar.

Ela pega o filho e relutantemente, eu o passo de volta.

— Quantos você tem? — Ela pergunta.

Eu olho para longe.

— Nenhum, na verdade.

— Mesmo? Eu sinto muito. Você parece tão natural com ele, então eu apenas assumi...

— Não, está tudo bem, — eu asseguro a ela e mudo de assunto. — Quantos meses ele tem?

— Quatro meses. — Ela beija o topo da cabeça de Isaac. — Estamos a caminho para visitar meu marido. Ele é piloto e conseguiu tirar alguns dias de folga antes de sair de novo, então vamos para a praia. E você? Você é casada?

Eu quero voltar para o meu lugar na janela, tirar meu diário e dizer a Dante o quão difícil é essa conversa. Como conversa fiada com uma estranha aleatória em um avião parece um soco no estômago.

— Não. Não mais.

— Garota, precisamos pegar uma bebida para você. — Ela ri, e é evidente que ela assume que eu sou divorciada.

Eu sorrio.

— Engraçado você dizer isso. Estou indo para Napa para conhecer a terra do vinho.

— Esse é o espírito. Bom para você.

Conversamos por mais alguns minutos e vejo as pálpebras de Isaac se fechar quando ele termina a mamadeira. Seus cílios longos e escuros tremulam contra as bochechas rechonchudas. Há algo de hipnótico nisso e me vejo ficando sonolenta.

Eu aponto para ele e olho para Alex.

— Ele teve a melhor ideia. Vou tirar uma soneca, mas se precisar de alguma coisa, ficarei feliz em ajudar.

— Muito obrigada. Eu aprecio mais do que posso te dizer. — Alex corre os dedos pelos cachos negros macios.

— Foi o meu prazer, — eu digo. Volto para o assento perto da janela, inclino o assento, encosto a cabeça contra a almofada acolchoada e olho a terra abaixo. Logo fecho os olhos e cochilo. Eu sonho com a maternidade e os bebês com meus olhos âmbar, mas com cabelos escuros como os do pai.

Eu acordo com a voz do comissário de bordo no sistema de alto-falantes. Estaremos aterrissando em SãoFrancisco em breve, e depois que eu pegar o carro alugado, estarei a caminho de tomar um copo de vinho muito necessário.

47
Dante

Eu nunca me senti mais estilhaçado na minha vida como fiquei quando me afastei de Tessa no aeroporto. Eu entendo que, para ela, isso é necessário, mas não tenho certeza de quanto tempo vou durar antes de ir atrás dela, e eventualmente irei atrás dela. Algumas semanas é uma coisa, mas alguns meses... não tem como o inferno acontecer.

Ela me mandou um texto ontem quando pousou em São Francisco e depois outro quando chegou em Napa.

Eu fico de pé, olho pela janela do meu escritório e leio os textos novamente.

Tessa: Cheguei a SF.

Eu nunca respondi.

Tessa: Acabei de entrar no resort em Napa. Aqui é lindo.

Não respondi imediatamente e, quando finalmente consegui, digitei algumas versões da mesma coisa.

Esteja segura.Venha para casa para mim.Vamos começar de novo em outro lugar. Tenha meus bebês. Seja minha esposa. Eu te amo...

Por fim, eu decidi...

Eu: Esteja segura.



Nos últimos dias, tenho me jogado no trabalho, mas é sexta-feira e, em vez de ficar em casa hoje à noite, bebendo, vou ao bar local com Max.

Quando deixamos o bar, Max tem três mulheres agarradas a ele.E, enquanto eu tinha a maior parte das belas damas se jogando aos meus pés, nenhuma delas era a que eu queria.

Eu vou para casa sozinho, tomo um banho e mando um texto para Tessa.

Eu: Eu sinto sua falta.

Eu desmaio antes que ela responda.

Quarenta e oito

Tessa

Dante: Eu sinto sua falta.

Faz apenas três dias. Eu olho para a tela e considero minha resposta.

Eu sinto sua falta. Está quieto demais aqui. Você quer ter filhos?

Em vez disso, eu digito…

Eu: Eu também sinto a sua falta.

É muito mais fácil derramar meu coração nas páginas. Para ser honesta sem medo do julgamento, porque são apenas pensamentos, sentimentos e lembranças. O papel não responde; ele apenas...está.

Eu pego meu diário e abro em uma página limpa.

Caro Dante

É lindo aqui, mas é tão silencioso, e não posso deixar de notar que até o silêncio tem seu próprio jeito de ser alto. Eu não tenho certeza do que me fez pensar sobre isso, mas você se lembra daquela vez que tive a gripe e Trevor estava fora da cidade, trabalhando?

Eu ri muito na memória, a caneta começa a cair, e eu tenho que parar de escrever para recuperar o fôlego.

Você foi à farmácia e apareceu na minha porta, carregando todas aquelas sacolas. Tenho certeza que você limpou o lugar. Havia de antiácidos a ibuprofeno e laxantes. Eu quase ri e disse que aquilo era um desperdício de dinheiro, mas não tinha energia. Você me comprou salgadinhos, ginger ale [5]e sopa de galinha de estrelas porque se lembrou de uma história sobre como era minha favorita quando eu era criança. Você até me ajudou a ir ao banheiro e esperou do lado de fora da porta.

Você me amava mesmo desse jeito, e se lembrava de coisas que Trevor nunca fez. Parece que você escondeu toda essa preciosidade. Por que eu nunca vi isso antes? Eu me pergunto se Trevor notou. Ele se importava?

Você já pensou em ter filhos? Meus pais me deram a infância mais incrível, e eu amo ser sua única filha, mas às vezes, me pergunto como teria sido crescer em uma casa cheia de caos. Lutar com alguém pelo banheiro ou roupas. No final disso, Dante... se fizermos um círculo completo... você precisa saber que, para mim, ter filhos é inegociável. Eu sei que é muito parecido com desenhar uma linha na areia, mas eu preciso ser mãe, independentemente de como isso se concretiza.

Amanhã vou visitar outro vinhedo. Estou pensando em talvez dirigir até a costa para ver baleias. Ou eu poderia encontrar o aeroporto mais próximo e voar para Seattle. Eu

---

[5] Ginger ale é um refrigerante gaseificado aromatizado com gengibre.É consumido sozinho ou usado como misturador, geralmente com bebidas à base de álcool. Existem dois tipos principais de ginger ale. O estilo dourado é creditado ao médico irlandês Thomas Joseph Cantrell.

pensei que poderia lidar com todo o silêncio aqui, mas tenho vivido na cidade por muito tempo.

Até a próxima vez,

Tess

Fechei o diário, peguei meu telefone, abri a câmera e tirei uma selfie antes de enviá-la para Dante.

49
Dante

Eu sinto falta de Tessa, e ao invés disso ficar mais fácil a cada novo dia, está ficando muito mais difícil.

Após a primeira semana, Tessa e eu estabelecemos um padrão. Nós trocamos textos frequentemente e uma foto ocasional. As fotos são uma faca de dois gumes. Seu lindo rosto faz meu coração doer, mas, ao mesmo tempo, é um presente.

Uma caixa de vinho chegou de Napa. Quando abri a caixa, acabei rindo. Ela colocou notas adesivas nas garrafas. Um dizia, *beba-me*, enquanto todas as outras diziam, *mas não eu*, escritos sobre elas. Seu senso de humor é uma das coisas que eu amo nela, e apesar de sua ausência doer muito, saber que esta viagem à ajuda torna um pouco mais fácil. Por natureza, Tessa é uma seguidora de regras, então o fato de ela ter violado a lei me deixa orgulhoso. Os varejistas não podem enviar vinho para Illinois, e as vinícolas devem ter uma licença com o estado, o que significa que Tessa foi sorrateira.

Eu pego meu telefone e digito.

Eu: Sinto sua falta.

Tessa: Eu sinto sua falta também.

Eu: Eu aposto que você se sente uma durona.

Tessa: Você recebeu o vinho?

Eu: Sim.

Tessa: É tão bom.

Eu: Vou abrir uma garrafa hoje à noite.

Tessa: Apenas a garrafa que diz, beba-me.

Eu: Tudo bem. ;)

Tessa: Estou falando sério, Dante.

Eu: Estou brincando.

Eu: Venha para casa.

Tessa: Em breve.

50
Tessa

Caro Dante

Eu te amo. Eu sabia disso quando saí, mas agora é diferente. É mais. Eu não apenas amo você, mas estou apaixonada por você, e quando fecho meus olhos, seu rosto aparece atrás de minhas pálpebras. De alguma forma, você preencheu os lugares ocos.

Eu quero fazer uma vida com você. Eu quero carregar seus bebês e envelhecer com você. Eu não acho que quero ficar em Chicago ou me casar novamente. Quero dizer, olhe para Goldie Hawn e Kurt Russell. Eu só quero você e um novo começo. Eu acho que estou quase pronta para voltar.

Até a próxima vez,

Tess



Cheguei a Seattle há algumas semanas depois de passar algum tempo dirigindo pela costa. Peguei um voo de Eugene,

Oregon, e voei para Sea-Tac. Encontrei uma casa de aluguel por temporada e estou em Washington desde então.

Estou tomando meu café enquanto caminho pelo Pike Place Market quando meu telefone toca.

Meu coração pula quando o pego para atender.

— Olá?

— Eu sinto sua falta, — diz Dante.

— Eu também.

— Venha para casa.

Ao longo das semanas, as nossas mensagens de texto passaram de esporádicas para uma ocorrência diária. Os telefonemas começaram depois da segunda semana e também se tornaram parte da rotina. Sem falta, Dante inicia cada ligação e mensagem de texto da mesma maneira- *sinto sua falta e volte para casa.* Eu sempre respondo, *sinto sua falta também,* e *logo.*

Mas esta manhã, quando ele me diz para voltar para casa, hesito. Estou ausente há cinco semanas e, nesse período, completei três cadernos. Meu coração está em paz, e o homem que o preenche espera minha resposta.

— OK.

— Tessa, estou falando sério. Espere. O que você acabou de dizer?

— Ok, — eu repito, rindo.

— Você está vindo para casa?

Eu aceno e lembro que ele não pode me ver.

— Sim.

— Quando?

— Depende de quando posso encontrar um voo. Eu nem sequer olhei ainda.

— Depois que você conseguir, me ligue, para que eu possa encontrá-la no aeroporto.

— Dante... antes de ver você, há algo que eu preciso fazer. — Eu não quero dizer a ele o que é. — Não vai demorar muito, e eu prometo, se conseguir um voo, amanhã à noite, estarei na sua cama.

Ele fica quieto por um instante e me preparo para um protesto que nunca chega.

— Tudo bem. E Tess?

— Sim?

— É isso. Toda essa merda está atrás de nós.

— Prometo.

— Eu te amo, amor.

Meus olhos se enchem com lágrimas. Faz semanas que ele disse essas palavras para mim, e não percebi o quanto eu precisava ouvi-las.

— Dante... — As palavras ficam presas na minha garganta. Eu não posso dizer a ele. Ainda não e não a mais de dois mil quilômetros de distância. — Amanhã. Vou avisá-lo assim que o meu voo for reservado.

— Falo com você em breve.

— Tchau.

Eu uso meu telefone para reservar um voo. Então, eu procuro no mercado um presente perfeito para Dante antes

de voltar para arrumar minhas coisas na casinha que aluguei pelas últimas semanas.

51

Jessa

Depois que meu voo pousou, peguei um táxi para casa. Eu fiquei lá o tempo suficiente para tomar banho, pegar algo da minha caixa de joias e arrumar minha mochila para ir para a casa de Dante.

Eu preciso cuidar de algo antes de ir até ele. Quando eu lhe disser que estou apaixonada por ele, meu coração precisa estar completamente livre. É por isso que, quando saio do estacionamento, viro as rodas na direção oposta da casa de Dante.

As folhas cobrem o chão e rangem sob meus pés enquanto ando entre as lápides. Uma brisa fresca de outono se agita no ar, levantando a folhagem, e afasto os fios de cabelo que sopram no meu rosto. O vento atravessa meu suéter e eu o puxo com mais força, tentando me isolar do frio. Os braços dobrados agem como uma barreira protetora contra mais do que apenas o clima.

Meu olhar se desloca do chão para o túmulo na colina e, quando me aproximo, começo a distinguir as letras de seu nome. Depois de mais alguns passos, ajoelho-me no chão em frente ao granito, traçando as letras com o dedo. Depois de vários minutos e uma profunda expiração, começo meu monólogo.

— Eu aposto que você está surpreso em me ver. Espere. Eu acho que isso é estúpido, já que você não pode exatamente me *ver*. Ou você pode? Inferno... eu não sei. — Eu arranco uma folha de grama para me ocupar. — Eu realmente te amei, e em algum lugar lá no fundo, talvez um pequeno fragmento de mim sempre o faça. Eu não estou aqui para obter respostas porque a verdade é que... eu não preciso delas. Estou aqui para lhe dar uma coisa. Meus dedos procuram no meu bolso até que encontrar.

Eu pego minha aliança de casamento. Os diamantes escavam minha palma. Com o meu dedo, eu enterro na terra exatamente onde a lápide encontra o chão. O buraco é apenas alguns centímetros de profundidade, mas isso não importa. Eu enfio meu anel na terra e, em seguida, o cubro, para que ninguém o encontre.

Minhas pernas ficam entorpecidas por estar na mesma posição, então eu as deslizo de debaixo de mim e me movo para encostar minhas costas contra a lápide.

As palavras ficam presas na minha boca. Uma teia de aranha grudenta na minha língua. Eu engulo o nó na garganta e as forço além dos meus lábios.

— Eu te perdoo, Trevor.

Lágrimas picam meus olhos e olho para o céu para evitar que caiam.

— Isso é o que eu vim dizer. Eu te perdoo, não porque você merece, mas porque eu mereço. Eu não acho que voltarei para vê-lo, mas onde você estiver... Eu espero que

esteja bem. Que você esteja em paz. — Perco a batalha contra as lágrimas e elas deslizam pelas minhas bochechas.

— Feliz aniversário, Trevor, — eu sussurro no vento e solto meu rosto em minhas palmas e choro. Não porque estou triste ou aflita. Eu choro para limpar meu espírito do passado. Um onde não quero mais estar amarrada.

Eu perdoo você.

Eu perdoo você.

Eu. Perdoo. Você.

Cada vez que eu digo essas palavras, elas são ditas com mais convicção do que a última. Eu continuo repetindo-as até que cada sílaba vaze pelos meus poros e sature minha alma. Meus dedos empurram contra a sensação de dor no meu peito. Uma agulha invisível passa pelo meu coração mutilado, suturando-o mais uma vez.

Usando as mangas do meu suéter, eu limpo minhas bochechas manchadas de lágrimas e levanto.

Eu toco dois dedos nos meus lábios, beijo-os e pressiono-os contra o nome dele esculpido na pedra.

— Adeus, Trevor.

Deixando o passado para trás... eu ando em direção ao meu futuro, e desta vez, paro de olhar para trás.

52
Dante

Eu dou uma última olhada ao redor do quarto para ter certeza que tudo está perfeito antes de voltar para a cozinha. O vinho está aberto no balcão. Há muita comida na geladeira, e tudo que preciso é que Tessa apareça. A antecipação de vê-la vibra através de mim.

Há uma batida na porta, e quando eu a abro, Tessa desmorona em meus braços antes que eu possa dizer uma palavra.

Eu me agarro a ela, acariciando seus cabelos.

— Shh. Querida, eu tenho você. Não chore.

— D-Dante.

— Eu estou aqui, baby. — Eu planto vários beijos contra o cabelo dela. — Vamos. Vamos cuidar de você. Eu vou pegar sua mala. Vá sentar no sofá.

Ela relutantemente me solta e se move para sentar no sofá enquanto puxo a mala para dentro, fecho a porta e sento ao lado dela.

— Lembra quando eu te disse que tinha que fazer uma coisa?

— Sim. — Eu pego a mão dela na minha.

— Eu fui para o-o... — Ela para e respira fundo e começa novamente. — Fui ao cemitério. Eu precisava falar

com Trevor. — Mais lágrimas escorrem por suas bochechas, mas ela parece mais calma.

Eu tinha a sensação de que era para onde ela estava indo e quase dirigi até lá, mas sabia que ela não iria querer uma audiência. Eu puxo Tessa para um abraço e espero que ela continue.

— Eu não o queria mais entre nós e, para que isso acontecesse, eu tinha que perdoá-lo.

Por um segundo, não respiro.

— O que você está dizendo, baby?

— Deixe-me mostrar-lhe. — Ela usa minhas palavras *daquele* dia. O dia em que eu disse a ela que a amava.

Então, ela me pega pela mão e nos leva pelo corredor até o meu quarto. Eu não faço nenhum movimento para impedi-la. Ela engasga quando avista o quarto. Sua reação faz todo o esforço e despesa valer a pena. Tessa me solta e caminha até a mesa de cabeceira para dedilhar as pétalas. Vasos de vidro espalhados cheios de margaridas brancas repousam em cada superfície plana do quarto.

— Dante, é lindo. — Todo o seu maldito rosto se ilumina, e se eu já não estivesse apaixonado por ela... não teria a menor chance.

Tessa não é o tipo de mulher que precisa de diamantes ou aqueles sapatos com o fundo vermelho caríssimos. Ela quer alguém que a valorize. Para fazê-la sentir que vale o esforço. Trevor nunca entendeu isso sobre ela.

— Eu senti tanto a sua falta. — Eu ando em direção a ela.

Lentamente, ela começa a tirar as roupas. Primeiro, o suéter, seguido das botas, até que ela está diante de mim em nada mais que um sutiã preto e uma calcinha combinando. A luz das velas banha cada curva sutil de seu corpo.

— Você tira o meu fôlego. — A almofada do meu polegar roça sua bochecha, e eu endureço o meu jeans. Eu me inclino para perto e, em seguida, arrasto meus lábios sobre os dela, gentilmente a beijando.

— Dante, — diz ela contra a minha boca.

— Tess, — eu digo no dela.

— Eu te amo.

Eu congelo, incerto se a ouvi direito.

— O quê?

Tessa achata uma palma contra cada bochecha e inclina minha cabeça para baixo, então nossos olhares se encontram. Então, ela diz:

— Dante, eu te amo. Eu te amo por muitas razões. Como você me amou tranquilamente e nunca agiu sobre isso. Eu não posso imaginar o quão difícil foi para você. Eu vejo isso tão claramente agora. E, se você me der uma chance, mostrarei o quanto você significa para mim. Eu estou apaixonada por você.

— Eu esperei muito para ouvir você dizer essas palavras. Você tem alguma ideia do que faz comigo, baby? Eu te amo muito.

Suas mãos deslizam para a bainha da minha camisa, e eu me inclino, para que ela possa puxá-la. Então, ela me libera do meu jeans e boxer. Tessa se ajoelha na minha frente, parecendo um anjo. Meu pau está duro e eu preciso estar dentro dela. Estou prestes a dizer isso quando ela envolve sua mão em volta da minha base e cobre a cabeça do meu pau com a boca.

Meus dedos se enroscam no cabelo dela.

— Baby, sua boca é tão boa.

Ela desliza lentamente para cima e para baixo do meu eixo, girando a língua sobre a minha ponta. Ela desliza a mão para segurar minhas bolas e aumenta sua sucção no meu pau.

— Porra.

Já faz muito tempo e isso é muito gostoso.

Ela está apaixonada por mim, o que significa que ela é minha, e a primeira vez que eu gozar não será em sua boca.

— Baby, levante-se. Assim não. Eu quero estar dentro de você.

Tessa chupa ainda mais forte antes de finalmente me liberar com um pop. Eu a ajudo a ficar de pé, a empurro contra a cama e, em seguida, chego atrás dela para desabotoar o sutiã. Eu inclino minha cabeça e corro minha língua por um mamilo e depois pelo outro.

— Dante? — Sua palavra é ofegante.

— O que foi, baby?

— Sou sua.

Essas duas palavras me atingiram diretamente no coração.

— Tess... — Eu estou perdido.

Eu arrasto sua calcinha para baixo e atiro-a para o lado. Minhas mãos se movem para suas pernas e puxam sua bunda até a beira da cama. Deixando-me cair de joelhos, eu a abro e deslizo minha língua por sua fenda.

— Eu esqueci quão bom é o seu gosto.

Lábios rosados e suaves, o cheiro dela, tudo nela é tão sexy.

Seus dedos correm pelo meu cabelo, e quando eu chupo seu clitóris, ela crava as unhas no meu couro cabeludo.

— Você é tão bom nisso, — ela geme.

Eu quero levá-la ao limite, mas não fazê-la gozar. Quando eu gozar, estarei dentro dela e quero que façamos isso junto. Eu insiro dois dedos e continuo o ataque com a minha língua. Quando ela começa a se mexer na minha mão, eu tiro meus dedos e me levanto.

Ela rosna em frustração.

— Eu preciso de preservativo?

— Não. — Ela desloca seu corpo para a cabeceira da cama.

Eu subo no colchão e abro suas pernas antes de posicionar meu pau em sua entrada. Apoiando meu peso em meus antebraços, empurro dentro dela e depois puxo quase todo o caminho antes de repetir o movimento. Toda vez que

meu pau nu afunda em sua boceta quente, é uma porra incrível.

— Dante. Mais forte. Por favor.

— Calma, baby. — Eu dirijo para dentro dela, fazendo-a gritar.

— *Ah...*

Suas unhas afundam nas minhas costas quando eu empurro nela. Não demora muito para eu estar perto.

— Use seus dedos para esfregar seu clitóris, baby.

Uma mão sai das minhas costas e chega à sua boceta.

— Sim. Oh Deus. Dante.

Eu sinto suas paredes apertarem.

— Você está perto?

— Tão perto.

Minha boca está na dela, quente e exigente. Um emaranhado de línguas e dentes rangendo. Sua boceta aperta em volta do meu pau, eu arqueio minhas costas e empurro forte e profundamente. Segundos depois, eu explodo dentro dela.

53
Jessa

Um brilho de suor cobre minha testa. Dante arrasta a ponta da língua sobre a minha clavícula. Ele ainda está duro dentro de mim, e eu envolvo minhas pernas ao redor dele, forçando seu pênis mais fundo e enviando um tremor através de mim.

— Oh meu Deus.

— Droga, baby, — ele rosna contra o meu pescoço.

Eu percebo agora que Dante estava segurando antes. Desta vez foi diferente e não só porque eu o deixei gozar dentro de mim. Ele precisava me ouvir dizer as palavras. Confessar meu amor por Dante libertou algo dentro dele.

Minhas unhas roçam suas costas, causando arrepios em sua pele. Eu as movo até sua nuca antes de arrastá-las sobre o couro cabeludo. A luz da vela cobre todo o quarto, e minha alma solta um suspiro satisfeito. Estou impressionada com o quanto sinto por ele.

— Eu te amo, Dante. Eu não acho que sabia o quanto até agora, — eu sussurro contra sua orelha.

Ele se apoia em seus antebraços e passa o polegar pela minha bochecha. Nossos olhos se encontram e os dele brilham de emoção.

— Você não pode entender o que essas palavras fazem comigo. Eu te amo com tudo que sou e passarei todos os dias

tentando mostrar o quanto. Quero que você tenha meus bebês e, algum dia, quando estiver pronta, quero que seja minha esposa.

Suas palavras não devem me chocar, mas fazem.

— Você quer ter uma família?

— Baby, eu quero tudo com você.

Sua boca cai para a minha e eu o sinto endurecer dentro de mim mais uma vez. O beijo começa devagar, soprando a chama até que ambos estamos consumidos pelo fogo novamente.

Quando finalmente conseguimos nos arrastar para fora da cama após a segunda rodada, preparo um banho quente para nós enquanto Dante vai até a cozinha buscar o vinho. Quando ele volta, a banheira está quase cheia e eu já estou dentro com bolhas ao meu redor. Ele me dá as taças de vinho, e eu me levanto para abrir espaço suficiente para se acomodar atrás de mim. Uma vez que ele se acomoda, deito para trás com a cabeça em seu peito e passo a bebida para ele.

Dante leva o líquido aos lábios.

— Tess, isso é muito bom.

— Eu te disse.

Ele tira o cabelo do meu ombro e passa os dedos sobre a curva do meu pescoço.

— Onde você se vê daqui a dez anos?

Eu pondero sua pergunta e tomo meu tempo antes de responder:

— Com você, um casal de filhos e possivelmente um cachorro. Em uma cidade diferente... Boston talvez? Em algum lugar além de Chicago. Você estaria disposto a sair de Chicago? Eu sei que este é o seu lar.

— Você se lembra de quando estávamos voltando de Charleston?

— Sim.

— Você me disse que, quando se apaixona, o lar deixa de ser um lugar. Torna-se uma pessoa. — Ele coloca o copo na beirada da banheira. Então, coloca o polegar debaixo do meu queixo, inclinando meu rosto para ele, os olhos cheios de convicção. — Você é minha casa. Onde quer que você esteja... é onde eu estarei.

Dante me beija ternamente antes de pegar seu copo, e meu coração quase explode de felicidade e alívio.

— Boston, hein?

— Talvez.

— Você vai começar a torcer pelos Bruins?

Eu reviro meus olhos.

— Depende.

— Do quê?

— Se o inferno congelar.

Ele começa a rir.

— Quantas crianças?

— Duas ou três. Como você se sente sobre um golden retriever?

— Você já pensou muito nisso, não é?

Está tudo lá, nos diários que pretendo dar a ele mais tarde.

— Talvez.

— Tess, quando você decidir parar de tomar a pílula, eu estou a bordo.

— Mesmo? Simples assim? — Coloquei meu copo vazio no chão e me virei para encará-lo, enviando água pelo lado da banheira.

— Baby, eu tenho trinta e seis anos de idade. Estou pronto para o que vier depois, desde que você seja minha.

— Uau.

— Em dez anos... seremos casados?

— Nós realmente precisamos conversar sobre tudo isso agora?

Ele levanta uma sobrancelha para mim e depois a deixa cair.

— Olha, eu entendo se você está sobrecarregada, mas você tem que lembrar, eu te amei por um longo tempo, Tess. Você está apenas se acostumando com tudo isso, mas passei anos imaginando como seria se você fosse minha. Eu não vou te pressionar. Não estou lhe pedindo que se case comigo hoje, mas estou lhe dizendo que, algum dia, quero que você seja minha esposa.

— Eu posso viver com um dia.

— Estamos bem?

— Sim, estamos bem.

Só então, o estômago de Dante ronca.

— Eu preciso de sustento. Vamos comer.

Eu puxo o dreno para a água escorrer e Dante pega uma toalha. Então, ele sai da banheira e fica sobre o piso, envolvendo a toalha em volta da cintura.

Ele olha para mim.

— Você é tão linda, querida. Não se mexa. Eu tenho algo para você.

Ele entra no quarto e retorna com um robe rosa curto.

— Vire-se para mim.

Eu faço o que ele pediu, e ele o envolve ao meu redor. Então, ele ajuda a guiar meus braços pelas mangas. É a coisa mais macia que já senti. As mãos de Dante vão para meus quadris, cuidadosamente girando-me de volta. Ele amarra a faixa e me ajuda a sair da banheira.

Levanto um braço coberto de algodão até o nariz e fungo.

— Você já lavou?

— O vendedor sugeriu que era melhor, — diz ele e se inclina para recolher os copos de vinho.

— Obrigada. É muito fofo. Eu amo isso.

— Não precisa agradecer, baby. Percebo que a maioria dos homens teria procurado algo um pouco mais revelador, e há muitos na sua gaveta, mas eles não absorvem água.

— Espere, quando você foi fazer compras para mim?

— Semana passada. Eu fiz uma pausa para o almoço.

Meus olhos se arregalam.

Dante percebe minha expressão chocada.

— Qual é o grande problema?

— Eu nunca te considerei como do tipo que faz compras isso é tudo e você não tinha ideia quando eu voltaria.

— Você tinha mais uma semana e depois eu iria atrás de você, — ele diz.

— É verdade?

— É, — diz ele, golpeando minha bunda, mas está coberta pelo robe. — Agora, podemos, por favor, ir comer? Estou faminto.

— Eu também. — Eu não consigo lembrar quando comi pela última vez.

Nós apagamos as velas no quarto a caminho da cozinha.

— Eu quase esqueci. Eu tenho um presente para você — digo a ele, tentando conter minha excitação.

— Você tem? — Ele está de costas para mim enquanto tira as bandejas da geladeira.

— Sim. — Eu vou para o outro quarto e abro minha mala, tirando os diários embrulhados. Então, eu pego a caixa que contém o que eu comprei no meu último dia em Seattle.

Eu carrego os presentes para a cozinha, onde Dante já preparou nossos pratos e nos serviu mais vinho.

— Aqui, — eu digo, passando-lhe os diários.

Dante fica no balcão e abre cuidadosamente o pacote simples. Ele pega o primeiro diário encadernado em couro e o abre na primeira página.

— Eu precisava de uma maneira de trabalhar com tudo, — eu explico. — Eu não acho que sentar em um sofá e

derramar minhas entranhas para um estranho funcionaria. Decidi fazer um diário e, como sou muito velha para um diário, escrevi para você.

— Tess, nem sei o que dizer. Você quer que eu os leia?

— Dante, você é meu melhor amigo e sempre teve um pedaço do meu coração. Eu sabia que, se tivéssemos um relacionamento, eu teria que deixá-lo entrar. Esses diários foram o meu jeito de fazer isso, mesmo quando eu não podia.

Ele me puxa em seus braços e me beija ternamente.

— Eu te amo.

— Eu sei que você ama. Eu também te amo. Eu tenho outra coisa para você.

— Você tem?

Eu saio de seus braços e pego a caixa antes de movê-la para mais perto dele.

— Eu vi depois que reservei meu voo e fui atraída por ele. É mais simbólico, mas ficaria ótimo, pendurado no seu quarto.

Ele pega uma faca da gaveta enquanto eu desloco os diários e tento pular no balcão.

— Aqui. — Dante coloca a faca para baixo, para que ele possa me levantar, e então pega a faca novamente.

Dante desliza por baixo da fita e eu seguro as abas de papelão enquanto ele tire da caixa. O material brilhante capta a luz quando ele coloca no balcão. Então, ele traça um dedo sobre ele. É um coração emendado soldado de aço com um gancho atrás. Parece quebrado, mas um pedaço de metal foi

manipulado de uma maneira que mantém as duas partes juntas, fazendo parecer que está costurado.

— Meu coração está machucado e maltratado, mas não está mais quebrado. Você me amou quando eu estava em pedaços. — Minha voz fica grossa de emoção. — Eu não posso prometer que não haverá dias difíceis pela frente. — Eu olho para o teto, tentando manter as lágrimas à distância antes de encontrar seus olhos novamente. — Eu juro para você... — meu dedo toca a superfície fria da obra de arte —... que meu coração Frankenstein é todo seu.

Eu rio através das minhas lágrimas, e ele se junta antes que o momento se torne sério.

Dante descansa a testa na minha.

— Tess, eu dou a minha palavra, enquanto viver... eu tenho você.

Epílogo
Dante

Dez anos depois

Já passa das sete da manhã e estou deitado na cama, vendo minha esposa dormir. *Isso nunca envelhece.*

Levei cinco anos e uma dúzia de propostas para convencer Tessa.

Eu vendi a S & S antes de sairmos de Chicago para nos mudarmos para Boston. Desde que o inferno não congelou, nós não torcemos pelos Bruins.

Eu olho o relógio. Os meninos devem estar batendo na porta do nosso quarto a qualquer segundo.

Três. Dois. Um.

— Mamãe...

Toque. Toque. Toque.

— Papai...

Estrondo.

Tessa olha para mim através dos olhos meio abertos.

— Diga-me novamente como esses dois compartilhavam um útero.

— Mamãe. Papai. — Suas vozes de meninos se juntam em uníssono.

— Vocês podem entrar! — Eu grito.

Cade e Colt, nossos gêmeos de cinco anos, entraram no quarto e vem para a cama.

— Mamãe, onde estão minhas coisas de futebol? Você deveria sair da cama. Nós vamos nos atrasar, — Colt canta.

— Companheiro, não vamos nos atrasar. Seu jogo de futebol não começa até as dez.

Cade se acomoda na cama, acariciando Tessa e beija sua bochecha.

— Bom dia, mamãe. Eu te amo.

— Eu também te amo, baby, — diz Tessa, ainda não acordada.

— E quanto a mim? — Colt exige.

Tessa abre os braços e todos nós mudamos para dar espaço.

— Eu também te amo, macaco.

Eu abro minha boca para dizer aos garotos que eles podem ir assistir TV enquanto Tessa descansa um pouco mais quando nossa mais velha aparece na porta.

Um sorriso ilumina meu rosto.

— Bom dia, amendoim.

— Bom dia, papai.

Bailey tem nove anos e é a versão em miniatura de sua mãe. Ela é uma alma velha e sábia além de seus anos.

— Mãe, você quer que eu faça o café da manhã para os meninos?

— Eu quero panquecas de chocolate! — Colt grita.

— Não. Eu quero bacon e ovos. Ah, e Pop-Tarts, — argumenta Cade.

— Todos, ouçam.

Três pares de olhos se concentram em mim.

— Amendoim, por favor, faça para cada um dos seus irmãos uma tigela de cereal.

— Mas... — Cade e Colt resmungam.

Eu levanto a mão, com a palma para fora, sinalizando para eles pararem.

— Eu vou estar na cozinha em dez minutos. — Eu olho para Tessa, que pisca e levanta dois dedos. — Vinte minutos. Agora, todo mundo, fora.

— Rapazes, continuem. Bailey estará logo atrás, — diz Tessa.

Os meninos saem e Tessa olha para Bailey.

— Você ainda quer suas orelhas perfuradas?

— Sim, — diz ela animadamente.

— Depois do jogo dos meninos, papai e eu vamos dividir e conquistar. Ele vai levar os meninos e nós iremos ao shopping, só nós duas.

— Yay. Obrigada mãe.

Eu estendo meu punho e Bailey bate com o dela. Então, ela se inclina para beijar a bochecha de Tessa.

— Eu vou estar lá daqui a pouco, amendoim.

Ela sai do quarto e fecha a porta atrás dela.

— Por que nossos filhos nunca dormem? — Tessa geme.

— Eu não sei, baby. O que acha de um banho? — Eu sacudo minhas sobrancelhas.

— Eu adoraria.

— Eu já volto. — Eu saio da cama e vou ao banheiro ligar o chuveiro.

Tessa aparece na porta.

— Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse um pé preso na minha caixa torácica. — Ela puxa minha camiseta sobre a cabeça, revelando seios pesados e mamilos escuros.

— Espere aí, baby. Não vai demorar muito mais.

— Isso é fácil para você dizer.

— Vamos, deixe-me cuidar de você. — Eu a beijo suavemente e a ajudo a entrar no chuveiro.

Nós pisamos debaixo do spray e nos revezamos lavando um ao outro. Eu deslizo minhas mãos sobre sua barriga redonda, e meu pau se contorce. Tenho certeza de que minha esposa é a mulher grávida mais sexy que já viveu. Eu aperto o xampu na minha mão e o coloco no couro cabeludo dela.

— Isso é incrível.

— Estou apenas começando.

Depois de tirar todo o xampu do cabelo e repetir o processo com o condicionador, levo-a para o banco do chuveiro. Quando ela se senta, eu me ajoelho na frente dela, onde trabalho meus polegares no arco do seu pé, e então eu mudo para o outro.

— Dante. Oh meu Deus. Você vai me fazer ter um orgasmo.

— Se isso é um desafio, eu aceito, mas vai ter que esperar, porque preciso prová-la. — Antes de eu abrir suas pernas, eu solto um beijo em sua barriga. — Bom dia, baby. — Eu descanso meu queixo lá e olho para Tessa. — Tem alguma ideia do quanto você é sexy?

— Eu pareço ter engolido uma melancia. Sério, como eu deixei você me convencer a ter outro bebê? — Ela ri.

Eu sorrio e, em seguida, levanto suas pernas, abrindo-as largamente, posicionando uma em cada um dos meus ombros. Eu abaixo minha boca para sua boceta e agito minha língua sobre seu clitóris, deslizando dois dedos dentro de seu calor.

— Oh Deus, — ela geme. — Agora eu lembro.

Fim